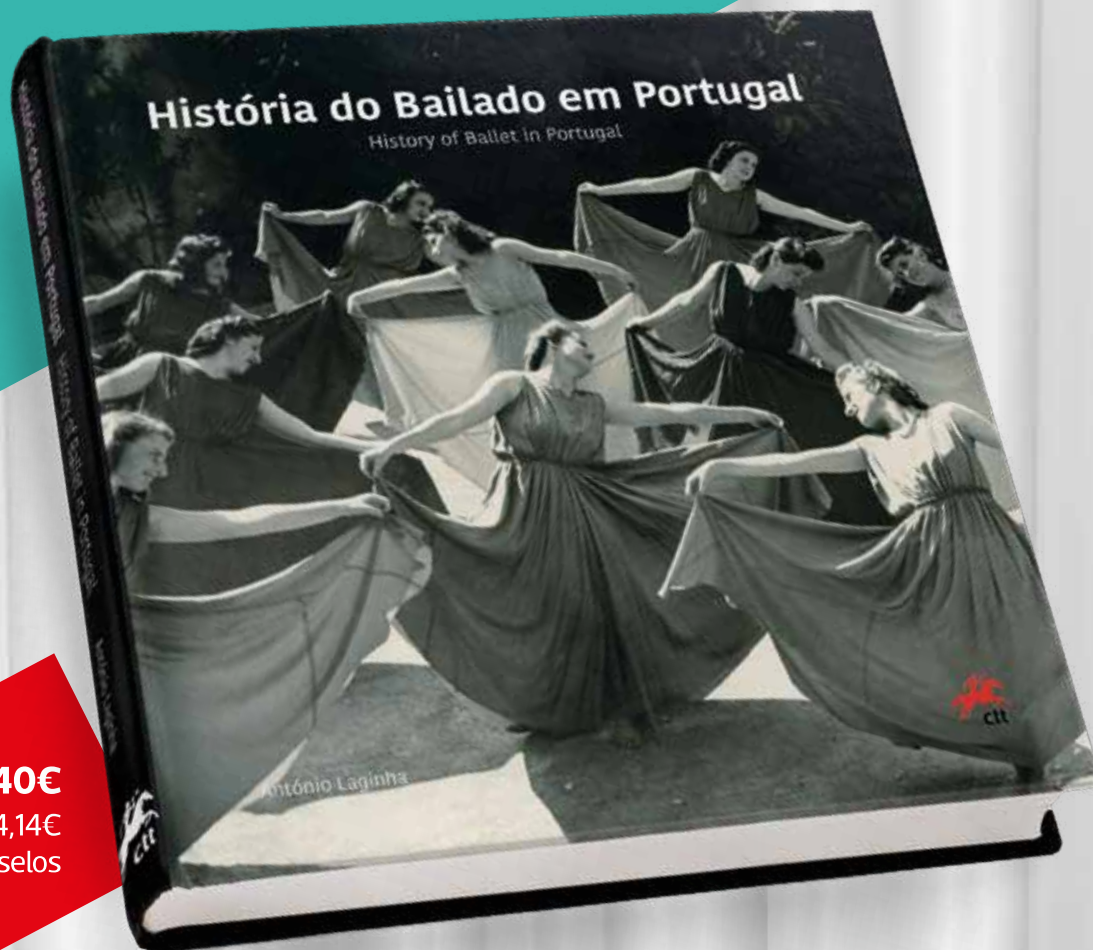


História do Bailado em Portugal



PVP 40€
inclui 4,14€
em selos

O livro ***História do Bailado em Portugal*** da autoria de António Laginha. Esta edição é proposta como uma resenha histórica do bailado que, em certos períodos, se produziu em Portugal. Esta edição bilingue, com tiragem limitada a 4000 exemplares numerados, contém emissão filatélica "Pioneiros da Dança em Portugal", com valor facial de 4,14€.

À venda nas Lojas CTT e em ctt.pt

ctt.pt

Linha CTT 210 47 16 16
Dias úteis das 8h30 às 19h30

a nossa entrega é total



CTT
Correios
de Portugal



CTT
Correios
de Portugal



CTT
Filatelia



FILATELIA LUSITANA

SÉRIE III
NÚMERO 41
JUNHO DE 2021

EDITOR E PROPRIETÁRIO

Federação Portuguesa
de Filatelia-APD

DIRECTOR

Pedro Marçal Vaz Pereira

COLABORADORES NESTE NÚMERO

Carlos Lobão
Francisco Matoso Galveias
Grossinho Dias
João Violante
Jorge Oliveira
Klime Popovski
Luís e Eduardo Barreiros
Luís Frazão
Pedro Marçal Vaz Pereira

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO e PUBLICIDADE

Rua Cidade de Cardiff, n.º 36 B
1170-095 LISBOA
Telef. 21 812 55 08

E-mail: fpf-portugal@netcabo.pt

Website: www.fpfilatelia.wordpress.com

FOTOCOMPOSIÇÃO, MONTAGEM e IMPRESSÃO

MX3 – Artes Gráficas, Lda.
Parque Industrial
Alto da Bela Vista

Pavilhão 50 – Sulim Park
2735-340 Cacém
Tel. 21 917 10 88/89/90

Fax: 21 917 10 04

E-mail: clientes@mx3ag.com

Tiragem:

3000 exemplares

Depósito Legal

n.º 67183/94



Editorial

Pedro Marçal Vaz Pereira

A Filatelia é uma paixão, que movimenta a vida de milhões de pessoas, em todo o mundo.

Colecionamos, estudamos, investigamos, escrevemos, publicamos, expomos, somos clientes de correios e comerciantes, viajamos, encontramos, aprendemos, ensinamos e fazemos a vida de milhões girar à volta desta paixão.

O Dr. Alarcão Troni, ilustre Presidente dos CTT-Correios de Portugal nos anos 90 do século passado, definia a filatelia como **“A montra cultural dos Correios de Portugal”**.

E assim é. Todos os anos os Correios de Portugal e o seu Conselho Consultivo para as Emissões Filatélicas, fazem uma selecção de selos e livros, que devem ser emitidos e publicados no ano seguinte.

Normalmente são emissões de grande relevância histórica, nacional e internacional.

A Filatelia é uma escola de ensino, de cultura, de ocupação importante dos tempos livres, uma ocupação cultural e intelectual, que ajuda jovens e adultos a moldar e direccionar hábitos culturais e muitas vezes opções de vida.

Temos que voltar a usar selos nas cartas, para promovermos a cultura e o interesse pelo coleccionismo. Temos que voltar a comprar selos no correio.

Compete-nos a nós todos, filatelistas, correios e comerciantes não deixar morrer a Filatelia.

Será que vamos ser capazes disso? Só o tempo o dirá.

ÍNDICE

EDITORIAL	1	A 2ª Guerra Mundial na Jugoslávia.....	29
ARTIGOS		O roubo da correspondência do Algarve na década de 30 do século XIX.....	31
De segurada a registada – A longa evolução das marcas do Correio Registado...	2	O dia “D” na Filatelia	35
Guerra Colonial 1961-1974 – O Serviço Postal Militar no ano em que se assinala os sessenta anos do início da guerra.....	12	NOTÍCIAS FEDERATIVAS	37
D. Pedro V – Cabelos anelados – Os cunhos do selo de 5 reis.....	24	LITERATURA	50

DE SEGURA A REGISTRADA

A longa evolução das marcas do Correio Registrado



Bento Grossinho Dias
bentogdias@gmail.com

O correio, inicialmente criado para suprir as carências de comunicações de reis e governantes, tornou-se posteriormente, com o advento da burguesia e da expansão dos seus negócios, numa instituição basilar.

Em 1520 foi criado o cargo de Correio-Mor e Lisboa passou a ser a sede de Administração do Correio. O detentor do ofício de Correio-Mor, a cargo de particulares, tinha de residir em Lisboa e competia-lhe assegurar toda a correspondência dos poderes públicos e dos particulares. O correio ficou a dever a sua reorganização e expansão à família Mata Coronel, estabelecida em Elvas, mas oriunda de Badajoz, que adquiriu o cargo de Correio Mor, durante o reinado de D. Filipe II.

A passagem do correio para propriedade e administração do Reino acontece com o Alvará de 16 de Março de 1797, da extinção do Ofício de Correio-Mor, e onde se ordena ao secretário de Estado da repartição dos Negócios Estrangeiros, nomeado Administrador das Postas, Correios e diligências de Terra e Mar, que “siga por ora os regulamentos actuais”, até que se publiquem os novos. Estes só viriam a aparecer a 1 de Abril de 1799 com a publicação dos 18 artigos que constituem o “Regulamento Provisional para o novo estabelecimento do Correio” (Fig.1).

A maioria das localidades de Portugal teve correio organizado desde meados do séc. XVIII. É a partir de 1 de Agosto de 1799, data em que foi posto em execução o Regulamento Provisório de 1 de Abril de 1799, que as correspondências passaram a ser marcadas com a colocação de um carimbo nominal da estação expedidora. Em alguns casos o carimbo era manuscrito, habitualmente no quadrante inferior esquerdo da carta. Igualmente, era aplicado no quadrante superior direito o selo fixo indicativo do porte a pegar pelo destinatário, calculado em léguas em função da distância entre as localidades e o peso das cartas avaliado em onças.

As cartas oficiais, de serviço público, estavam isentas de pagamento de franquia e continham a indicação de “RS”, “SNR” ou “SN”, indicativa de “Real Serviço”, “Serviço Nacional Real” ou “Serviço Nacional”. A partir de 16 de Julho de 1821, em Lisboa e 27 de Abril de 1822, no Porto, passaram a ser utilizadas datas inseridas em carimbos nominais de esqueleto variável. O período pré-adesivo termina com a emissão dos primeiros selos com a efigie de D. Maria II, em 30 de Junho de 1853.

Sujeitos a grandes perigos, os correios eram por vezes sacrificados, quer por facções em guerra, quer por bandidos ou ladrões profissionais, sempre esperanças em encontrar nas estafetas do correio algo mais que um maço de cartas. A necessidade de salvaguardar os valores trans-

portados levou à criação do seguro, o qual se passou a fazer através de uma sobretaxa nos portes e na transmissão de recibos entre o portador e o receptor, responsabilizando o Correio pela segurança dos bens. Nestas cartas, o correio



Fig. 1 Regulamento provisional para o estabelecimento do Correio, que inclui a tabela de portes de 1 de Agosto de 1799, assinado por Luís Pinto de Sousa e José Diogo Mascarenhas Neto, Superintendente Geral dos Correios e estabelecenco, no seu artigo X as condições de envio de correio seguro (reduzido a 50%)

adicionava a palavra “Seguro”, “Segura” ou “Sigura”, em marca impressa ou manuscrita.

O Regulamento Provisório de 1 de Abril de 1799, diploma que colocou os serviços postais sob a directa gerência do Estado, dividiu os serviços do correio em três administrações separadas - a primeira para os Seguros, a segunda para as cartas do Reino, a terceira para as cartas do Ultramar e estrangeiras. À administração dos Seguros eram entregues as correspondências de certa responsabilidade, para as quais o expedidor solicitava determinada garantia. Esta encarregava-se, não só da transmissão de valores (que no presente circulam sob a rubrica de Valores Declarados), mas também do transporte de documentos ou simples cartas de importância.

O serviço de Seguro teve as suas marcas próprias, que vigoraram por meio século. Foi na grande reforma de 1853 que surgiu a nova designação de cartas “registadas” em lugar de “seguras”, tendo aparecido novas marcas de registo e carimbos obliteradores. Às marcas de registo sucederam-se (e coexistiram em inúmeros casos) a utilização de etiquetas de registo e mais excepcionalmente a utilização de franquias mecânicas ou marcas pré-impressas com indicação do serviço de correio registado.

Segundo o manual dos Correios ingleses, a partir de 1882, os artigos registados deviam ser marcados com linhas transversais em lápis azul em ambos os lados, prática que, embora não obrigatória, também se encontra em correio registado oriundo de Portugal.

CORREIOS MORES

O Correio-mor era um ofício postal criado pelo rei de Portugal D. Manuel I, em 6 de Novembro de 1520, através de uma Carta Régia, a qual entregou a gestão desse serviço a Luís Homem. A criação desse tipo de serviço postal deveu-se à necessidade da nobreza e da burguesia portuguesas de manterem intensos contatos com outros estados e mercados devido à emergência de Portugal como primeira potência marítima.

O ofício de correio-mor era público, o que dava a qualquer súdito a prerrogativa de utilizá-lo mediante um pagamento estipulado. O cargo esteve sujeito à nomeação do rei até 1606, quando Filipe II o vendeu a Luís Gomes da Mata Coronel, primeiro correio-mor das Cartas do Mar, pela quantia de 70.000 cruzados, dando início à primeira dinastia postal do mundo.

A família Mata manteve esse monopólio por quase dois séculos, procurando modernizar os serviços. O correio-mor prestava o serviço por encomenda, não constituindo uma atividade regular, devido principalmente à má conservação das estradas e das condições climáticas, uma vez que as cartas e as encomendas eram entregues a pé ou a cavalo.

A nova conjuntura social portuguesa surgida no final do Séc. XVIII, levou a incorporação do serviço postal pela Coroa, tornando-o estatal em 1797 por decreto da rainha D. Maria I, com o intuito de tornar tal ofício mais eficiente e público. A partir de 1 de Agosto de 1799 o Correio passou a ser oficialmente administrado pelo Estado, sendo José Diogo Mascarenhas Neto o primeiro Superintendente Geral dos Correios e Postas do Reino durante o período de 1799 a 1805, dando término ao ofício dos correios-mores.



Fig. 2 Carta enviada (e assinada) em 30 de Maio 1688, pelo rei D. Pedro II, de Lisboa para a “Meza da Miziricordia de Villa Viçosa”, com indicação “Por El Rey”. Carta desinfectada como atestam os cortes de desinfectação. A menção manuscrita “Com Recibo de entrega” demonstra o envio seguro (A mais antiga carta conhecida enviada com seguro).

OS PORTES DO CORREIO REGISTADO

No período pré-adesivo era aplicado no quadrante superior direito o selo fixo indicativo do porte a pegar pelo destinatário, calculado em léguas em função da distância entre as localidades e o peso das cartas avaliado em onças.

De 1 de Agosto de 1799 a 23 de Abril de 1801 os portes eram calculados conforme o peso em onças ou oitavas de onça, do reino para o reino, de 20 a 180 reis e do reino para o Algarve, entre 40 a 160 reis.

De 24 de Abril de 1801 a 30 de Junho de 1853, os portes variavam conforme o peso em onças e oitavas de onça e a distância entre as localidades, medida em léguas, considerando como 1.ª distância até 10 léguas e como 5.ª distância mais de 40 léguas.



Fig. 3 Cautela de envio seguro de uma carta, de Lisboa para S^{ra} Marta de Penaguião em 28 de Novembro de 1821, tendo pago 220 reis de porte pelo seu peso e 240 reis de prémio de seguro. De notar o carimbo do “TESOURO PUBLICO” (Única peça conhecida)

O prémio de seguro foi mantido em ambas as tabelas em 240 reis, para cartas até 4 onças, e 300 reis para cartas com mais de 4 onças, quando enviadas para o continente e o seu dobro quando enviadas para os territórios ultramarinos.

No período pré-adesivo usava-se a designação de “pezo” e posteriormente de “porte” para designar o montante a pagar pelo transporte da correspondência. No entanto, impressos de cautelas com a data de 1850 impressa ainda utilizavam a designação de “pezo” enquanto que em 1846 já se registava a designação manuscrita de “porte”. Com o aparecimento dos primeiros selos, em 30 de Junho de 1853, passou a encontrar-se a designação de “Porte com sellos”.

OS CORREIOS SOB ADMINISTRAÇÃO DO ESTADO

Nas cartas SEGURAS o porte era pago pelo remetente. O serviço de Seguro teve as suas marcas próprias, e essas marcas especiais, durante o meio século da sua vigência, acompanharam a evolução morfológica dos carimbos de estação expedidora ou dos carimbos datados seus contemporâneos. Ora se reduzia a marca à legenda “SEGURA” (Fig.4), “SEGURO” (Fig.5) ou “SIGURA” (Fig.6) – por ordem crescente de raridade - primeiro em singela inscrição nua (Figs. 4 a 6), depois com cercadura oval (Fig. 7) ou rectangular (Fig. 8), ora se reu-



Fig. 4 Carta “Do Real Serviço” enviada de Viana do Minho para Barcelos, em 13 de Fevereiro de 1817, dirigida ao Capitão Mor e Comandante da 5ª Brigada pelo Almojarife dos Armeiros Reais. Marcas a preto VIANNA DO MINHO em oval e linear SEGURA (conhecida de 1816 a 1828)



Fig. 5 Carta enviada de Fronteira para Lisboa em 7 de Fevereiro de 1833. Marca linear SEGURO FRONTEIRA a vermelho. Somente duas marcas conhecidas, de 1832 a 1833. Porte “50” manuscrito a preto correspondente à 3ª distância (28 léguas, entre 20 e 30) e 4/8 de onça de peso



Fig. 6 Carta enviada de Elvas para Lisboa, em 18 de Março de 1820. Marca linear SIGURA ELVAS a preto (conhecida de 1814 a 1826). Porte “60” manuscrito a preto correspondente à 4ª distância (30 léguas, entre 30 e 40) e 4/8 de onça de peso



Fig. 7 Carta do Serviço Nacional Real “S.N.R.” enviada de Arruda (hoje Arruda dos Vinhos) para Azambuja, em 10 de Julho de 1934, dirigida ao Provedor do Concelho da Azambuja pelo Sub-Prefeito da Comarca de Arruda. Marcas lineares com cercadura oval ARRUDA e SEGURA a azul (conhecida somente em 1834)



Fig. 8 Carta do Serviço Nacional Real “S.N.R.” enviada da Guarda para Esposende, em 17 de Novembro de 1844, dirigida ao Administrador do Concelho de Esposende pelo Governador Civil do Distrito de Braga. Marcas a azul BRAGA e SEGURA ambas em cercadura (conhecida de 1840 a 1845)

niam, no mesmo carimbo, a legenda e o nome da estação do correio (Fig. 9), muito raramente com ornamentos (Fig. 10).

Em Évora foi usada uma variante (“SEGURO DE” ou “SEGURO D’” com a designação “SEGURO D’EVORA” (Fig. 11), semelhante à utilizada, já no período adesivo, em Elvas (Fig. 24) e Moura (Fig. 25), ambas também no Alentejo. De 1843 a 1853 é usada na estação do Porto a primeira marca de registo datada (Fig. 12).



Fig. 9 Carta enviada de Chaves para Lisboa em 15 de Dezembro de 1835. Marca oval e azul SEGURA CHAVES (conhecida em 1835). Mais recente utilização desta marca. Parte circular a azul "70" correspondente à 5ª distância (76½ léguas, mais de 40 léguas) e 4/8 de onça de peso. Marca de chegada de Lisboa de 21 de Dezembro



Fig. 10 Carta do Serviço Nacional Real "S.N.R." enviada de Ponte de Lima para Caminha em 1836, dirigida ao Sub-Delegado do Julgado de Caminha, enviada pelo Delegado de Ponte de Lima. Marca oval SEGURA PONTE DO LIMA a preto (conhecida de 1834 a 1838)



Fig. 11 Carta do Serviço Nacional Real "S.N.R." enviada de Évora para Portel, dirigida ao Sr. Administrador do Concelho de Portel pelo Delegado do distrito de Évora. Marca a preto em cercadura oval SEGURO D'EVORA (conhecida de 1848 a 1852).



Fig. 12 Carta enviada do Porto para Barcellos em 24 de Julho de 1847, dirigida ao Juiz de direito da Comarca de Barcellos, pelo Escrivão da Relação do Porto. Marca enquadrada SEGURA PORTO 24 T 18 47 em azul (conhecida de 1843 a 1850).

Como o seguro de correspondência não era operação muito frequente na maior parte dos correios da província, estes nem sempre possuíam o respectivo carimbo. Limitavam-se a apor no endereço das cartas, ao lado do carimbo nominal, a inscrição manuscrita "Segura" (Fig. 13), "Seguro" ou "Sigura" (Fig. 14).

Estas marcas eram aplicadas normalmente a preto ou sépia, e mais raramente a vermelho (Fig. 5) ou azul (Fig. 7).



Fig. 13 Carta enviada de Pezo da Régua para o Porto em 3 de Janeiro de 1830. Marca linear PEZO DE REGOIA a preto e "Segura" a manuscrito. Única carta conhecida. Porte "40" impresso a preto correspondente à 2ª distância (15 léguas, de 10 a 20) e a 4/8 de onça de peso



Fig. 14 Carta do Real Serviço "R.S." enviada de Crato para Teloza, em 18 de Abril de 1825, dirigida aos Srs. Juizes Ordinarios da Vila de Teloza (hoje Tolosa, concelho de Niza) pelo Corregedor da Comarca. Marca linear CRATO a preto e "Sigura" manuscrita (somente duas cartas conhecidas)

As cartas do Serviço Público eram isentas do pagamento do porte e apresentavam ao centro em cima as iniciais R.S. (Real Serviço) ou S.N.R. (Serviço Nacional Real). As cartas particulares eram obrigadas, não só ao pagamento do porte, como ao pagamento do prémio de registo, de acordo com as tabelas de 1 de Agosto de 1799, de 24 de Abril de 1801 e posteriores.

A única carta segura que se conhece enviada para o estrangeiro ostenta uma marca que usa uma terminologia diferente das usadas internamente: "CERTIFICADA EM LISBOA A ____ DE ____ DE ____" (Fig. 15).

CERTIFICADA
EM LISBOA A 14
DE Julho DE 1821



Fig. 15 Carta segura enviada de Lisboa para Riga (Letónia, então nos Estados Bálticos da Rússia) a 14 de Julho de 1821, com trânsito em Badajoz (marca manuscrita) a 17 de Julho, em Madrid (Marca manuscrita) a 20 de Julho, transitando por França (marca a preto ESPAGNE PARA BAYONNE) e Alemanha até ao destino. Marca a preto "CERTIFICADA EM LISBOA A 14 DE Julho DE 1821", em língua castelhana e "CHARGÉ" em língua francesa. (Colecção Luis Frazão)

LETAS, CAUTELAS E AVISOS DE ENVIO DE CORREIO SEGURO

Como tipo de correspondência segura, o envio de dinheiro pressupunha a utilização de letras (Fig. 16) e cautelas (Figs. 3 e 17). A cautela acompanhava a expedição, enquanto que a letra ficava na posse do correio segurador. Depois do beneficiário ter recebido a importância, a cautela era devolvida ao expedidor. Conhecem-se letras de seguro nos reinados de D. Maria I, D. João VI e D. Maria II.



Fig. 16 Letra de envio de dinheiro (128.000 reis), endereçada ao Correo Mor de Lisboa e válida por 6 meses. Enviada de Guimarães a 10 de Janeiro de 1782 foi recebida em Lisboa a 19 de Janeiro. A mais antiga letra de seguro conhecida (imagem reduzida a 50%).

Os avisos tinham por fim arrolar a correspondência enviada, montantes pagos pelo porte e seguro, e a cuja entrega respondia o Correio destinatário com a cobrança de recibo (Fig. 18) remetido no primeiro correio. Conhecem-se recibos de avisos de envio de correspondência segura dos reinados de D. João VI e D. Miguel I.

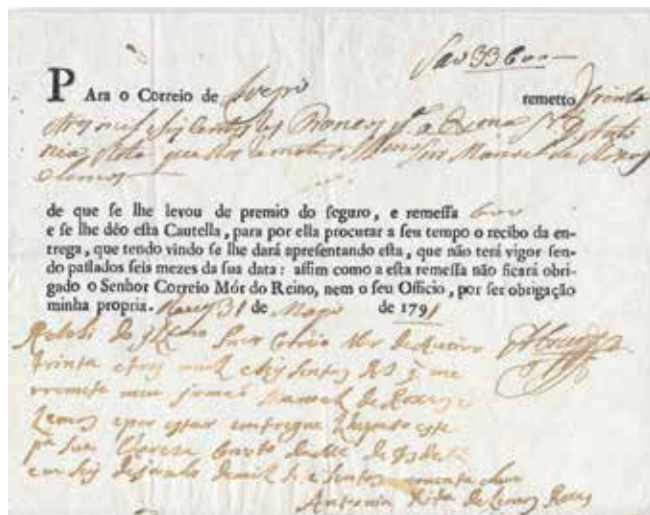


Fig. 17 Cautela de envio de dinheiro (33.600 reis), de Chaves para Aveiro em 31 de Maio de 1791 e recebido a 6 de Junho. Pagou de prémio de seguro 600 reis. A mais antiga cautela de seguro conhecida (imagem reduzida a 50%).



Fig. 18 Recibo de envio de correio seguro, de Messejana para Lisboa, em 11 de Setembro de 1817, e recebido a 16 de Setembro. O mais antigo recibo de envio de correio seguro conhecido (imagem reduzida a 50%).

O CORREIO PORTUGUÊS SOB ADMINISTRAÇÃO FRANCESA

Com um efectivo à volta dos 26 500 homens (infantes, cavaleiros e artilharia), Junot iniciou a marcha em direcção a Portugal a 17 de Outubro de 1807, entrando em Espanha via Fuentarrábia. Chegou à raia Portuguesa, na Beira Baixa a 19 de Novembro, Castelo Branco a 20 de Novembro, Abrantes a 22 de Novembro e Lisboa a 30 de Novembro, com uma vanguarda a rondar os 1 500 soldados, em estado miserável.

Durante a ocupação, Trás-os-Montes em geral e Bragança em particular foram os locais onde a presença franco-espanhola menos se sentiu. Bragança carregou nos ombros o ónus de uma insurreição afirmada, que galvanizou toda a província e serviu de exemplo para o país como um todo. O poder do Norte organizou-se em juntas governativas, destacando-se as de Bragança, sob comando do general Manuel Sepúlveda, e a do Porto, chefiada pelo Bispo Dom António de Castro, que assumiria o governo do País.

Na sequência da 1ª invasão francesa, e abolida que foi a monarquia dos Braganças pelo tratado de Fontainebleau de 27 de Outubro de 1807, a França e a Espanha acordaram dividir Portugal entre si, com a declaração do Porto de 1 de

Fevereiro de 1808 dividindo o Reino de Portugal em três partes: Reino da Lusitânia Setentrional, que compreendia a região a Norte do Douro, exceptuando Trás-os-Montes (ex-rainha da Etrúria), o Reino da Lusitânia Meridional, formado pelo Alentejo e pelo Algarve (o Principado dos Algarves), protectorado do espanhol Manuel Godoy e a Estremadura (incluindo as Beiras, Trás-os-Montes e a própria Estremadura), sob controlo francês.

No intervalo de tempo que decorreu desde finais de Novembro de 1807 e 15 de Setembro de 1808, data do embarque do General Junot e das suas tropas, na sequência da Convenção de Sintra, foram mantidos pelo ocupante os serviços administrativos praticamente com os mesmos quadros que tinham anteriormente. A administração dos Correios e Postas também seguiu esta regra, tendo a sua chefia sido exercida pelo Sr. Savin, com o título de Inspecteur du Courier Général (tendo substituído o director do Correio Geral José Barreto Gomes) e pelo Sr. Forgeot, com o título de Inspecteur de la Poste.

A correspondência oficial passou então a ostentar a referência aos serviços imperiais franceses através das designações “Do Serviço Imperial e Real” (Fig. 19) ou simplesmente “Do serviço imperial” (Fig. 20), tendo-se mantido a utilização das marcas de correio seguro.

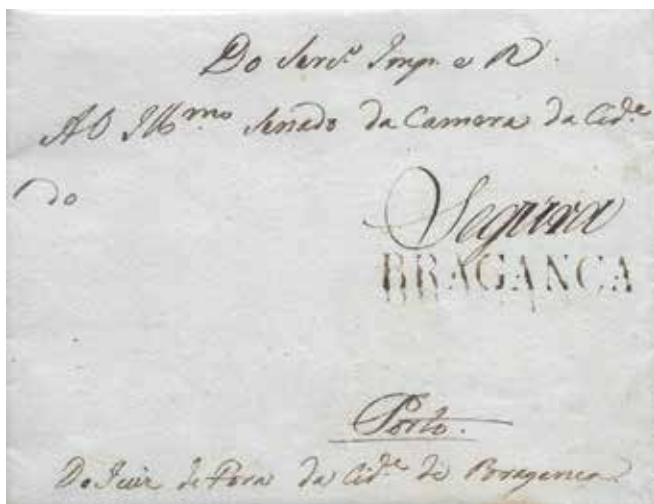


Fig. 19 Carta “Do Serv. Imp. e R” (Carta do Serviço Imperial e Real) enviada de Bragança para o Porto em 25 de Fevereiro de 1808, dirigida ao Senado da Comarca do Porto pelo Juiz de Fora da Cidade de Bragança. Marca linear BRAGANÇA a preto e “Segura” a manuscrito (Única carta conhecida)



Fig. 20 Carta “Do Serviço Imperial” enviada de Leiria para Abrantes em 18 de Junho de 1808, dirigida ao Corregedor Mor da Província da Estremadura, pelo Corregedor da Comarca de Leiria. Marca linear LEIRIA a sépia e “Segura” a manuscrito (Única carta conhecida)

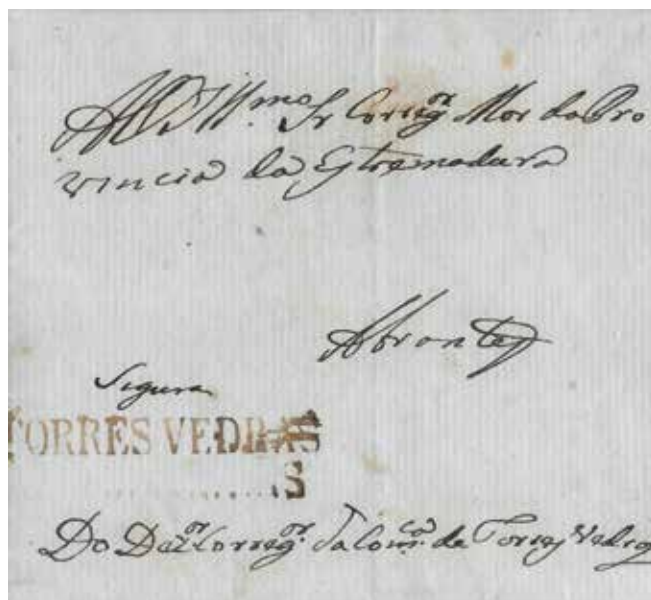


Fig. 21 Carta enviada de Torres Vedras para Abrantes em 6 de Julho de 1808, dirigida ao Corregedor Mor da Província da Estremadura, pelo Corregedor da Comarca de Torres Vedras. Marca linear TORRES VEDRAS a sépia e “Segura” a manuscrito (Somente duas cartas conhecidas, entre 1808 e 1810).

CERTIFICADOS DE CORRESPONDÊNCIA REGISTRADA

A correspondência enviada como Correio Registrado era entregue de forma personalizada na morada do destinatário, sendo entregue ao remetente o respectivo certificado (mais tarde designado por recibo), necessário para a reclamação da indemnização, devidamente tabelada, a que o remetente tinha direito em caso de extravio e pelo prazo de seis meses.

Conhecem-se certificados de correspondência registrada para Portugal (Fig. 22), Espanha (Fig. 23) e França (Fig. 24).



Fig. 22 1º Certificado de correspondência registrada emitido na Estação Postal de Lisboa, enviada para Santarém em 13 de Dezembro de 1853 (modelo nº15), tendo pago o prémio de 100 reis. O mais antigo certificado de correspondência registrada (imagem reduzida a 50%).



Fig. 23 Certificado de correspondência registada para Espanha, emitido na Estação Postal de Lisboa, enviada para Granada em 11 de Abril de 1872, tendo pago o prémio de registo de 100 reis (imagem reduzida a 50%).



Fig. 24 Certificado de correspondência registada para França, emitido na Estação Postal de Lisboa, enviada para Paris em 19 de Dezembro de 1873, tendo pago o prémio de registo de 100 reis que acresce ao porte de 240 reis, totalizando 340 reis, a manuscrito (imagem reduzida a 50%)

OP PERÍODO ADESIVO: DE SEGURA A REGISTRADA

Foi na grande reforma de 1853 que surgiu a nova designação de cartas “registadas” em lugar de “seguras”. No entanto ainda se encontram marcas SEGURA/SEGURO no período adesivo (Figs. 25 e 27), algumas de concepção posterior à reforma.

O aparecimento das marcas REGISTRADA deu-se progressivamente, com a utilização de indicações manuscritas (Fig. 26), marcas lineares com cercadura (Fig. 28) e sem cercadura (Figs. 32, 33 e 34), marcas ovais não datadas (Fig. 29), datadas (Fig. 30) e circulares datadas (Figs. 31, 33, 35 e 40).

O manual inglês de 1883 menciona pela primeira vez a utilização de carimbos de registo com as letras “REG” inscritas no centro e acima da data. Portugal seguiu esta normativa, como tantas outras administrações postais, com a adopção de um “R” nos carimbos dedicados ao correio registado.



Fig. 25 Carta do Serviço Nacional Real “S.N.R.” enviada de Elvas para Fronteira em 12 de Maio de 1855, dirigida ao Pároco e Vigário de Fronteira pelo Vigário Governador do Bispado de Elvas. Marca oval SEGURO DE ELVAS a preto (não conhecida no período pré-adesivo)



Fig. 26 Carta do Serviço Nacional Real “S. N. R.,” enviada de Borba para Portalegre em 28 de Julho de 1856. Dirigida ao Administrador do Concelho de Portalegre pelo Tenente Chefe da 4ª e 5ª Secção da Estrada de Aldegallega à Fronteira. Marca BORBA a preto e “Regda” manuscrito a preto (conhecida após 1856). Mais antiga marca conhecida



Fig. 27 Carta do Serviço Nacional Real “S. N. R.,” enviada de Pias para Moura em 10 de Julho de 1861, dirigida ao Presidente da Câmara de Moura pelo Professor do ensino primário da Freguesia de Pias. Marca oval SEGURO DE MOURA a preto (não conhecida no período pré-adesivo).



Fig. 28 Carta de “Interesse Público” enviada de Valença para Vila Nova da Cerveira em 4 de Julho de 1858, dirigida ao Juiz Ordinário do Julgado de Valença pelo Escrivão de Direito da Comarca de Valença. Marca linear com cercadura REGISTRADA a preto e marca circular



Fig. 29. Carta do Serviço Nacional Real "S. N. R.," enviada de Thomar para Abrantes, dirigida ao Provedor da Misericórdia de Abrantes pelo Provedor da Misericórdia de Thomar. Marca oval REGISTADA THOMAR a azul (conhecida desde 1854). Mais antiga marca conhecida



Fig. 30 Carta do Serviço Nacional Real "S.N.R." enviada de Lisboa para Abrantes em 22 de Setembro de 1856, dirigida ao Provedor do Hospital da Mesericórdia de Abrantes pelo Comandante do Regimento de Infantaria nº11. Marca oval datada REGISTADA LISBOA a preto com 22 9 56 (tipo I, letra romana, sem ornamentos a ladear)



Fig. 31 Interesse particular enviado do Porto para Coimbra em 10 de Março de 1860, dirigida ao Juiz Ordinário do Julgado de Coimbra. Marca PORTO/REGISTADA 10*3 60 (tipo I), a mais antiga marca de registo datada (conhecida desde 25 de Junho de 1856)



Fig. 32 Carta enviada de Vila do Conde para Madrid, Espanha, em 5 de Julho de 1871. Franquiada com selo de 100 reis D. Luis I Fita Curva de 1869 e dois selos de 25 reis D. Luis I Fita Direita de 1870, totalizando 150 reis, referentes a 50 reis para o porte de uma carta para Espanha e 100 reis para pagar o prêmio de registo. Obliterados pelo carimbo oval de barras de Vila do Conde com o nº 73. Marca datada Vª DO CONDE 5|7 1871, encimada por REGISTADA. Única conhecida. Carimbo circular datado de trânsito de Lisboa de 7 de Julho

Fig. 33 Carta enviada do Porto para Carnide (Lisboa) em 4 de dezembro de 1873. Franquiada com selos de D. Luis I Fita Direita de 100 reis de 1871 e quatro de 25 reis de 1870, totalizando 200 reis (manuscrito "100-100"), referentes a 100 reis para o 4º porte de uma carta nacional até 4x10 gr e 100 reis para pagar o prêmio de registo. Obliterados pelo carimbo circular datado REGISTADA PORTO (tipo VI) a preto com 4 12 1873. Marca linear a preto REGISTADA. Carimbo circular datado de Lisboa de 5 de Dezembro (reduzida a 75%)





Fig. 34 Carta com manuscritos (“manuscritos” a preto) enviada de Elvas para Praga, Austria (hoje República Checa), em 25 de Dezembro de 1892. Franquiada com quatro selos de 25 reis de D. Carlos I de 1892, totalizando 100 reis, referentes a 50 reis para o porte de manuscritos enviados para a Europa até 250 gr e 50 reis para pagar o prémio de registo. Obliterados pelo carimbo circular datado CORR^o E TEL^o/ELVAS com 25 DEZ 92. Marca genérica de registo “REGISTADO” com indicação manuscrita “4921” a preto (reduzida a 75%)

Durante uma hora, depois de fechada a caixa geral, aceitavam-se na respectiva administração, direcção ou delegação, correspondências para serem ainda expedidas na mala do dia, pagando o remetente, por cada carta ou maço de papeis, 20 reis. Assim surgiu o carimbo “RECEBIDA DEPOIS DAS 6 HORAS” em Lisboa (Fig. 35).

da comum “REGISTADA”, e conhecem-se a partir de 1856 quase exclusivamente a preto. Se exceptuarmos as de Lisboa, que eram datadas, todas as demais eram desprovidas de data, sendo raros os exemplos em que a legenda “REGISTADA” e o nome da estação de correio estão invertidos.

Foram cerca de 200 as marcas deste tipo que foram usadas, sendo todas raras ou muito raras (em muitos casos



Fig. 35 Carta enviada de Lisboa para Solingen, Alemanha, em 2 de Novembro de 1896. Franquiada com quatro selos D. Carlos I de 1895 de 25 reis, totalizando 100 reis, referentes a 50 reis para o porte de uma carta para a Europa até 20 gr e 50 reis para pagar o prémio de registo. A taxa de última hora, de 20 reis, só com o regulamento de 14 de Junho de 1902 começou a ser paga em selos. Obliterados pelo carimbo circular datado RECEBIDA DEPOIS DAS 6 HORAS/R/LISBOA (CENTRAL) -2 NOV.96. Carimbo octagonal datado de chegada de Solingen de 6 de Novembro. Etiqueta de registo de Lisboa (Central) modelo nº43 (reduzida a 75%).



Fig. 36 Carta enviada de Oliveira do Bairro para Lisboa em 22 de Dezembro de 1911. Franquiada com selo D. Manuel I de 1910 (utilizado no período republicano) de 100 reis e selo de 25 reis do 4º Centenário da descoberta do Caminho marítimo para a Índia com sobrecarga “REPÚBLICA” de 1911, totalizando 125 reis, referentes a 75 reis para o 3º porte de uma carta nacional até 3x20 gr e 50 reis para pagar o prémio de registo. Obliterados pelo carimbo circular datado CORR^o E TEL^o/O. DO BAIRRO com 22 DEZ.11. Marca de registo circular REGISTADO/PORTUGAL a preto (único conhecido), com indicação manuscrita “1775” a preto. Carimbo octagonal datado de chegada de Lisboa de 23 de Dezembro (reduzida a 75%)



AS MARCAS DE REGISTO OVAIS

As primeiras marcas de Registo com a indicação da estação postal, geralmente de cercadura oval, apresentavam, a encimar o nome da estação de correio, a legen-

únicas), encontradas sobretudo em cartas do S.N.R. ou do serviço dos correios, mas também em correspondência particular contemporânea.

A maioria dos postos de correio de maior dimensão usaram este tipo de marca oval para identificar o correio re-

gistado. Com poucas exceções, nomeadamente os postos com nomes muito extensos, as marcas possuíam um ornamento central (Fig. 37 e 39). Como sucede aos carimbos de pouco uso, algumas destas marcas ovais não datadas “REGISTADA”, criados com a reforma postal de 1853, mantiveram-se em uso durante largos anos, até à década de 1970, tendo sido retirado o ornamento central para permitir a inscrição do número do registo.

A sua substituição pelas etiquetas de registo e marcas rectangulares de registo, não impediu, no entanto, a muito rara utilização conjunta (Fig. 39).



Fig. 37 Carta do Serviço Nacional e Real “S.N. e R.” enviada de Alemquer para Lisboa, enviada pelo Juiz Ordinário do Julgado de Alemquer. Marca oval com ornamento REGISTRADA ALEMQUER a preto e marca de porte “50” correspondente ao prémio de seguro



Fig. 38 Carta do Serviço Nacional e Real “S.N. e Ral” enviada de Alfeizerão para Alcobça em 5 de Janeiro de 1880, dirigida ao administrador do Concelho de Alcobça pelo Regedor da Freguesia de Alfeizerão. Marca oval sem ornamento REGISTRADA CALDAS DA RAINHA a preto, marca com cercadura rectangular S. MARTINHO DO PORTO a preto e carimbo oval CORREIO DAS CALDAS DA RAINHA de 7 de Janeiro de 1880



Fig. 39 Carta enviada de Famalicão para o Porto em 16 de Outubro de 1882. Franquiada com 3 selos de 1882 D. Luis de frente de 25 reis, totalizando 75 reis, referentes a 25 reis para o porte de uma carta nacional até 15 gr e 50 reis para pagar o prémio de registo. Obliterados pelo carimbo circular datado FAMALICÃO 16 10 1882. Marca oval com ornamento REGISTRADA FAMALICÃO a preto. Etiqueta de registo “Registado Nº” sem identificação da estação postal e com o nº “510” manuscrito

Muito excepcionalmente estas marcas foram usadas para obliterar selos, com ou sem ornamento central, e raramente com a data manuscrita. Das cerca de 200 estações postais que receberam esta marca, só se conhecem a obliterar selos, sobretudo das emissões D. Luís I de 1880-81, 1882-83, 1884-87 e D Carlos I de 1892-93 e 1895-96, cerca de cinquenta.

VALORES DECLARADOS (V.D.)

O serviço de Valores Declarados, o segundo dos ramos em que se dividiu o antigo Seguro, possuiu o seu primeiro carimbo no findar do século XIX, na estação central de Lisboa.

O envio de Valor Declarado destinava-se a proteger o conteúdo das correspondências, com objetos ou documentos de valor, no montante declarado pelo remetente, devendo ser utilizado no envio de objetos de valor realizável, notas de banco ou outros títulos. Em casos de perda, avaria ou espoliação total, o cliente seria reembolsado pelo valor real da perda, não podendo exceder a importância declarada.



Fig. 40 Carta registada com Valor Declarado (mais antiga conhecida) enviada de Vila Nova de Famalicão para Nice, França, em Fevereiro de 1873. Franquiada com selos de 80 e 100 reis D. Luis I Fita Direita de 1871, totalizando 180 reis (manuscrito “100+80”), referentes a 80 reis para o porte de uma carta para Espanha e 100 reis para pagar o prémio de registo. Obliterados pelo carimbo oval de barras de Villa Nova de Famalicão com o nº 76. Marcas de registo CHARGÉ a preto e REGISTRADA a vermelho. Carimbo circular datado de trânsito do Porto REGISTRADA-PORTO 4 | 2 1873 (tipo II). Única conhecida. Marca de valor declarado a preto POIDS/CAHETS. Carimbos circulares datados de trânsito ESP ST JEAN-DE-LUZ 3|AMB C de 8 de Fevereiro, a vermelho, BORDEAUX A CETTES 2º|| de 8 de Fevereiro e LYON A MARSEILLE 1º|A de 9 de Fevereiro, ambos a preto e carimbo circular datado de chegada de Nice de 10 de Fevereiro



Fig. 41 Certificado de registo de carta com valor declarado, emitido na Estação Postal de Penacova, enviada para Lamego em 27 de Março de 1895, tendo pago 25 reis de porte, 50 reis de prémio de registo e 250 reis de valor declarado (0,25% do montante declarado de 100 000 reis), totalizando 325 reis. Carimbo circular datado CORRº E TELº/PENACOVA 27 MAR.95 a preto

Guerra Colonial 1961-1974 – O Serviço Postal Militar no ano em que se assinala os sessenta anos do início da guerra

Drs. Eduardo e Luís Barreiros



O Serviço Postal Militar, (SPM) foi organizado em consequência dos acontecimentos que ocorreram em Angola, a partir de Março de 1961, tendo expandido os seus serviços a todas as Províncias Ultramarinas.

Os movimentos insurgentes armados em luta contra a soberania Portuguesa iniciaram as hostilidades com o assalto em Luanda à Casa de Reclusão e à Esquadra da Polícia de Segurança Pública, em 4 de Fevereiro de 1961. Posteriormente ocorreram as atrocidades cometidas pelos guerrilheiros da União das Populações de Angola (UPA) contra as populações do Norte de Angola em 15 de Março do mesmo ano em que foram mortos 800 Portugueses.

Para fazer face a esta agressão, foram mobilizadas inicialmente algumas unidades militares, transportadas de início por via aérea e posteriormente por via marítima colocando no terreno milhares de efectivos (Fig. 1).



Figura 1 - Luanda, Agosto de 1961. O desfile das tropas após o desembarque.

O Serviço Postal Militar, (SPM) foi organizado em consequência destes acontecimentos tendo expandido os seus serviços a todas as Províncias Ultramarinas.

O SPM, foi estruturado segundo as normas utilizadas anteriormente no Regulamento do Serviço Postal de Campanha, do Corpo Expedicionário Português-CEP, que serviu as tropas Portuguesas em França, de Fevereiro de 1917, com a chegada das primeiras tropas à Flandres, até ao fim da 1ª Guerra Mundial.

O aumento do número dos efectivos militares em operações no Norte de Angola, e a impossibilidade de actuação dos Correios Telégrafos e Telefones (CTT) da Província de Angola, na localização das unidades militares nas zonas de intervenção, determinou a acumulação em Luanda, de gran-

de quantidade de correspondência não encaminhada, para os destinatários.

Foi esta situação dramática, que o responsável pela Chefia do SPM, Capitão graduado Ernesto Lourenço Dias Tapadas encontrou no dia 27 de Junho de 1961, quando chegou a Luanda (Fig. 2).



Figura 2 - Luanda, Agosto de 1961. O Capitão Ernesto Tapadas em frente ao Q.G. da 3ª Região Militar de Angola.

Em 25 de Julho de 1960, tinha sido requisitado aos CTT, graduado com o posto de Capitão e mandado apresentar no Quartel General da 3ª Divisão, no Campo Militar de Santa Margarida, por ter sido nomeado Chefe do Serviço Postal da Divisão (O.S. Q.G. / 3ª Divisão nº. 140). Organizou com reconhecida eficiência, o Serviço Postal durante as manobras militares. Em 19 de Agosto, terminadas as manobras, regressa aos CTT (O.S. Q.G. / 3ª Divisão nº. 161).

Em 23 de Junho de 1961, é de novo requisitado aos CTT, graduado com o posto de Capitão e encarregado pelo então Chefe do Estado Maior do Exército, General Luís M. Câmara Pina para organizar e pôr em funcionamento um Serviço Postal Militar no Ultramar (informação nº. 37 / P.J. de 17 de Junho da 1ª Repartição do E.M.E., O.S. nº. 49 do E.M.E.).

O principal objectivo era criar uma estrutura, que fosse capaz de libertar o correio que se encontrava acumulado, desde há três meses em Luanda, e de o fazer chegar às mãos dos militares em campanha, seus destinatários, e assegurar a continuidade desse serviço em condições de regularidade, destinado a satisfazer todas as necessidades postais e telegráficas da população militar de Angola.



Figura 3 - Carta enviada de Constância em 11 de Julho de 1961 endereçada a militar no Quartel General em Luanda. De notar, o apontamento a lápis do Indicativo Postal Militar e em cima nota manuscrita do destinatário de ter sido recebida com atraso.

Uma das medidas mais importantes e que foi determinante para a rápida implantação e bom funcionamento do SPM, foi a introdução do código de endereço, a que se chamaria Indicativo Postal Militar ou vulgarmente conhecido como número do SPM (Fig.3). Era constituído por um número com quatro algarismos em que os três primeiros à esquerda, definiam a unidade militar e o quarto, a Província Ultramarina.

Os algarismos representativos das Províncias Ultramarinas e da Metrópole ficaram assim distribuídos:

Índia	- 1	Angola	- 6
São Tomé	- 2	Cabo Verde	- 7
Macau	- 3	Guiné	- 8
Moçambique	- 4	Metrópole	- 9
Timor	- 5		

Os Indicativos Postais (IP) terminados em 1, inicialmente destinados ao Estado da Índia, foram mais tarde atribuídos aos navios da Armada Portuguesa. Até Agosto de 1966, aos navios da Marinha de Guerra, eram atribuídos os IP correspondentes às Províncias Ultramarinas onde prestavam serviço. No entanto, as deslocações frequentes destas unidades navais, criavam dificuldades na entrega do correio com os inevitáveis atrasos. A fim de resolver este problema, a Chefia do SPM em nota-circular nº. 3250/A de 23-8-1966, decide anular os IP que lhes estavam atribuídos e substituí-los por outros terminados em 1¹.

Os IP, eram inicialmente atribuídos pelo Estado Maior do Exército às unidades mobilizadas, antes do embarque para o Ultramar, devendo o militar transmiti-lo aos seus correspondentes, que o deviam escrever no endereço. Os Comandos das Regiões Militares ou os Comandos Territoriais Independentes, atribuíam os IP às unidades militares mobilizadas a partir dos territórios ultramarinos. A circular nº. 3597/PJ, de 10 de Agosto de 1961, do EME regularizava a utilização do Indicativo Postal e a circular nº.3142 / PJ, de 19 de Janeiro de 1962, do EME fazia anteceder os algarismos, das letras SPM, para que não houvesse confusão entre os IP e os números das Caixas Postais em uso nos correios civis ultramarinos (Fig. 4).



Figura 4 - Carta enviada do Cadaval em 15 de Agosto de 1961, para militar da Companhia nº 103 do Batalhão de Caçadores 96, comandada pelo Ten. Coronel Maçanita, em operações em Nambuanguo, Norte de Angola. Foi enviada para a caixa postal 1246 por não estarem ainda organizados os Indicativos Postais Militares.

Mais tarde, a atribuição dos IP às unidades passou para a competência da Chefia do SPM. Os Indicativos Postais, por corresponderem à localização das unidades militares em operações, deviam manter-se confidenciais e o seu conhecimento era limitado aos militares em funções de comando. A indicação do IP tornou-se obrigatória a partir de 1-1-1963, conforme as instruções da circular nº. 3597/PJ emitida pelo EME, em 18-8-1961 (Fig. 5).



Figura 5 - Carta enviada de Leiria em 16 de Outubro de 1961 para o mesmo destinatário em Angola mas já com o respectivo Indicativo Postal Militar da unidade, SPM 1316.

A partir de 1 de Julho de 1962, todas as correspondências deveriam ser devolvidas ao remetente se apresentassem para além do número, nome, posto do destinatário e IP, a localização e indicação exacta da unidade a que pertenciam.

Inicialmente os IP, cujos números contivessem zeros à esquerda, definiam unidades da guarnição normal e os restantes designavam unidades de reforço. Mais tarde, esta regra veio a ser alterada pelo aumento do número de unidades militares, principalmente em Angola, à medida que foi necessário atribuir novos IP. Apesar de, como já referimos anteriormente, a cada unidade militar ser atribuído um número de IP ou SPM, é possível encontrar o mesmo número de SPM atribuído a diferentes unidades, em épocas distintas da Guerra do Ultramar².

O SPM, era constituído por uma Chefia, como órgão directivo e coordenador, tinha como objectivo a centralização das correspondências militares, com independência face

¹ BARREIROS, Eduardo e Luís. História do Serviço Postal Militar. Guerra Colonial 1961-1974. Lisboa. 2004. Anexos pág. 406

² Idem pág. 406-456

aos CTT, apesar destes continuarem a ser os órgãos de recolha da correspondência nacional, e a enviassem ao centro de correio militar.

Em algumas das antigas Províncias Ultramarinas, nomeadamente em Angola e Moçambique, o SPM conseguiu a quase completa libertação em relação aos Serviços Aduaneiros, na verificação e cobrança de taxas das encomendas postais.

Inicialmente, o pessoal que ingressou nos quadros do SPM, era constituído por funcionários dos CTT e CTTU que foram graduados em Oficiais e Sargentos, de acordo com a sua posição hierárquica nesses serviços. No entanto, e porque os CTT não podiam continuar a ver desfalcados os seus quadros, houve necessidade de recorrer ao pessoal miliciano, surgindo em 1966, o Centro de Instrução do SPM para Oficiais e Sargentos Milicianos, que funcionou na Chefia do SPM, no Forte do Bom Sucesso, com pessoal docente e meios de instrução, nomeados e criados para esse fim.

A dimensão que atingiu o SPM, pode traduzir-se pelo número dos efectivos militares, oficiais, sargentos e praças que constituíram os seus quadros. Assim, exerceram funções técnicas na Metrópole e no Ultramar um total de 202 oficiais e 504 sargentos. Para além destes, há que fazer referência ao pessoal não técnico, ordenanças e condutores que auxiliavam o SPM.

Cada órgão postal era inicialmente definido a partir do efectivo militar a servir, o que imediatamente influenciava as respectivas dotações. Um efectivo militar até 3000 homens definia um Posto Militar de Correio (PMC) e quando superior, uma Estação Postal Militar (EPM). Muito mais tarde estes índices foram alterados e organizados segundo o esquema.

- de 800 a 1500 homens - PMC chefiado por um 1º Sargento
- de 1501 a 2500 homens - PMC chefiado por um 1º Sargento com reforço
- superior a 2500 homens - EPM chefiado por oficial subalterno

Existiam também, as Estações Postais Militares Principais com a dotação de um Capitão e um ou dois subalternos, coadjuvados por Sargentos.

Dependente de cada EPM principal, havia tantas EPM secundárias, quantas as necessárias. A numeração destas estações fez-se com dois algarismos, sendo o primeiro representativo da EPM secundária e o segundo da EPM principal. Por exemplo, as EPM secundárias em Moçambique tiveram a numeração 14, 24, 34, 44, 54 e 64.

Em cada unidade militar, havia um ou mais elementos responsáveis em dar sequência ao serviço de correio proveniente dos Órgãos Postais Militares, entregando as correspondências ao pessoal das suas unidades, executando pequenas operações de carácter postal, procedendo à expedição do respectivo correio em malas fechadas, segundo as indicações técnicas e os ensinamentos adquiridos em cursos adequados de especialização.

As EPMs mais importantes foram, a EPM-19 que funcionou em Lisboa no Aeródromo Base nº. 1, no Figo Maduro; o Posto Militar de Correio PMC-176, em Luanda, na Base Aérea nº.9; a EPM-17 no Aeródromo de Trânsito nº.1 (AT1) na Ilha do Sal, em Cabo Verde (Fig.6) ; o PMC-108 na Base Aérea nº.2 em Bissalanca, em Bissau - Guiné, (a partir de 1965 a Base Aérea nº.2 passou a designar-se por nº.12); a Delegação da EPM-4, no Aeroporto da Beira, e ainda todas as EPM servidas directamente por aeroportos e gares marítimas.



Figura 6 – Aeródromo de Trânsito Nº 1, Ilha do Sal em Cabo Verde, carta isenta de franquia para o RAP 1 em Sacavém.

A grande maioria das marcas de dia, que foram utilizadas pelo SPM, salvo algumas encomendadas a oficinas locais em Angola e Moçambique, foram fabricadas pela firma *Viçoso, Moratalla & Cp^a. Lda³*. com sede em Lisboa desde 1948 e que dispunha de oficina especializada, e era a habitual fornecedora de marcas de dia dos CTT e CTTU.

Após a publicação do Decreto Lei nº. 46 826, de 4 de Janeiro de 1966 e da Portaria nº.22 118 publicada no Diário do Governo⁴, I Série, nº.165 de 18 de Julho de 1966 que aprovou, pôs em execução e regulamentou o SPM, ficou completamente definida a organização do SPM na Metrópole e Ultramar. Estes diplomas legais, vieram preencher uma lacuna e serviram finalmente para corporizar oficial e juridicamente a existência de um serviço, cuja actividade se desenvolvia efectivamente desde Julho de 1961. Os Decretos nº. 45 253 de 20 de Setembro de 1963 e 47 643 de 15 de Abril de 1967, definiram condições técnicas adicionais e complementares, resultantes de acordos prévios com os CTT e CTTU. No entanto, os quadros do SPM, só ficaram completos no ano de 1968.

À medida que o SPM se foi instalando no terreno, ganhou progressiva autonomia em relação aos CTTU, aumentando também a sua eficácia e prestígio.

Ao contrário do que sucedeu em Angola, o SPM já estava montado e em pleno funcionamento, quando tiveram início as acções de guerrilha, na Guiné e Moçambique.

Nasceu assim, o Serviço Postal Militar, que se iria expandir, nos anos seguintes a todas as Províncias Ultramarinas, servindo com grande eficácia os três ramos das Forças Armadas e Forças Militarizadas.

1. LISBOA - ESTAÇÃO POSTAL MILITAR Nº.9

O grande volume de correspondência e a necessidade de, por razões de segurança, se terem abandonado as formas clássicas de endereço e a sua substituição pelo Indicativo Postal Militar, demonstrou a necessidade de estabelecer na Metrópole, um órgão postal com funções de centralização do correio.

Esta estação, teria que ter capacidade para seleccionar as correspondências e as encomendas, com base na interpretação dos Indicativos Postais, manter reservadas as medidas de segurança militar, estar apta diariamente a ser informada acerca da posição das unidades destacadas no

³ Idem pág. 53

⁴ Idem pág. 400

Ultramar, com o objectivo de proceder ao encaminhamento adequado e imediato do correio. Constituiu-se assim, por alvará nº. 216, de 14 de Setembro de 1961 a Estação Postal Militar nº.9 (EPM-9) localizada no Convento da Graça, no Largo da Graça nº. 94 em Lisboa, aberta à exploração em 9 de Setembro de 1961 (Fig.7). Mais tarde, para dar assistência às correspondências de “última hora” foi criada, a Estação Postal Militar nº.19 (EPM-19) instalada no Aeródromo Base nº 1 da Força Aérea, no Figo Maduro, próximo do Entreponto Postal Aéreo dos CTT.



Figura 7 - Lisboa - 1962. Largo da Graça, escadaria dos antigos Serviços de Saúde. Grupo de Oficiais e Sargentos que formaram o núcleo inicial do SPM. Em primeiro plano, ao centro, o Major Ernesto Dias Tapadas (1). A Chefia da EPM-9, foi confiada ao Tenente Aguialdo Raposo de Andrade (2), tendo como colaboradores o Tenente Francisco António Sezinando (3) e os Alferes milicianos, Álvaro de Oliveira Gonçalves Serra (4), Carlos Guilherme de Andrade Peres e Sá, Amálio Gonçalves Cardoso (5), João Dias Belo, José Henrique Pargana Calado (6), Rúben Rodrigues Costa (7) e António Escoval Charrama (8) e ainda os Sargentos Fernando Delgado Oliveira (14), Manuel Pereira (15), José Esteves (16), Dâmaso Martins da Silva, Rui Fernando de Oliveira Verdial, José Manuel Gonçalves e o Fúriel Domingos Mendes Raposo. Nesta fotografia, podemos ainda identificar os Alferes João Gonçalves Pinheiro (9), Cristiano Ribeiro Galvão (10), Joaquim Pires Afreixo (11), Fernando G. Dias Costa (12), Américo Augusto Alves de Lima (13).

A EPM-9 e a Chefia do SPM, em 31 de Dezembro de 1964 foram transferidas para o Forte do Bom Sucesso, em Pedrouços onde mantiveram a sua actividade até ao seu encerramento a 31 de Dezembro de 1981.

2. SERVIÇO POSTAL MILITAR EM ANGOLA

Como já foi referido anteriormente, a organização do SPM teve início em Angola, e foi determinada pela necessidade imperiosa de distribuir às tropas em combate, no Nor-

te de Angola, uma grande quantidade de correspondência acumulada numa área do 3º andar do Quartel General, em Luanda.

Antes da abertura à exploração da Estação Postal Militar nº. 6 em Luanda, todo o volume de correspondência recebida, em dia de chegada de avião, era manipulada apenas por dois sargentos, sem formação específica para o efeito, e que normalmente trabalhavam toda a noite, na separação e distribuição do correio não conseguindo no entanto, resultados satisfatórios.

No início do funcionamento do SPM, a reexpedição da correspondência para a zona operacional funcionava em regime accidental, sem garantia de expedição e sem conhecimento das vias mais indicadas para o escoamento da correspondência, uma vez que a Força Aérea nem sempre oferecia a alternativa mais eficaz, em comparação com as linhas aéreas regulares da DTA - Direcção dos Transportes Aéreos de Angola ou o Caminho de Ferro.

A entrega de correspondência e das encomendas fazia-se por via aérea, militar ou civil, por via de superfície, quer fosse por comboio, colunas militares ou carreiras de camionagem.

O trânsito da correspondência pela Estação Central dos Correios de Luanda, dava origem a atrasos consideráveis na chegada à EPM-6, pelo que havia necessidade de ultrapassar este obstáculo, fazendo transitar as malas, directamente da Central Militar em Lisboa, a EPM-9 para a EPM-6.

Assim, com a publicação do Alvará nº.21 publicado no Boletim Oficial, I série, nº. 29 de 1961, é posta a funcionar em 21 de Julho de 1961, a Estação Postal Militar Principal nº.6, em Luanda. Ficou, inicialmente instalada no edifício da Companhia de Comando e Serviços do Quartel General (Fig. 8).

Com base no cálculo provável de tráfego, em função dos efectivos militares e segundo o horário de funcionamento, foi a EPM-6 dotada com o seguinte pessoal:

- Chefe da EPM com o posto de Tenente graduado
- 1 Alferes graduado; 6 Aspirantes graduados
- 2 Sargentos e 3 Cabos milicianos - para o serviço de carteiro
- 1 Cabo miliciano amanuense - para a secretaria
- 3 Primeiros Cabos condutores - para as viaturas
- 3 Soldados - para a carga e descarga de malas e serviço de limpeza.

O primeiro Chefe da EPM-6 foi o Tenente Manuel Ferreira Nunes.

A Chefia do Serviço Postal Militar Regional de Angola foi confiada ao Capitão graduado António Henrique Serra de Mesquita, deslocado da Metrópole.

A EPM-6, montou um serviço de Ficheiro (Fig. 9) que se destinava a identificar, de forma actualizada a localização de todo o pessoal em campanha, indicando o destino a dar a cada correspondência desde a sua reexpedição, devolução ao remetente ou queda em refugio.

Dados estatísticos do tráfego da EPM-6 durante os primeiros onze dias de funcionamento:

	RECEPÇÃO	EXPEDIÇÃO
Correspondência ordinária	74 064	7 793
Correspondência registada	1 345	30
Telegrama	137	36
Encomendas	-	13



Figura 8 – 1964. Grupo de Oficiais, Sargentos e Praças que faziam parte do Serviço Postal Militar em Luanda.



Figura 9 – Aerograma, frente e verso, enviado por militar do QG do CTI de Cabo Verde em 21 de Novembro de 1970, para Major Manuel Viegas Barreiros, em Angola, sem o Indicativo Postal. O recurso aos serviços do Ficheiro em 21 de Dezembro de 1970, permitiu a localização da unidade militar do destinatário, evitando a devolução ao remetente.

Inicialmente, esteve prevista a instalação de três estações postais militares. A EPM-6 (Fig.10) a que já fizemos referência, a EPM-16 e a EPM-26, que começou a funcionar no

Negage, Distrito do Huíge, próximo da Cidade de Carmona, em 2 de Outubro de 1961, e que se destinava a assegurar o transbordo e encaminhamento das malas de correio expedidas da EPM-6, em Luanda, para as unidades no Norte de Angola. No Negage, estava instalado desde 1960 o Aeródromo Base nº.3 que a partir de 1961, começou a receber os aviões da Força Aérea que enfrentaram os primeiros ataques da guerrilha. A EPM-26 foi transferida do Negage para Carmona, em Setembro de 1962, por determinação do Comando de Sector desta Cidade, e aí permaneceu até à sua transferência para Cabinda, em Novembro de 1964.



Figura 10 – Carta registada com marca de dia da EPM-6 /R/LUANDA em 6 de Dezembro de 1961 para Lamego.

A EPM-16, criada para dar apoio ao Comando Naval de Angola, não chegou a ser instalada por se ter considerado desnecessária. Foi instalada mais tarde, em 1964 em Cabinda. Em Angola, funcionaram 6 Estações Postais Militares e 13 Postos Militares de Correio⁵

⁵ Idem pág. 87

A EPM-6, foi desde o início a estação com maior tráfego postal. Pelo facto foi transferida em 1968, para instalações mais amplas e funcionais em edifício moderno. O SPM ocupava os dois primeiros pisos de um edifício de oito andares destinados a alojamento de militares.

Em 1970 reunia um efectivo de 180 militares, sendo o seu quadro constituído por onze Oficiais, vinte e um Sargentos e o restante por Praças. Logo desde o início da instalação do SPM, o aumento progressivo do número de efectivos militares instalados no terreno, determinou a necessidade da criação de novos órgãos postais nesta Província. A generalização da utilização do SPM em Angola, pelos três ramos das Forças Armadas e organizações para-militares, e o reconhecimento do elevado nível de desempenho do SPM, determinou que alguns sectores administrativos da Província, solicitassem a sua intervenção, na assistência postal às populações civis, localizadas em áreas de actuação da guerrilha, que impedia a utilização dos transportes postais regulares dos CTT de Angola. Esta actuação ocorreu em outras Províncias particularmente na Guiné.

A Chefia do SPMT de Angola foi sucessivamente desempenhada pelo Cap. Serra de Mesquita, Maj. António Sebastião, Maj. José Ferrão Dinis, Maj. Manuel Ascensão Boto e pelo Maj. Cristiano Ribeiro Galvão.

3. SERVIÇO POSTAL MILITAR NA GUINÉ

A organização e montagem do Serviço Postal Militar nesta Província teve início no dia 19 de Outubro de 1961, com a chegada ao Comando Territorial Independente da Guiné (CTIG), do Capitão Ernesto Tapadas, Chefe do SPM que se fez acompanhar dos Oficiais e Sargentos que iriam constituir a guarnição do SPM na Guiné⁶.

A Estação Postal Militar 8, foi criada em 23 de Novembro de 1961, pelo Alvará nº.57, da Repartição Provincial dos Serviços dos Correios, Telégrafos e Telefones, publicado no Boletim Oficial da Guiné nº. 48, de 15 de Dezembro de 1961.

A EPM-8, ficou instalada numa dependência no bloco do Pelotão de Comando e Serviços do Quartel General do CTIG (Fig. 11).



Figura 11 – Guiné - Outubro de 1961. Os primeiros elementos da guarnição da EPM-8. Da esquerda para a direita o Sarg. Dâmaso Martins da Silva, o Tenente Manuel de Ascensão Boto, Chefe do SPMR, o Sarg. Rui Fernando de Oliveira Verdial, e os Aspirantes Amadeu Baptista Raposo e Rafael Pereira Lopes. Em baixo o 1º Cabo condutor Francisco Mendes.

⁶ Idem pág. 103-115

A EPM 8 como inicialmente não dispunha de marca de dia própria utilizou a marca da estação dos CTT com o topónimo MANSABÁ (Fig.12).



Figura 12 – Carta remetida da Guiné, com marca de dia de MANSABÁ de 28 de Outubro de 1961, para uma Madrinha de Guerra.

Em 31 de Dezembro de 1966 existiam, no Serviço Postal Militar Territorial da Guiné, 116 encarregados das funções de Delegado Postal da Unidade.

Sempre que chegava à Guiné, qualquer navio fretado para transporte de tropas, a EPM-8 fazia deslocar a bordo uma equipa postal, que aí lhe prestava assistência em regime permanente mesmo durante o período da noite, enquanto o navio se mantivesse ancorado no rio Geba e que, pelo seu calado não pudesse acostar directamente ao Porto de Bisau.

Esta equipa era constituída por 1 Oficial, 2 Sargentos, 1 Condutor-auto e 1 Ordenança e encarregava-se da venda de selos, expedição de aerogramas, recepção de encomendas e aceitação de telegramas que eram entregues logo que possível, nos CTT para transmissão. Esta correspondência era depois enviada à EPM-8 para expedição. Desta forma, ficavam assegurados os primeiros contactos telegráficos e postais com os familiares e amigos dos conhecidos na gíria como “periquitos”, ou seja militares fardados de verde recém chegados da Metrópole.

A correspondência dos militares, no interior da Província, era na sua grande maioria, encaminhada por via aérea. A via fluvial era importante pelas condições geográficas, visto que o território da Guiné era cruzado por inúmeros cursos de água. A via de superfície tinha pequena expressão, por razões de segurança.

Os principais destinos da correspondência militar no interior da Guiné, eram o PMC-128 em Bafatá e o PMC-138 em Nova Lamêgo. O PMC-128, estava instalado numa dependência do Esquadrão de Reconhecimento de Cavalaria, junto ao comando.

Na Guiné, tal como em Angola e Moçambique, a partir de 1964 o SPM passou a colaborar activamente no transporte de malas com correio civil em aviões da Força Aérea, sobretudo em áreas de maior actividade militar e em que os CTT locais se tinham tornado inoperacionais. O auxílio prestado estendeu-se a Buba, Fulacunda, Ingoré, Mansabá e outras. A quantidade de objectos postais (cartas, aerogramas, encomendas, valores declarados, telegramas etc.) movimentados pelo SPM desta Província, cresceu de forma exponencial. Assim, para servir um efectivo de 5 000 homens em 1962 verificou-se um movimento de 1700 000 objectos de correspondência; em 1963, 10 300 homens movimentaram



Figura 13 – Carta do Comando Militar da Província da Guiné, em 19 de Maio de 1973, para o 1º Tribunal Territorial em Luanda, SPM 0486.

3 500 000 objectos; em 1964, 14 600 homens mobilizaram 8 500 000 objectos; em 1965, 18 000 homens movimentaram 13 516 688 objectos e em 1966, 22 000 homens movimentaram 19 800 000 unidades postais.

Durante o ano de 1966, fecharam-se na EPM-8 (Fig.13) e nos PMC da Guiné cerca de 300 000 malas de correio, correspondendo-lhes uma média mensal superior a 25 000 malas (Fig. 14).



Figura 14 – Etiqueta de mala de correio de encomendas, enviada por via marítima da EPM-9 em Lisboa, para o PMC-128, em Bafatá.

Nesse mesmo ano, os Órgãos Postais da Guiné, dependentes da Chefia do SPM, prestaram assistência a cerca de 180 unidades militares e Serviços dos três ramos das Forças Armadas, sendo 165 do Exército, 7 da Marinha, 6 da Força Aérea e 2 da Polícia de Segurança Pública.



Figura 15 – Carta registada remetida da Guiné PMC-128 em Bafatá, para Viena de Austria em 12 Dezembro de 1970.

Na Guiné funcionaram a EPM-8 em Bissau, o PMC-108 na Base Aérea 12, o PMC-128 em Bafatá (Fig.15) e o PMC-138 em Nova Lamego.

4. SERVIÇO POSTAL MILITAR EM CABO VERDE

O Serviço Postal Militar em Cabo Verde⁷, começou a ser montado pelo Major Ernesto Tapadas, em Setembro de 1962. No entanto, já no final do ano de 1961, se tinha pensado estender a este Arquipélago a organização do SPM. Contudo, o Comando Territorial Independente de Cabo Verde, considerava desnecessária a abertura de Órgãos Postais Militares atendendo ao pequeno número de efectivos militares existentes.

Verificavam-se contudo, algumas deficiências na recepção e expedição da correspondência para os militares.

Assim, o correio destinado ao Pelotão de Atiradores 7, sediado em Chão-Bom, na Ilha de São Nicolau chegava aos destinatários com muitos dias de atraso, o que determinou um pedido de ajuda por parte do respectivo Comando. Para solucionar este caso decidiu-se que o correio destinado a esta unidade poderia passar a ser lançado de bordo dos aviões Lockheed P2V-5 Neptune, da Força Aérea que diariamente faziam voos de observação sobre o Arquipélago.

Também, toda a correspondência destinada aos militares em Cabo Verde era expedida numa mala única, o que obrigava a que no Aeródromo de Trânsito nº.1 (AT1) da Ilha do Sal (Fig.16), se fizesse a abertura das malas e selecção do correio de acordo com os seus destinos.



Figura 16 – Cabo Verde 1960 – Aeroporto da Ilha do Sal. Estacionado na pista pode ver-se um avião Douglas C-54 – Skymaster dos Transportes Aéreos Militares-TAM. Sobrevoando a pista um avião Lockheed P2V-5 Neptune da Força Aérea Portuguesa. (fonte CDI-INAC).

Para a resolução deste problema, a EPM-9 em Lisboa passou a fazer a selecção da correspondência para os militares segundo as unidades e locais onde se encontravam os destinatários, fechando malas individuais para esses destinos. Estas, seriam incluídas num saco colector, a abrir pelo Sargento que no AT1 do Sal ficou encarregado do SPM. Os Transportes Aéreos de Cabo Verde (TACV), mantinham as ligações aéreas regulares entre as ilhas de São Tiago, São Vicente, Sal, Boavista e São Nicolau. As tropas em serviço na Ilha de São Tiago, seriam servidas por malas directas expedidas, quer do Sal quer de São Vicente.

⁷ Idem Pág. 117-124

Como cerca de 70% dos efectivos militares do CTI, se encontravam na Ilha do Sal, definiu-se logo a necessidade de situar naquela Ilha o Órgão Postal de maior importância e dotá-lo de um Oficial e de um Sargento graduados. A Chefia do Serviço ficou instalada na Ilha de São Vicente por determinação do Estado Maior do CTI. Para o efeito, foi cedido um espaço no bloco do Pelotão de Comando e Serviços que foi equipado com o material indispensável para a sua utilização.

Foram efectuados os habituais contactos com os CTT locais, tendo-se obtido acordos de colaboração para a abertura à exploração da EPM-7.

Como o Órgão Postal de São Vicente designado por EPM-7, não podia funcionar sem o apoio do elemento colocado na Ilha do Sal, procedeu-se à ampliação da rudimentar organização do SPM que já ali existia, desde 6 de novembro de 1961 através do Posto de Trânsito 17.

Assim, em 10 de Setembro de 1962 entrava em regime de exploração postal a EPM-17. Funcionaram em Cabo Verde a EPM-7, EPM-17, PMC-107 na cidade da Praia e o PMC-117 em S. Vicente (Fig. 17).



Figura 17 – Carta registada do PMC 117, remetida de S. Vicente de Cabo verde para Leiria, em 22 de Agosto de 1966.

A Estação Postal, com a designação de EPM-7, iniciou a sua actividade em 31 de Agosto de 1962, ficou instalada em São Vicente e foi chefiada pelo Alferes Américo Augusto Alves de Lima. Durante o período de 1965 a 1967, a Chefia do Serviço Postal Militar do CTI de Cabo Verde esteve a cargo do Tenente Francisco Nascimento Ramos que acumulava as funções de Chefe da EPM-7. Em 1968, a Chefia esteve a cargo do Tenente Rafael Pereira Lopes enquanto que a Estação Postal Militar na Ilha do Sal, esteve entregue ao Tenente João da Luz Gomes.

O último Chefe do SPM em Cabo Verde foi o Capitão Álvaro Gonçalves Serra.

5. SERVIÇO POSTAL MILITAR EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

A 14 de Setembro de 1962, chegou a esta Província o Chefe do Serviço Postal Militar com o objectivo de instalar o SPM.

A organização do Serviço nesta Província⁸ não levantou qualquer dificuldade dado o pequeno efectivo de tropas, quer de reforço, quer da guarnição normal. A EPM-2, Estação Postal Militar de 2ª classe, foi criada pelo Alvará n.º.1, de 22 de Setembro de 1962, da Repartição Provincial dos Serviços dos Correios Telégrafos e Telefones, publicado no

⁸ Idem pág. 125-131

n.º. 43 do Boletim Oficial de S. Tomé e Príncipe, de 25 de Outubro de 1962.

Pelo Comando Militar, foi cedido um pequeno compartimento no bloco da Companhia de Comando Militar de S. Tomé, sendo mais tarde transferida para o Quartel General do Comando Territorial Independente.

A Chefia da EPM-2, foi confiada ao Aspirante a Oficial graduado, António Escoval Charrama.

Como as tropas se encontravam aquarteladas em vários locais da cidade e fora dela, foi montado um Serviço de Estação Postal Auto para efeitos de recolha e distribuição do correio.

Para a unidade militar destacada na Ilha do Príncipe, foi assegurada a expedição e recolha da correspondência através da via aérea, que utilizava os aviões das linhas aéreas civis, dos *Serviços de Transportes Aéreos de S. Tomé - STA*.

A partir de 1968, a EPM-2 (Fig.18) ficou definitivamente alojada em instalações próprias, no Quartel General, que para esse efeito foram construídas. Chefiava então o Serviço Postal Militar, o Tenente José Henrique Pargana Calado.



Figura 18 – 1968, A equipa da EPM2 chefiada pelo Tenente José Henrique Pargana Calado.

No aspecto postal, a Província era servida de forma deficitária especialmente quanto à recepção de correspondência procedente da Metrópole. Com a finalidade de melhorar esta situação, foram dadas indicações à EPM-9 em Lisboa, para que fizesse a remessa do correio aproveitando também os aviões da linha aérea, Lisboa-Luanda-São Tomé (Fig. 19).



Figura 19 – Etiqueta de mala de correio para a EPM-2 em S. Tomé transportada pela TAP e DTA.

Apesar de tudo, as correspondências sofriam atrasos visto que os aviões da Força Aérea demoravam normalmente quatro dias a percorrer este trajeto.

Em 1970, a guarnição Militar normal de São Tomé e Príncipe era constituída pelo Quartel General e a sua Companhia

de Comando e Serviços (CCS), Repartições do Comando e outros serviços, em que se incluía o SPM.

O total dos efectivos militares, da responsabilidade do Comando Militar, era de 750 a 800 homens.

Na Província de São Tomé e Príncipe havia uma guarnição da Polícia de Segurança Pública e da Guarda Nacional Republicana na dependência directa do Governo da Província e que, como já foi referido anteriormente, utilizavam também os serviços do SPM.

Em 1974, já com outra dimensão, a EPM-2 estava guardada com um Alferes e dois Sargentos e era chefiada pelo Capitão Abel Pereira Lontro.

6. SERVIÇO POSTAL MILITAR EM MOÇAMBIQUE

A organização do SPM em Moçambique⁹, em Setembro de 1962, alicerçou-se na criação de três Estações Postais Militares.

A grande maioria dos efectivos militares estacionados nesta Província localizavam-se no Norte e no Centro.

As três ligações aéreas semanais dos aviões da TAP, a partir de Lisboa, na linha de África, destinavam-se, um à cidade de Lourenço Marques, outro à cidade da Beira e um terceiro fazia escala nas duas cidades. Estes voos eram efectuados em avião *Lockheed Super Constellation*, a partir de Lisboa.

Ficou assim estabelecido, que os Órgãos Postais a instalar seriam uma Estação Postal Militar Principal na Beira (EPM-4) e duas Secundárias, uma em Lourenço Marques (EPM-14), no Sul da Província e outra em Nampula (EPM-24), no Norte.

A Chefia do Serviço Postal Militar Regional (SPMR) ficou instalada em Lourenço Marques (Fig. 20).



Figura 20 - Moçambique - Lourenço Marques, Setembro de 1962. Primeiros elementos que constituíram a guarnição do SPM em Moçambique, trabalhando em instalações provisórias. Em cima da mesa e em primeiro plano, a primeira marca de dia da EPM-14. Da direita para a esquerda, o Tenente Aguinaldo Raposo de Andrade, Cap. José Ferrão Dinis (sentado), Alf. Joaquim Pires Afreixo, Alf. Francisco Nascimento Ramos e o Asp. José Saraiva Dantas.

A EPM-14, foi criada por Alvará da Direcção Provincial dos Correios Telégrafos e Telefones, de 10 de Outubro de 1962, publicado no Boletim Oficial II série, nº. 44 de 3 de Novembro de 1962. Esta Estação ficou instalada em duas

dependências do Quartel General, tendo aberto à exploração postal em 16 de Outubro de 1962 (Fig. 21).



Figura 21 - Carta oficial, isenta de franquia, registada, remetida da EPM-14, em Lourenço Marques, para a chefia do SPM em Lisboa, em 6 de Maio de 1969.

A Chefia desta Estação foi confiada ao Alferes graduado Joaquim Pires Afreixo.

A Chefia do Serviço Postal Militar Regional (SPMR) de Moçambique ficou instalada em Lourenço Marques, tendo sido nomeado para seu primeiro chefe o Capitão graduado José Ferrão Dinis.

Concluída a instalação da EPM-14, seguiu em 22 de Outubro de 1962, o Major Ernesto Tapadas, a bordo do navio *Angola*, com destino à cidade da Beira, com o objectivo de instalar e abrir à exploração, a Estação Postal Militar Principal, a EPM-4. Acompanhavam-no o Chefe do SPMR e os Oficiais destinados ao futuro Serviço.

Esta Estação, foi criada por Alvará, datado de 20 de Outubro e publicado no Boletim Oficial II série, nº. 45 de 10 de Novembro de 1962, e ficou instalada numa dependência, no aquartelamento do Batalhão de Caçadores da Beira.

A EPM-4, entrou em funcionamento em 29 de Outubro de 1962

A Chefia da EPM-4 ficou atribuída ao Tenente graduado Aguinaldo Raposo de Andrade.

Em 26 de Outubro de 1962 foi criada a EPM-24, em Nampula por Alvará, datado de 20 de Outubro e publicado no Boletim Oficial II série, nº. 45 de 10 de Novembro de 1962 chefiada pelo Alferes graduado, Francisco do Nascimento Ramos.

Esta Estação, localizada em zona onde se encontrava concentrado o maior efectivo de tropas, viria a ser o Órgão Postal com maior tráfego em Moçambique (Fig. 22).

Em 1973, com nove centenas de Indicativos Postais atribuídos à RMM, constituiu-se um esquema de localização e de encaminhamento postal adequado, apoiado por cada um dos Órgãos de execução postal EPM e PMC, que formavam a rede postal militar da Província.

O Serviço de Ficheiro ficou centralizado em Lourenço Marques, visto que inicialmente, só o Quartel General da Região Militar de Moçambique dispunha de ficheiros do seu pessoal. Este Serviço transitou posteriormente, em Junho de 1971, para a EPM-24, sediada em Nampula, acompanhando a transferência do Quartel General da Região Militar, Comando Naval, e Comando da Região Aérea, para esta cidade.

⁹ Idem pág. 132-153



Figura 22 - Carta registada, remetida da EPM-24, em Nampula, para Lisboa, em 21 de Abril de 1970.

De salientar a grande utilidade deste Serviço do SPM, sem o qual haveria muitas dezenas de milhares de cartas, impressos, aerogramas, encomendas postais e até valores declarados que teriam que ser devolvidos aos remetentes, por flagrante impossibilidade de entrega aos seus destinatários.

A movimentação das malas de correio, entre Moçambique e a Metrópole, fazia-se sempre pela via aérea civil ou militar ou seja, pela TAP ou pelos TAM.

Tal como já fizemos referência na Província da Guiné, também em Moçambique, se prestou assistência postal aos militares a bordo dos navios.

Efectivamente, por proposta da Chefia do Serviço Postal Militar Regional e com o despacho favorável do General Comandante da Região Militar, de 7 de Março de 1968, foi determinado, fazer deslocar para bordo dos navios, fretados pelo Ministério do Exército, uma Delegação Postal do SPM, a fim de prestar assistência às tropas embarcadas, durante a navegação ao longo dos 2 795 Km de extensão da costa Moçambicana (Fig. 23).



Figura 23 - Postal remetido de Moçambique para Lisboa em 16 de Agosto de 1968, de bordo do navio Vera Cruz, de transporte de tropas, a caminho do porto de Nacala. Marca de dia SPMR/data/BORDO - TT para marcação de correspondência militar. Postal circulado na segunda viagem de um transporte de tropas, em que funcionou uma Estação Postal Militar a bordo.

A primeira referência a este serviço prestado a bordo, data de 10 de Maio de 1968.

Ao contrário do que acontecia na Guiné, em que a equipa do SPM se deslocava e trabalhava no navio enquanto ancorado, em Moçambique, a equipa acompanhava as tropas embarcadas até ao último cais de desembarque, desde Lourenço Marques até Mocimboa da Praia, no extremo Norte da Província. Permaneciam no navio e acompanhavam os militares que, depois de rendidos regressavam à Metrópole e aos quais prestavam assistência postal durante a viagem, no sentido inverso até Lourenço Marques.

O movimento postal do SPM em Moçambique, à semelhança do que aconteceu nas outras Províncias, teve um significativo crescimento anual, como se pode verificar no quadro abaixo.

SERVIÇO POSTAL MILITAR REGIONAL Movimento de correspondências

	1966	1967	1968
Correspondência franquizada	9 015 729	16 912 349	22673101
Corresp. Isenta / Aerogramas	7 450 009	11 622 398	16352524
Correspondência Registada	208 028	291 195	409 450
Correspondência classificada	191 625	301 223	430 759
Encomendas Postais	2 586	37 672	43 988
Peso das malas expedidas (Kg)	267	367 244	620
			1 009 146

Em 1973, os Órgãos Postais Militares nesta província compreendiam uma Estação Postal Militar Principal, seis Estações Postais Militares Secundárias e três Postos Militares de Correio.

Neste ano, o SPM nesta Província, servia aproximadamente 58 000 homens, pertencentes a 642 unidades militares conforme está representado no quadro.

Movimento Postal em Moçambique em 1973

Órgão Postal	Unidades assistidas	Correio Ordinário	Aerogramas
			Expedido
			Expedidos
EPM - 4	120	1 015 481	1 149 994
EPM - 14	84	1 600 194	1 101 770
EPM - 24	115	1 005 560	1 665 990
EPM - 34	86	1 504 064	1 523 630
EPM - 44	91	1 604 945	1 300 571
EPM - 54	24	810 027	903 000
EPM - 64	70	1 830 029	1 597 211
PMC - 104	12	252 407	210 200
PMC - 114	28	255 619	204 315
PMC - 124	12	248 621	281 550
		Total - 10 126 947	9 938 231

7. SERVIÇO POSTAL MILITAR EM TIMOR

O SPM em Timor¹⁰ foi criado por Despacho do Ministro do Exército em 11 de Dezembro de 1962. Em 6 de Janeiro de 1963 seguiu para Timor, por via aérea, o Chefe do SPM, Major Ernesto Tapadas que aí se deslocou para montar o SPM. Fazia-se acompanhar pelo Alferes graduado Luís Gonçalves

¹⁰ Idem pág. 154-161

de Lima, que ia chefiar a futura EPM-5 e pelo Furriel graduado José Moreira Marques, nomeado para reforço do pessoal da estação.

A EPM-5 abriu à exploração postal em 15 de Janeiro de 1963. Nesta data, e por não estar disponível uma marca de dia do SPM, terá sido utilizada uma, requisitada aos CTT locais.

A EPM-5 ficou instalada em Taibesse, próximo de Dili, em edifício localizado nas proximidades do Quartel General (QG) (Fig. 24).



Figura 24 - Timor - 1964. O 2º Sargento Fernando Delgado Oliveira em frente ao edifício da Estação Postal Militar - 5, em Taibesse.

Em 1965, o Tenente Fernando Gonçalves Dias Costa, substituiu o alferes Gonçalves de Lima, na Chefia da EPM-5 e o Sargento Fernando Delgado Oliveira substituiu o Sargento Marques, em Junho de 1963.

O Posto Militar de Correio em Baucau, PMC-105, entrou em funcionamento em 8 de Fevereiro de 1965 tendo ficado instalado junto ao Comando de Sector e Batalhão de Caçadores 12.

Em 1963, quando da instalação do SPM, a Província de Timor era servida por um voo internacional por semana, aumentando para dois, só nos anos setenta (Fig. 25).



Figura 25 - Carta registada, remetida de Timor (Dili) para Lisboa, com marca de dia da EPM-5, de 16 de Setembro de 1972.

Nos primeiros anos, o transporte do correio do SPM por via terrestre, no interior da Província, era feito em viaturas militares por estradas de montanha, de muito má qualidade

e que frequentemente se tornavam intransitáveis, na época das chuvas, o que originava atrasos consideráveis na entrega da correspondência.

Os responsáveis pelos CTTU de Timor, ao contrário do que aconteceu nas outras Províncias, recusaram inicialmente qualquer colaboração, na organização do Serviço Postal Militar e ofereceram alguma resistência à instalação da EPM-5.

Também a criação do PMC-105 em Baucau não foi pacífica, tendo recebido forte oposição por parte dos CTT locais.

A criação do PMC-105 era fundamental para uma rápida e eficaz distribuição do correio destinado às unidades da área de Baucau (Fig. 26).



Figura 26 - Timor - Baucau 1973. Recepção das malas de correio pelo pessoal do PMC-105, no aeroporto de Baucau. A matrícula do avião, permite identificar um dos dois bimoteres, De Havilland DH - 104 Dove, ao serviço dos Transportes Aéreos de Timor.

A partir de 1973, começaram as obras de construção do edifício da aerogare e apetrechamento necessário do aeroporto de Baucau, para benefício do tráfego internacional.

Sempre que se justificava o transporte de tropas, de e para Timor, para rendição dos efectivos, era efectuado por aviões a jacto fretados às companhias aéreas internacionais que utilizavam para o efeito, o aeroporto de Baucau.

Em 1975, o PMC-105, era chefiado pelo 1º Sargento Joaquim Dias Albino, tendo encerrado as suas actividades em 31 de Março de 1975, sendo o espólio deste Posto entregue na EPM-5.

A EPM-5, chefiada pelo Capitão Fernando Gonçalves Dias da Costa, na sua segunda comissão de serviço em Timor, encerrou apressadamente à exploração postal, em 26 de Agosto de 1975, após os graves tumultos que ocorreram em Dili e que resultaram da confrontação das diferentes forças políticas locais, emergentes após o 25 de Abril de 1974. O Governador de Timor e as Autoridades Militares Portuguesas retiraram para a Ilha de Ataúro, localizada 30 Km em frente a Dili, no dia 27 Agosto de 1975.

A Indonésia invade e ocupa o território de Timor, em 7 Dezembro desse ano.

8. SERVIÇO POSTAL MILITAR EM MACAU

Em Macau, apesar de ser a mais pequena das Províncias, quer em dimensões territoriais quer em pessoal militar, era bem servida por transportes aéreos internacionais, a partir de Hong Kong, e o sistema de distribuição e entrega do correio era sobreponível ao utilizado na Metrópole.

Em 24 de Janeiro de 1963, desembarcou em Macau o Major graduado do SPM, Ernesto Dias Tapadas vindo do CTI

de Timor, a fim de proceder à montagem do Serviço Postal Militar¹¹.

Por alvará nº1/1963 de 31 de Janeiro, da Repartição Provincial dos Serviços de Correios, Telégrafos e Telefones de Macau, publicado no Boletim Oficial de Macau com o nº5, foi criada a EPM-3, Estação Postal de terceira classe, destinada ao Serviço Militar.

Nesse alvará, ficou estabelecido, que a estação se destinava aos serviços postais de venda de selos, recepção e expedição de correspondência ordinária e registada, ficando a chefia a cargo do funcionário militar ou militarizado a prover pelos Serviços Militares.

A EPM-3 abriu à exploração postal em 28 de Fevereiro de 1963, tendo ficado instalada no Pavilhão onde funcionava a Liga dos Combatentes da Grande Guerra (Fig.27), localizado no Jardim de São Francisco, defronte do Quartel General. O edifício era composto por dois pisos, funcionando no rés-do-chão a Estação Postal e no primeiro piso a Chefia do Serviço Postal. O responsável pela Chefia, acumulava as funções de Chefe da EPM-3.

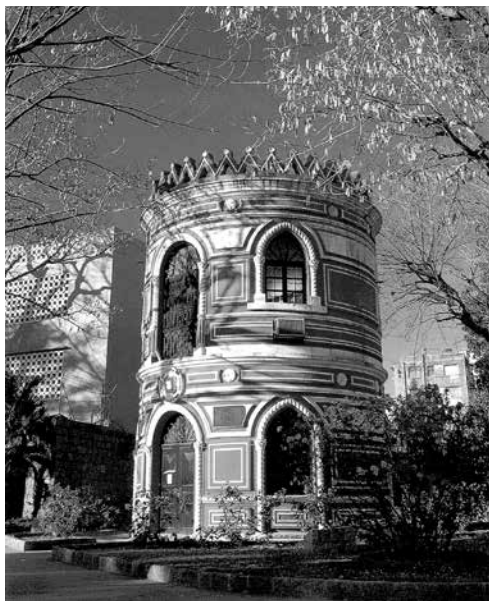


Figura 27 – Macau – Jardim de São Francisco. Edifício onde funcionou a Estação Postal Militar 3

O primeiro Chefe desta Estação foi o Aspirante Altino de Bastos.

Com a montagem e funcionamento do Serviço em Macau, ficou concluído o plano de organização do Serviço Postal Militar no Ultramar.

A EPM-3 funcionou em Macau durante o período de 28-2-1963 a 31-10-1974 (Fig.28,29).

A Chefia da EPM-3, foi sucessivamente entregue ao Tenente João Gonçalves Pinheiro (1964-1966), Tenente Joaquim Pires Afreixo (1966-1968), Tenente Francisco Nascimento Ramos (1968-1972) e ao Tenente António Conceição Domingos, que encerrou a Estação em 1974.

Através da nota circular nº. 15 / 74 Pº. G-35 / 118 da CSPM / ME de 9 de Outubro de 1974 é extinto a partir de 1 de Novembro inclusive, o Serviço Postal Militar em Macau, e encerrada a Estação Postal Militar nº. 3. O Alvará de encer-



Figura 28 – Carta remetida de Macau, com marca de dia da EPM-3 de 1 de Abril de 1967.



Figura 29 – Aerograma editado pelo MNF de Braga, franquiado com a taxa de 30 avos, remetido em 30 de Maio de 1969 por militar da Companhia de Polícia Militar 2428 de Macau, para elemento da Companhia de Artilharia 2329, em Moçambique.

ramento tem o nº. 1/1974, e foi publicado em 2 de Novembro de 1974, no nº.44 do Boletim Oficial de Macau.

As instalações do SPM foram entregues ao Governo do Território. Após o encerramento, cessou a expedição e recepção de aerogramas militares pelo que toda a correspondência particular e oficial passou a ser obrigatoriamente franquizada, a fim de ter encaminhamento pelos CTT.

A soberania Portuguesa sobre o Território de Macau manteve-se após o encerramento desta Estação Postal Militar.

A dimensão que foi atingida pelo SPM, pode ser revelada pelo seu movimento postal. Assim, entre 1961 e 1975, transportaram-se 20 573 toneladas de correio e encomendas com uma expedição média diária de quase 10 toneladas. Também neste período, transitaram pelo SPM, mais de 2 milhões e meio de contos em valores declarados e mais de 72 000 contos em vales de correio.

A insígnia utilizada pelo SPM, foi aprovada por Despacho Ministerial de 9 de Maio de 1963, e era constituída por um gládio de prata, guarnecido a ouro, apontado para cima, uma estrela formada por seis raios de ouro e, sobre o conjunto, uma carta em prata.

O SPM, usava com todo o mérito no seu Brasão, a divisa "A VIDA POR UMA MENSAGEM".

O Serviço Postal Militar foi extinto, em cumprimento do Despacho 104/REO, de 10 de Julho de 1981, do General Garcia dos Santos, Chefe do Estado Maior do Exército.

Assim, todas as actividades do SPM terminaram em 31 de Dezembro de 1981.

¹¹ Idem pág. 162-166

D. PEDRO V - CABELOS ANELADOS

OS CUNHOS DO SELO DE 5 REIS

João Violante

Após ter tecido algumas considerações e feito outros tantos comentários acerca dos cunhos do selo de 5 rs, D. Luis I da emissão F. Borja Freire, pareceu-me apropriado fazer o mesmo em relação ao também selo de 5 rs mas, desta vez, de D. Pedro V - Cabelos Anelados.

Até porque algumas dessas considerações e comentários se aplicam, também e na generalidade, aos selos agora em apreço.

Começo por frizar que, à semelhança dos selos de 5 rs D. Luis I, também estes de D. Pedro V, cabelos anelados apresentam, nos nossos catálogos, treze (13) cunhos distintos e classificados como tal.

Porém, nem sempre foi essa a convicção dos investigadores e especialistas em selos clássicos de Portugal, como foi o caso de Yardley, Marsden, Moens e Earée, entre alguns outros e que, à época, tanto contribuíram para os 1os estudos em profundidade, dos nossos selos clássicos.

Consultada a obra do Prof. Dr. António Henrique de Oliveira Marques, intitulada "História do selo postal Português", constatámos, a fls. 88 e 89 do Tomo I o que a seguir transcrevemos, com a devida vénia:

"Do de 5 rs foram feitos dois cunhos, que se distinguem facilmente da seguinte forma:

CUNHO I - Bandeira do "5" recurvada para baixo
- "E" de "CORREIO" tem traços extremos divergentes
- A extremidade do arabesco, situado sob as letras "IO" de "CORREIO", é recurvada para baixo, atingindo o círculo.

CUNHO II - Bandeira do "5" direita
- "E" de "CORREIO" tem os traços extremos
- A extremidade do arabesco situado sob as letras "IO" de "CORREIO" não é recurvada para baixo e não toca o círculo" - Fim de citação.

Assim, a 1ª classificação conhecida dos cunhos do selo de 5 rs de D. Pedro V, cabelos anelados, dava conta da existência de, somente, dois cunhos (Fig. 1)



Fig. 1 - Cunhos do selo de 5 Rs D. Pedro - Cab. anelados

Só muito mais tarde e pela 1ª vez em Portugal, o Prof. Dr. Carlos Trincão (pessoa que também não podemos esquecer nem deixar de realçar, como um dos nossos mais proeminentes investigadores de selos portugueses), teve o ensejo de contactar a existência desses dois cunhos, ao analisar uns selos que adquirira recentemente.

Apareceu, entretanto, uma variedade do cunho II que se caracterizava pelo "E" de "REIS" exibir o seu traço inferior, recurvado para cima na sua extremidade. (Fig. 2).



Fig. 2 - Variedade do cunho II - D. Pedro V - Cab. anelados

Oliveira Marques considera que esta variedade deveria constituir, por si só, um cunho diferenciado, uma vez que existiram à época na Casa da Moeda (e talvez continuem a existir) esses dois cunhos distintos, um com a extremidade do "E" virada para cima e outro não!

Já o Eng. Armando Vieira, na sua obra "Selos Clássicos de Relevo de Portugal", considera a existência de doze (12) cunhos, identificando cada um deles da seguinte maneira:

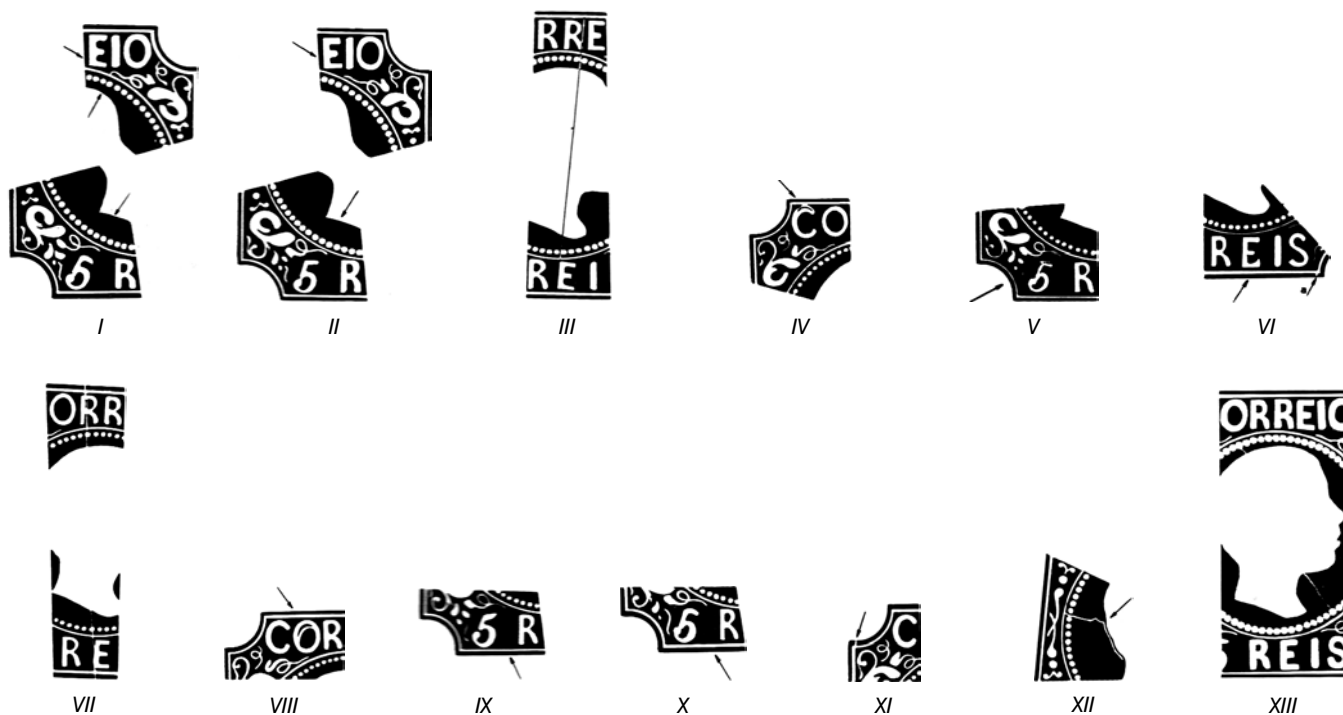
- Tipo I - O arabesco superior direito que parte debaixo do "O" e se dirige para o "I" de "CORREIO" tem a ponta encurvada para baixo, tocando a circunferência envolvente das pérolas.
- Bandeira do algarismo "5" muito recurvada para baixo.
- "E" de "CORREIO" com os dois traços horizontais, divergentes.
- Tipo II - Bandeira do algarismo "5" horizontal
- "E" de "CORREIO" com os dois traços horizontais extremos praticamente horizontais.
- Tipo III - "E" de "REIS" francamente inclinado para a direita
- Tipo IV - Dupla curvatura superior do "C" de "CORREIO"
- Tipo V - Algarismo "5" com dupla haste vertical
- Tipo VI - Traço horizontal inferior do "E" de "REIS" com a ponta encimada por um pequeno triângulo
- No canto inferior direito, o arco de circunferência da cercadura branca, prolonga-se, atingindo o filete de cor, inferior.

- Tipo VII - Fenda de alto a baixo, começando por cima do 1º "R" de "CORREIO" e terminando sob o "E" de "REIS".
- Tipo VIII - Dupla curvatura da parte superior esquerda do 1º "O" de "CORREIO".
- Tipo IX - Bandeira do algarismo "5" levantada apontando para cima.
- Tipo X - Algarismo "5" com a bandeira recurvada para baixo. Distingue-se do tipo I, sobretudo porque o arabesco do canto superior direito não toca a circunferência e as barras horizontais extremas do "E" de "CORREIO" serem praticamente paralelas.
- Tipo XI - O traço branco da cercadura exterior, no topo da parte rectilínea do lado esquerdo continua-se, interrompendo o filete de cor periférico.
- Tipo XII - Fenda a partir da nuca da efígie até à cercadura.

apresentada (Fig. 16), as suas características diferenciadoras estão bem identificadas e tiveram origem, certamente, na Matriz e Cunho de Serviço, feitos para a sua impressão.



Fig. 16 - Cunho I



O catálogo de selos portugueses hoje utilizado pela maioria dos colecionadores identifica, para além destes doze cunhos, mais um (13º) que se caracteriza por "uma fenda que parte da pérola por cima do arabesco do lado inferior esquerdo, situado em cima do "S" de "REIS", atravessa a efígie e termina na pérola que se situa por baixo do 1º "O" de "CORREIO"

Estamos agora em condições de nos debruçar sobre cada um destes cunhos, tecer os comentários que nos pareçam pertinentes e tentar equacionar algumas das nossas dúvidas. Assim:

Cunho I - São coincidentes as descrições feitas a este cunho, por H. Oliveira Marques e Armando Vieira. E na foto

Cunho II - O mesmo se pode dizer neste caso, onde as imagens apresentadas (Fig. 17 e Fig. 18) são também esclarecedoras e originárias da Matriz e Cunho de Serviço.

Cunho III - Na imagem que apresentamos (Fig. 19) é bem evidente a inclinação para a direita, do "E" de "REIS", só possível se originalmente gravada na Matriz e C.S. suficiente, por isso, para ser considerado como cunho autónomo.

Cunho IV - Na Fig. 20 que juntamos e que consta de uma tira vertical de três selos de 5 rs, D. Pedro V cabelos anelados do denominado cunho IV aparece-nos, efectivamente, uma dupla curvatura superior do "C" de "CORREIO".



Fig. 17 - 5 Rs - Cunho II



Fig. 18 - Cunho II



Fig. 19 - Cunho III



Fig. 20 - Cunho IV

Não me parece, no entanto, que este elemento diferenciador tenha sido gravado na Matriz nem, tão pouco, no C. S. Mesmo podendo haver uma quantidade razoável deste selo parece-me, salvo melhor opinião, que estamos, antes, em presença de um defeito de impressão ou até de um pequeno alastramento do tinta, tão comuns nestes selos de relevo, fruto de um uso intenso e continuado do C. S.

Nestas circunstâncias (como já referimos anteriormente, em artigo sobre cunhos do selo de 5 rs, D. Luis I), um simples polimento na superfície lisa do C. S. deveria resolver a anomalia.

Cunho V - Nas Figs. 21, 22 e 23 estão representados três exemplares deste denominado cunho V. O elemento diferenciador deste cunho, segundo o Eng. Armando Vieira, é o algarismo "5" com dupla haste vertical. Parece-me que,

com esta definição quiz o Eng. Armando Vieira sinalizar a espessura da haste vertical do "5" que, nestes selos, é nitidamente maior que em todos os outros exemplares dos outros cunhos.

No entanto não vi mencionado, para este cunho, outro elemento diferenciador que me parece importante e que se nota na bandeira do mesmo "5" estar, em todos os exemplares que observei, sempre virada para baixo, tal

como no cunho I que já comentámos e no cunho X, como veremos adiante.



Fig. 21 - Cunho V



Fig. 22 - Cunho V



Fig. 23 - Cunho V

Julgo que a combinação destes dois factores diferenciadores, ambos só possíveis se gravados de início na Matriz e/ou C. S., dariam maior consistência à identificação deste cunho.

Cunho VI - A sugestão do Prof. Oliveira Marques, de considerar como cunho autónomo o que, à época, tinha sido considerado variedade do cunho II, produziu os seus frutos. E não poderia ter sido de outra maneira. A Fig.24 que juntamos mostra, claramente, a extremidade do traço horizontal inferior do "E" de "REIS", virada para cima.

Para além do mais, existe ainda hoje, no Museu da Casa da Moeda, um Cunho de Serviço com esta mesma característica. Nada mais, portanto, a acrescentar.



Fig. 24 - Cunho VI

Cunho VII - A Fig. 25 mostra-nos um selo do denominado cunho VII, onde é bem visível a fenda que se inicia por cima do 1º "R" de "CORREIO" e termina sob o "E" de "REIS".

À semelhança do que já escrevi em artigo anterior, à cerca dos selos de 5 rs D. Luis I, também agora não posso deixar de questionar esta sua inclusão como cunho autónomo.

Esta fenda, tal como todas as outras, teve origem num acidente ocorrido no C. S., fruto do muito e continuado uso que lhe foi dado. Nunca, por acção directa do gravador da Casa da Moeda, gravada na Matriz ou C. S.



Fig. 25 - Cunho VII

Para reforçar esta minha convicção, transcrevevo a seguir, parte dos considerandos feitos a propósito deste mesmo tema, pelo eng. Armando Vieira, quando afirma que “Outro critério que adptámos é o de considerar que quando um C. S. sofre um acidente irreparável, que vai determinar a sua utilização, outro cunho terá que o substituir.

Sempre que o acidente deixa marca na impressão do selo que, visivelmente o assinala, essa marca será suficiente para significar que estamos perante a variedade de um cunho que, embora em tudo semelhante a outro é, por esta via, identificável. É o caso de um cunho que se fendeu e que, por mais algum tempo se utilizou, antes que outro entrasse ao serviço em seu lugar e cuja fenda nos aparece bem patente nos próprios selos. (o sublinhado é de minha responsabilidade.)

Daí me parecer francamente questionável considerar-se este, como um cunho autónomo.

Cunho VIII - As Fig. 26 e Fig. 27 ilustram o que se considera hoje ser o cunho VIII. Também aqui nos aparece uma dupla curvatura, desta vez não no “C” mas sim no 1º “O” de “CORREIO”

Os comentários possíveis sobre este cunho, são exactamente iguais, pelas mesmas razões que frizei quando comentei o actual cunho IV, pelo que nada mais se me oferece dizer.



Fig. 26 - Cunho VIII



Fig. 27 - Cunho VIII

Cunho IX - Ilustrado nas Figs. 28 e 29 que juntamos, aparece-nos a bandeira do algarismo “5”, inequivocamente voltada para cima, só possível pela gravação ter sido logo feita na Matriz ou ainda no Punção Reprodutor ou Cunho de Serviço que a transmitiu ao selo aquando da sua impressão.



Fig. 28 - Cunho IX



Fig. 29 - Cunho IX

Cunho X - Este cunho caracteriza-se pela bandeira do algarismo “5” estar inclinada para baixo, tal como aparece nas Figs 30 e 31, que juntamos.

Para se não confundir com o cunho I que apresenta a mesma característica na bandeira do “5”, toma-se como elemento diferenciador adicional, a extremidade do arabesco superior direito que, neste caso, não toca o círculo.

Também os traços hiorizontais do “E” de “CORREIO” são paralelos e não divergem como no cunho I



Fig. 30 - Cunho X



Fig. 31 - Cunho X

Cunho XI - Este cunho (?!) caracteriza-se por ter o traço branco da cercadura esquerda superior que, de certo modo, se continua, interrompendo o filete de côr exterior. As Figs. 32 e 33 ilustram essa característica.



Fig. 32 - Cunho XI



Fig. 33 - Cunho XI

Também aqui e, tal como já expressei em artigo anterior a propósito do cunho V do 5 rs D. Luis I, não me parece ser, este traço, um elemento identificador propositadamente gravado. Parece-me sim, mais uma pequena fenda, tantas vezes ocorrida pelo uso intenso do C. S.. Daí a minha relutância em o considerar como cunho individual ou autónomo.

Cunhos XII e XIII - Juntámos estes dois cunhos (?!) para um comentário único, porque as razões para as minhas dúvidas serem as mesmas para ambos.

Também para nenhum deles consegui, infelizmente, obter qualquer selo em condições mínimas de qualidade que permitisse a sua reprodução pelo que, em alternativa, me socorrerei dos desenhos esquemáticos, respectivos.

O cunho XII (Fig. 14) apresenta uma fenda que parte da nuca da efígie e termina no círculo.

O cunho XIII (Fig. 15) apresenta uma outra fenda, oblíqua, que parte da pérola em cima do arabesco que está sobre o "S" de "REIS", atravessa toda a efígie e termina na pérola por baixo do 1º "O" de "CORREIO".

Trata-se, em ambos os casos, de duas fendas perfeitamente distintas mas que ocorreram por quebra dos C. S. respectivos. Por esta razão e à semelhança dos comentários feitos anteriormente à cerca do Cunho VII, tenho as minhas sérias dúvidas em os poder considerar como cunhos individuais.

A finalizar este artigo e dada a sua importância, parece-me oportuno transcrever alguns comentários do eng. Armando Vieira versando esta matéria:

"O método de duplicação dos elementos impressores - Cunhos de Serviço - a partir das Matrizes e Punções Reprodutores conduz a Cunhos de Serviço muito semelhantes que imprimem de maneira tão idêntica, que é difícil, se não impossível muitas das vezes, distinguirem-se impressões feitas por cunhos diferentes".

Mais adiante afirma que "Por razões já atrás largamente referidas, estamos perante um selo cujos cunhos são difíceis de classificar"

E, logo a seguir, acrescenta. "Os critérios em que nos baseamos para a sua identificação, são vários. Um, consiste em admitir como suficiente para aceitar a existência de um tipo e defini-lo perfeitamente, o facto de o respectivo Cunho de Serviço ter sido objecto de um retoque ou ter uma imperfeição por tal forma evidente e característica que, através dos selos que imprimiu, ser possível a sua identificação imediata e inconfundível". Fim de citação!

Aqui parece-me haver uma certa contradição com o outro seu critério, pois permite a inclusão de fendas como elemento identificador de um cunho o que, no seu outro critério, é excluído.

Sempre estive habituado a tipificar como cunho, nestas emissões Borja Freire, os selos que se obtêm pela gravação com buril, a cavado, feita na Matriz e, considerando o método de impressão destes selos, em alternativa, por questões de economia de tempo e dinheiro, nos Punções Reprodutores a relevo (francamente mais difícil) e, em última análise nos Cunhos de Serviço, igualmente a cavado. Por ser simples e tão evidente, parece-me aconselhável manter este critério base.

Nunca, por questões outras, várias e diversas, como acidentes ou incidentes nos P. R. ou C. S. (fendas, pontos ou traços brancos, empastamento de tinta, etc, etc.)

Daí parecer-me oportuno, logo em 1º lugar, definir-se, inequivocamente, o que se toma por "cunho", "tipo" e "variedade", tornando-os perfeitamente identificáveis, sem margem para dúvidas ou confusões e, no respeito pelas causas dos seus aparecimentos respectivos.

A esquematização dos nossos cunhos ficaria, penso eu, perfeitamente condizente com esses critérios assim definidos o que, a meu ver, não acontece hoje.

BIBLIOGRAFIA

- 100 Anos Selo do Correio Português - Ed. CTT
- Selos Clássicos de Relevo de Portugal - Eng. Armando Vieira
- História do Selo Postal Português - 1853-1953 - Prof. Dr. Oliveira Marques
- Catálogo MF - Ed. 2016

A 2ª GUERRA MUNDIAL NA JUGOSLÁVIA

Klime Popovski

Gostei muito da revista FILATELIA LUSITANA, acho-a muito interessante, com peças muito boas.

Mas o meu problema é que não conheço a língua, para entender totalmente o que está escrito.

Gostei muito do último número, o número 40, achei-o muito interessante.

O artigo do Sr. Eduardo Sousa, comemorativo do 75º aniversário da 2ª Guerra Mundial, onde o aparecimento de

Hitler e o seu fascismo, a ocupação dos países europeus, a sua queda e a vitória das forças aliadas, foi muito bem descrito e que considero-o muito interessante. O artigo também menciona a resistência francesa.

Aqui é onde eu apresento os meus comentários.

A resistência de todas as nações jugoslavas na 2ª Guerra Mundial não foi mencionada. Logo após o ataque dos alemães à União Soviética, as nações jugoslavas foram convocadas para a resistência armada pelo partido comunista. Imediatamente formaram-se pequenos grupos partidários, que começaram com pequenas acções subversivas contra o ocupante.

À medida que o movimento partidário crescia dia a dia, eram realizadas acções mais sérias.

O principal líder e estratega do movimento partidário era Josip Broz Tito, que ocupava a primeira posição desse movimento.

Após dois anos de luta bem-sucedida entre os guerrilheiros e os alemães, as forças aliadas reconheceram o



O reino da Jugoslávia foi atacado pelos alemães em 6 de abril de 1941. Após dez dias, o país foi ocupado pelos estados vizinhos, Itália, Hungria e Bulgária. Dois estados profascistas foram fundados, o estado independente NDH da Croácia e o estado independente da Sérvia.



Os "partisans" guerrilheiros numa batalha. As mulheres também faziam parte dos grupos de guerrilheiros.



Postal enviado da Croácia para a Alemanha; impressão sobreposta para o novo estado sérvio.
Cartão postal enviado da Macedónia ocupada por fascistas búlgaros ao protetorado de B.M.

movimento partidário e passaram a ajudar com munições e equipamentos, tendo o quartel-general de Tito enviado-as a todas as missões militares.

Em 1943, no dia 29 de Novembro, representantes de todas as nações jugoslavas na cidade de Jajce, na Bósnia



Josip Broz Tito, comandante e chefe do Exército de Libertação Nacional.

central, proclamaram o novo estado como um estado democrático e federal da Jugoslávia e Josip Broz Tito recebeu o posto de marechal.

No final do ano de 1944, o exército partidário de Tito libertou todo o território da Jugoslávia, excepto uma pequena parte no oeste, que foi libertada em 15 de Maio de 1945.

No final da guerra, o exército Jugoslavo tinha 700 000 soldados.

Outro facto importante é que a Jugoslávia teve cerca de 1 milhão de vítimas.



O bloco homenageia as seis capitais da república com a dedicação de aniversários.

A Jugoslávia foi o terceiro país com mais baixas, depois da União Soviética, com 28 milhões e da Polónia com 6 milhões.

Após a guerra, o marechal Tito foi proclamado um dos líderes da coligação anti-Hitler.

Por fim recomendo ao Sr. Sousa, nas suas próximas investigações sobre a 2ª Guerra Mundial, que tenha também em consideração o papel e o alto preço pago pelos jugoslavos.



As primeiras armas de fogo dos "partisans"



A cidade Jajce / Yayce / localizada na parte central da Bósnia. Esta cidade foi o local onde a segunda sessão do AVNOJ / Conselho Antifascista para a Libertação Nacional da Jugoslávia / foi realizada. Foi quando o novo futuro estado da Jugoslávia foi proclamado como o Estado Democrático e Federal da Jugoslávia. Josip Broz Tito foi proclamado oficial do mais alto escalão, o marechal Tito.



O brasão de armas do novo estado estabelecido após a segunda guerra mundial. Era um estado comum / federal composto por seis repúblicas. Seis tochas queimadas numa chama no meio do casaco para representar as seis repúblicas. Este estado existiu até o ano de 1991

O roubo da correspondência do Algarve na década de 30 do século XIX

Luis Frazão RDP FRPSL

luisbp.frazao@netcabo.pt

Num conjunto de letras do seguro do correio de Távira, referentes ao envio de dinheiro (*em metal*) para Lisboa por parte do Sr. Manuel Baptista Marçal e destinados à Sr.^ª Maria das Virgens Marçal, no período entre Outubro de 1828 e Novembro de 1832, notamos que a partir de Fevereiro de 1830 e pelo menos até Maio de 1832, o correio assistente Neves, passou a adicionar ao texto habitual a frase “*Por conta e risco de quem remete.*” (figuras 1 e 2)

Para tal socorremo-nos da obra “O Remexido e a resistência miguelista no Algarve, por José Carlos Vilhena Mesquita”¹, recolhemos os seguintes extractos².

O REMEXIDO. GUERRILHEIRO OU BANDIDO SOCIAL?

Numa perspectiva de observação analítica, verificamos que tanto o guerrilheiro como o bandido social manifestam as suas motivações político-sociais em acções de violência e em ataques inesperados contra os seus oponentes, militares, civis e institucionais. Mas a sua sobrevivência depende não só da sua eficácia política – através do terror infundido nas populações – como ainda no apuro de meios financeiros para a aquisição de víveres e de cartuchame que garantam a manutenção do equipamento bélico. Daí os assaltos às quintas de ricos proprietários, o saque das aldeias mais desprotegidas, os assassinatos e outras atribuladas violências, por vezes de vindicta particular, a destruição dos arquivos institucionais, o roubo dos cofres públicos, a intercepção dos postilhões do correio, os assaltos de estrada aos viandantes e almocreves³, enfim todo o tipo de impetuosidades de que possam resultar o terror social, a instabilidade política e a insegurança dos cidadãos. Embora as práticas e os resultados pareçam algo semelhantes, não deve confundir-se o guerrilheiro com o bandido social.

Em Portugal a figura histórica do Remexido é comumente referida como estereótipo do guerrilheiro que se transforma em herói popular. No fundo, o que mais distingue o guerrilheiro do bandido social, ou do bandido, é que o primeiro, mais do que a



Figura 1



Figura 2

E foi no intuito de tentar descobrir a razão de tal precaução, que não encontramos em mais nenhuma terra do reino, que fizemos uma pequena incursão histórica à Província do Algarve, centrada neste período temporal.

¹ REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE LOULÉ n.º 13 2009.

² Esta recolha é da exclusiva responsabilidade do autor desta nota. O texto original estende-se ao longo de muitas páginas, das quais recolhemos extractos, sem que a ligação dos mesmos tenha sido assegurada.

³ O sublinhado não consta do texto.

afirmação da justiça social, persegue também um ideal, um projecto político e uma ideologia. O bandido social não inspira a sua luta num ideal político, mas tão somente na utópica vontade de fazer justiça pelas próprias mãos e de distribuir pelos mais pobres as riquezas com que os exploradores, políticos e proprietários, construíram a sociedade do privilégio e da desigualdade. Por conseguinte, o Remexido, pela essência da sua luta política, deve ser considerado como um guerrilheiro, que só episodicamente assumiu particulares atitudes de bandido social.

José Joaquim de Sousa Reis, que sob a designação popular de Remexido se tornaria mais conhecido, nasceu em Estombar, concelho de Lagoa, a 19-10-1796, no seio de um casal de agricultores de poucos recursos. As fatalidades da vida depressa lhe marcaram a existência, ceifando a vida dos pais e deixando-o órfão aos sete anos de idade. Acolheu-se então na casa do tio e padrinho, José Joaquim de Sousa, prior de Alcantarilha, homem piedoso, mas de insuficientes meios financeiros, e sem grande importância no seio do presbitério algarvio. Aos catorze anos de idade foi para o Seminário de São José, em Faro, onde se valorizaria pelos seus dotes de inteligência e de perseverança no estudo, destinado que estava a decalcar o trajecto do tio. Não admira, pois, que aos vinte anos recebesse já as Ordens Menores, que o habilitavam a realizar pequenas celebrações religiosas e a auxiliar o tio, então prior em São Bartolomeu de Messines, nos actos litúrgicos. Reconhecendo-lhe qualidades oratórias, o tio pediu-lhe que pronunciasse um sermão na festa de N.ª Sr.ª da Soledade, cuja audiência lhe granjeou o apreço e o convívio com a fidalguia local. Por isso conheceu e se apaixonou por aquela que viria a ser a sua futura esposa, Maria Clara Machado de Bastos, sobrinha do capitão de ordenanças Manuel Inácio de Bastos, homem de significativas posses e de reconhecido prestígio social, descendente da nobreza terratenente de Tavira. Para desgosto do tio o jovem deixou o trilhão presbiteral para “remexer” todas as vias possíveis no sentido de convencer a família de Maria Clara a aceitar o namoro. Apesar das diferenças sociais e da oposição de ambas as famílias, venceu a perseverança, a insistência e a obstinação do pretendente, cuja pertinácia lhe valeu o epíteto de “Remexido”, outorgado pela própria noiva.

Este protagonismo localista deu à figura do Remexido uma aura de proeminência e de honradez cujos ecos se estenderiam até Faro, não admirando, pois, que, certamente por isso, fosse escolhido, com a entronização de D. Miguel, em 1828, para o cargo de Alferes de Ordenanças, acrescentando desse modo a força militar à autoridade fiscal, de que já dispunha. Pode dizer-se, sem exagero, que o José Joaquim de Sousa Reis passou a ser, a partir do retorno ao absolutismo integralista, o homem mais poderoso de São Bartolomeu de Messines.

Essa notoriedade seria reconhecida e reforçada, em 1831, com o convite para integrar o recém-formado Batalhão de Voluntários Realista de Faro, ao qual tinham aderido as principais figuras da cidade, nomeadamente eclesiásticas, o que parece um contra-senso, face ao pacifismo cristão, mas que atesta a indefetível fusão política entre o Trono e o Altar que inspirava ideologicamente o miguelismo

Mas quando o Visconde de Molellos foi incumbido, em 1832, de consolidar a defesa do Algarve, face ao perigo iminente de desembarque das tropas liberais na escancarada costa algarvia, o que efectivamente viria a ocorrer em Junho do ano seguinte, nomeou o Remexido para o cargo de Co-

mandante dos Terços de Ordenanças de Silves. No exercício daquele cargo o diligente José Joaquim de Sousa Reis passava a ter às suas ordens 345 homens armados, dispostos a baterem-se pela causa miguelista, muitos dos quais o seguiriam para a resistência armada nas fragas da serra algarvia.

A frota liberal, que do Cerco do Porto iniciava uma manobra de ataque à retaguarda inimiga, comandada pelo Duque da Terceira, e designada pelos soldados como a “Falange dos Destinos”, desembarcaria no Algarve, mais precisamente na praia da Altura, a 24-10-1833, iniciando-se um período de inusitada fortuna para os liberais, que culminaria com a vitória na batalha naval do Cabo de S. Vicente e a consequente tomada de Lisboa a 24 de Julho. Até à convenção de Évora-Monte, assinada a 26-5-1834 pelo derrotado exército governamental, da qual resultaria o exílio do rei D. Miguel e a implantação definitiva do Liberalismo em Portugal, desenvolveram-se no Algarve várias iniciativas militares para desbaratar e repelir os liberais do efectivo domínio das principais cidades da região. É nesse conturbado período de fortes e inconciliáveis antagonismos ideológicos, marcado pelo acirrar dos ódios, que desperta para a ribalta do heroísmo militar a anónima figura do Remexido.

A invasão militar do Algarve, idealizada pelo almirante Charles Napier, mas chefiada pelo Duque da Terceira, investido como Governador Militar, e pelo Marquês de Palmela, investido como Governador Civil (o primeiro na história do nosso país), ocorreu praticamente sem confrontos militares. No período subsequente, entre Agosto e Maio do ano seguinte (1836), viu-se o Algarve a ferro e fogo sob a égide militar do Remexido, cujas tropas não sendo as mais preparadas nem as mais apetrechadas eram, contudo, as mais aguerridas e motivadas para rechaçar o invasor liberal, considerado pela Igreja como herético portador do mal, cuja legitimidade política consubstanciava-se, diziam, no facto de serem os mensageiros do anticristo.

A partir daí (1836) por toda a serra algarvia surgiram bandos armados de salteadores, que em nome dos “inaferíveis direitos” do Rei D. Miguel amedrontavam as populações das aldeias e montes do interior, obrigando-as a pagar uma espécie de imposto contra-revolucionário, cobrável em víveres e dinheiro.

Não obstante a amnistia político-militar decretada pelo governo para pacificar o país, o certo é que os liberais instigavam a plebe a perseguirem e tirarem desforço contra os antigos soldados de D. Miguel e seus apaniguados políticos. Na lista negra dos inimigos da pátria liberal figuravam os nomes do Remexido, no Algarve, e do Padre Marçal José Espada, no Alentejo.

E o momento chegou quando D. Miguel publicou no Palácio da Vellathorri, em Roma, a 21-3-1836, uma «Proclamação aos Portugueses» chamando-os a retornar à causa da Pátria e da Santa Religião.

Para recompensar o famoso guerrilheiro e dar novo alento à reabilitação da causa absolutista, o exilado D. Miguel nomeava para Governador do Reino do Algarve e Comandante Interino das Operações do Sul, o seu fiel servidor José Joaquim de Sousa Reis, vulgo o Remexido, com a urgente incumbência de reorganizar os antigos regimentos de milícias e de proceder ao recrutamento de voluntários.

1838. Perante isto o Remexido decidiu-se, novamente, pela dispersão das suas forças, camuflando-as no seio das populações a que pertenciam, até que as perseguições cessassem. Por isso diminuíram consideravelmente os ataques

das guerrilhas, que apenas se fizeram sentir em Vila Nova de Mil Fontes, Moncarapacho e Santiago do Escoural.

Como o inimigo gozava do apoio dos “serrenhos”, o cor. Fontoura mandou publicar em 2-5-1838 um Edital em que ordenava a evacuação de todos os montes da serra algarvia e alentejana, obrigando os seus habitantes a recolherem-se às cidades, vilas e aldeias mais próximas, trazendo consigo os gados e mantimentos necessários à sua sobrevivência, deixando cerradas as suas residências para que delas não se aproveitassem os rebeldes. Para que se protegessem os fiéis à Rainha e se os destrinçassem dos rebeldes miguelistas, mandou emitir um «Passaporte de Seguridade» a todos os maiores de quinze anos, por forma a que sendo apanhados fora das povoações não fossem passados pelas armas. Retornava-se ao tempo dos atrabiliários interrogatórios de «quem vive e quem manda»

Estabeleceu-se então cerrado tiroteio, mas a diferença de efectivos deixava em desvantagem as guerrilhas. Face ao desequilibrado poder de fogo e às dificuldades de furar o cerco, os rebeldes viram cair 56 dos seus homens, após o que iniciaram uma desordenada retirada. Para trás ficou o Remexido a descoberto e à vista da tropa que logo o identificou. Após tenaz perseguição o capitão Cabral foi o comandante da guerrilha desarmado e aprisionado. Levaram-no para Loulé, onde o presidente da edilidade mal recebeu a notícia da captura do “infame guerrilheiro” mandara repicar o sino do relógio da Igreja Matriz e acender aluminarias nas ruas, tendo voltado a repicar os sinos quando entraram na vila os oficiais que traziam acorrentado o Remexido para pernoitar na cadeia local.⁶⁰

Só no dia seguinte é que partiu para Faro, onde foi julgado em Conselho de Guerra, no dia 1 de Agosto, no salão nobre da Misericórdia, que o condenou à pena capital. Para que não restassem dúvidas de que se tratava da execução do celero guerrilheiro, ordenou o Administrador Geral «que de cada freguesia da serra viessem seis homens com cada Regedor de Parochia assistir à execução do malvado afim de que por este modo se tome atestamento inegável». No dia seguinte, pelas dezoito horas no Campo da Trindade (actual Jardim João de Deus, vulgo Jardim da Alameda) foi fuzilado, e de imediato sepultado no cemitério da Misericórdia.

A sua presença de espírito perante o tribunal que o condenou, a forma serena, íntegra e respeitosa como recebeu os últimos sacramentos; as últimas palavras que por escrito dirigiu ao filho no sentido de procurar, no indulto que a lei lhe oferecia, a paz que ele próprio nunca desfrutara, são pormenores que revelam a superior personalidade de um homem honrado, fiel às suas convicções e juramentos.

1839. Um ano depois da morte do Remexido, as antigas guerrilhas da serra transformaram-se em pequenos grupos de ladrões, salteadores de estradas e bandoleiros esfaimados, sem bandeiras, sem ideais, apenas com a vida a prazo. E em 1840, junto a Mértola, foram “caçados” os últimos cabeceiras da guerrilhas miguelistas: Alferes Ventura, Silvestre Joaquim Cabrita e Joaquim Nogueira Camacho. Pode-se dizer que a partir desse ano deixou de existir uma oposição

armada ao novo regime, sendo considerados literalmente exterminados os bandos de rebeldes que infestavam a serra algarvia.

Conclusão. Não obstante a opinião e a opção política de cada um acerca do Remexido, numa coisa teremos de concordar, é que não houve na história do Algarve nenhum outro homem que tenha concitado à sua volta uma aura de tão forte e acentuada celebridade, transformando-se num mito popular que ainda hoje suscita ódios e paixões.

Da leitura do texto acima, ficamos a saber que a partir dos anos 30, havia instabilidade política no Algarve, que se foi agudizando ao longo dos anos, e que teve o seu apogeu após a convenção de Évora Monte e o exílio de D. Miguel. Foi certamente nesta fase inicial que o correio de Tavira entendeu pôr em prática as medidas cautelares acima referidas. Sublinhe-se, no entanto, que todas estas remessas em metal chegaram a Lisboa, pois assim consta dos recibos de entrega assinados pela destinatária

Mas o ponto alto desta incursão histórico-postal ao Algarve, é o documento que se ilustra na figura 3.

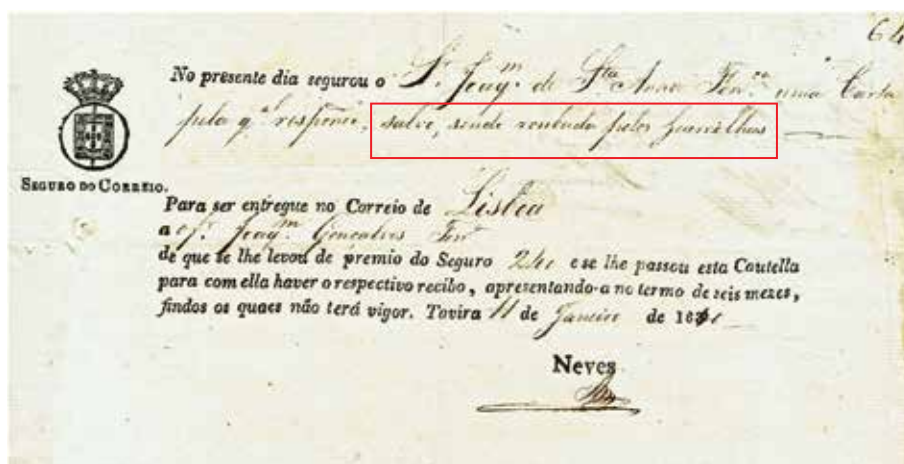


Figura 3

Trata-se de uma cautela do correio de Tavira, datada de 11 de Janeiro de 1840. O seu texto, mostra que nesse dia, seguiu o sr. Joaquim S. Anna Fonseca uma carta para Lisboa, e que pagou de prémio de seguro os 240 réis estipulados na legislação. Como nota adicional, anote-se que o Correio assistente de Tavira, mandou imprimir nas cautelas e nas letras do seguro o seu nome NEVES, o que não o dispensava de rubricar as mesmas.

Nesta cautela escreveu o correio assistente. “seguiu uma carta ao Sr. Joaquim de Santa Anna Fonseca pela qual respondo, salvo, sendo roubada pelos guerrilhas.”

Poderíamos ficar por aqui, não fosse a descoberta do documento que se ilustra na figura 4, que nos mostra que o correio assistente Neves, tinha razão para preocupações, pois que a mala com a correspondência onde ia a carta segura, foi efectivamente roubada perto de Alcoutim, no dia 12 de Janeiro de 1840, “como constou da participação do correio assistente desta villa.” (figura 4)

Ficava assim clarificada a questão do reembolso, que isentaria o CA de Tavira de pagar 480 réis ao expedidor da carta. Não sabemos qual o desfecho deste caso, pois o documento junto devia fazer parte de um processo de que só conhecemos duas páginas.

O DIA "D" NA FILATELIA

Dr. Jorge de Oliveira

Neste ano de 2019 todo o mundo (em especial a Inglaterra e a França) comemorou o 75º aniversário do dia 6 de junho, mais conhecido por DIA D, o dia em que os denominados aliados desembarcaram na Normandia, na 2ª guerra mundial. (Fig.1).

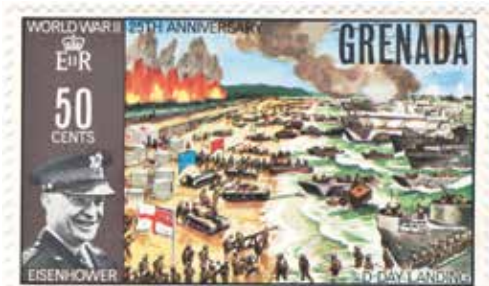


Fig. 1 - Desembarque no Dia D.

Parece ter cabimento lembrar que também a filatelia tem acompanhado o evento ao longo de todos estes anos. Assim, aqui se evocam alguns episódios daquele acontecimento, que se ilustram com peças filatélicas correspondentes.

Como é sabido, o líder russo Estaline há muito que vinha pedindo a abertura de uma segunda frente que contribuisse para aliviar a pressão na frente oriental que estava castigando duramente a URSS. Finalmente os três líderes aliados reuniram-se em Teerão em 28 de Novembro de 1943 (Fig.2), acabando por fixar a abertura da nova frente (denominada operação Overlord) para maio de 1944, a ter lugar na Normandia o seu começo.



Fig. 2 - Conferência de Teerão.

Em 13 de Fevereiro de 1944 o colégio de generais do alto comando aliado reuniu-se tendo o general americano Eisenhower sido designado comandante supremo e o general inglês Montgomery comandante das operações.

Desde logo se percebeu que era indispensável um absoluto segredo para o êxito da operação, até porque os Alemães há muito suspeitavam que um desembarque se daria em França. As defesas costeiras foram reforçadas com 3800 quilómetros de fortificações costeiras (supervisionadas pelo general Rommel), que ia da Noruega a Espanha e que ficou conhecida por Muralha do Atlântico.

A grande mistificação destinada em especial a enganar Hitler sobre o local do desembarque, compreendia trabalho de espionagem e contraespionagem, em que o agente duplo Pujol e a sua pequena equipa teve papel muito importante; competia-lhe convencer ao Alemães que o desembarque seria em qualquer local menos na Normandia. Para tanto também contribuiu a chamada Operação Fortaleza Sul que

se destinava a dar a impressão de que o Primeiro Grupo do Exército americano comandado pelo general Patton, se preparava para invadir a França por Calais. (Fig.3)



Fig. 3 - General Patton.

Foi ali montado um cenário incrível destinado a enganar os aviões e os espões, com milhares de veículos falsos (Fig.4), movimento de tropas, transmissões radio, milhares de tendas. Ao mesmo tempo simularam-se eminentes ataques na Noruega, Dinamarca e Balcãs, para obrigar ao deslocamento de tropas para o local, enfraquecendo assim os efetivos na Normandia.



Fig. 4 - C.C. Insufável.

Entretanto em França a resistência continuava activa e já informada do iminente ataque. De resto tinha instrução específica para aquele evento, cabendo-lhe especialmente desgastar e atrasar as tropas alemãs no dia do desembarque, nomeadamente cortando estradas e vias férreas. Apenas esperavam pela transmissão radio com a chave combinada para o desencadear das operações. Aquela chegou às 11,15 do dia 5 de Junho com os três versos do poeta Verlaine "ferrem a minha alma num lugar de calma e sono", completando

assim os três primeiros versos "Os soluços graves dos violinos suaves do outono". No entanto o desembarque não foi o primeiro acto da invasão; antes, na noite de 5 de Junho, mais de 14000 paraquedistas foram lançados no interior para tentar evitar o acesso às praias por parte dos alemães, inclusive destruindo ou capturando pontes. (fig.5) As 6,30 de 6 de Junho começou o desembarque que levaria, até ao fim do dia 150.000 homens a porem pé em terra. De notar que esta operação acabou por se revelar de grande dificuldade dado que os alemães tinham enviado recentemente para o local a 21ª Divisão Blindada equipada já com os temíveis carros de combate Tigre. (Fig.6)



Fig. 5 - Planadores em direcção às zonas de largada.



Fig. 6 - C.C. PK VI Tigre.

A costa da Normandia destinada ao desembarque foi dividida em cinco praias com nomes de código(Fig.7). Assim em Utah desembarca a 4ª Divisão americana, em Omaha a 1ª Divisão, em Gold a 50ª Divisão inglesa (Fig.8) em Juno a 3ª Divisão e em Sword a 3ª Divisão inglesa. (Fig.9) De todas a que ficou

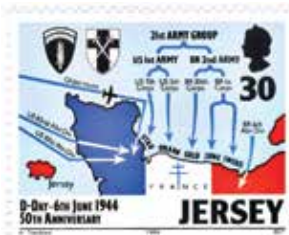


Fig. 7 - Praias de desembarque.



Fig. 8 - Praia Gold.



Fig. 9 - Praia Sword.

mais tristemente célebre, pelo seu fracasso parcial traduzido no elevado número de baixas, foi Omaha. De notar que dentre o material desembarcado se destacava o carro de combate M4 Sherman (Fig.10) bem como inúmeros artefactos concebidos especialmen-

te para a ocasião. Nomeadamente as lanchas de desembarque Higgins e os carros de combate modificados pelo engenheiro militar Hobart, que ficaram conhecidos pelos brinquedos de Hobart.(Fig.11)



Fig. 10 - C.C.M4 Sherman.



Fig. 11 - C.C. M4 Sherman modificado.

No final do dia os aliados tinham conseguido assegurar algumas testas de ponte que se foram consolidando e alargando nos dias seguintes apesar das tentativas desesperadas de defesa das tropas alemãs lideradas pelo carro de combate Tigre, na época, o melhor carro em serviço. De realçar finalmente que a logística também desempenhou um papel fundamental, pois era necessário desembarcar homens, veículos, combustível e mantimentos em tempo útil; para tal foram concebidos dois portos flutuantes que foram montados em duas das praias. O êxito deste desembarque levou na realidade à derrota final da Alemanha tendo os aliados chegado a Paris em 25 de Agosto de 1944 com o general Leclerc à frente da sua 2ª D.B. (Fig.12) num acto simbólico.



Fig. 12 - General Leclerc.

Foi na realidade o principio do fim desta brutal guerra que teve o seu epílogo, na Europa, no dia 8 de Maio de 1945, com a rendição incondicional da Alemanha.(Fig.13)



Fig. 13 - Celebração da vitória.

BIBLIOGRAFIA

- British and american tanks of WW2 - Peter Chamberlain e Chris Ellis
- Armoured fighting vehicles of germany - Profile publications, LTD
- le jour J - R.W.Thompson
- Operação Overlord - Max Hastings
- Uma ponte longe de mais - Cornelius Ryan
- Artigos e documentários vários

“A TOMADA DA BASTILHA” pela Associação Académica de Coimbra

A Associação Académica de Coimbra (AAC) comemorou no dia 25 de novembro, um dos eventos que marcou a sua história. A Tomada da Bastilha foi uma ação reivindicativa com a intenção de conquistar um local para sede da AAC.



Vitrine com as peças filatélicas



O selo personalizado



O Carimbo comemorativo

estudantes com tochas, conforme aquele dia em 1920.

Este ano, devido às conhecidas restrições, as comemorações foram ajustadas, sendo, no entanto, dignificantes da importância da efeméride.

Episódio único que ajudou a afirmar a força da AAC na cidade e no país, através da conquista “em assalto” de um edifício - o “Clube das Lentes” - por parte de um grupo de estudantes intitulados de “Os Conjurados”, foi um episódio que marcou a conquista da 1ª sede oficial digna da Associação Académica de Coimbra. Desde então, a chamada “Tomada da Bastilha” é celebrada num cortejo solene, onde participam



A caixa de correio usada no posto de correio

Contaram com um carimbo comemorativo e um selo personalizado (meu selo), com o motivo do logótipo da efeméride e com o apoio dos CTT – Correios de Portugal, numa organização da Secção Filatélica com a Direção Geral da AAC.

Foi realizado ainda o descerramento de Placa Comemorativa evocativa da efeméride e a inauguração de um Mural nos jardins da AAC.



A mesa de honra

A cerimónia contou com a presença do antigo médico e professor universitário jubilado Polybio Serra e Silva, de 92 anos, em representação dos antigos estudantes, o Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Manuel Machado, o Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra, Amílcar Falcão e Daniel Azenha, presidente da AAC.

Estiveram ainda presentes a Vereadora da Cultura da CM Coimbra, Carina Gomes, o Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, João Nuno Calvão da Silva responsável pelas Relações Externas e Alumni, a equipa da Direção Geral da AAC, representantes da direção da Secção Filatélica da AAC e vários representantes da imprensa regional e nacional.

“Esta comemoração reflete aquilo que queremos ver no futuro. Hoje são muitas as lutas da AAC, não só na política educativa, mas também pela igualdade, e, hoje, felizmente, podemos dizer que todos os estudantes podem praticar desporto, ter acesso a cultura ou fazer ouvir a sua voz”, sublinhou Daniel Azenha, presidente da AAC.



O sr. Presidente da Câmara Municipal no uso da palavra



A apresentação do carimbo e selo



As entidades a carimbar e assinar as peças

EXPOSIÇÕES INTERNACIONAIS

A pandemia covítica provocou imensas alterações nas datas das exposições internacionais, pelo que a Direcção da FPF decidiu fazer o ponto da situação relativamente a estas.



Vai realizar-se na África do Sul, de 22 a 25 de Julho de 2021 a exposição SAVPEX 2021.

Trata-se de uma **Exposição Virtual** da classe de Um Quadro.

As inscrições para esta exposição estão abertas até **16 de Maio de 2021** e devem ser feitas, como habitualmente, através da Federação Portuguesa de Filatelia.



Vai realizar-se na cidade de Budapeste, Hungria de 31 de Março a 03 de Abril de 2022 a exposição HUNFILEX 2022.

Esta exposição tem o patrocínio da FIP e o reconhecimento da FEPA.

As inscrições estão abertas até **30 de Junho de 2021** e devem ser feitas, como habitualmente, através da Federação Portuguesa de Filatelia.



Vai realizar-se na cidade de Lugano, Suíça de 18 a 22 de Maio de 2022 a exposição HELVETIA 2022.

Esta exposição tem o patrocínio da FIP o reconhecimento da FEPA.

As inscrições para esta exposição estão abertas até **30 de Setembro de 2021** e devem ser feitas, através da Federação Portuguesa de Filatelia.

LONDON 2022

As inscrições para esta exposição já estão fechadas, excepto na classe de Literatura.

As inscrições para Literatura estão abertas até **31 de Maio de 2021** e devem ser feitas, através da Federação Portuguesa de Filatelia.



Nesta exposição foram abertas as categorias de 2 e 3 Quadros.

A exposição europeia NOTOS-21 continua marcada para 19 a 22 de Novembro de 2021.

As inscrições são feitas directamente para a organização através do website da Notos www.hps.gr/notos2021.

De salientar o aparecimento nesta exposição da classe de 2 e 3 quadros, como classe experimental com o objectivo de dar a oportunidade da apresentação de excelentes e raros estudos.

O IREX da exposição pode ser consultado no website da exposição.

As inscrições fecharam em Maio. Agora a organização irá comunicar às Federações nacionais as inscrições recebidas do país de cada uma delas, e o comissário de cada federação nacional irá encarregar-se de todos os habituais procedimentos.

CAPE TOWN 2021

Devido à pandemia covítica a exposição internacional CAPE TOWN 2021 foi adiada.

As novas datas serão informadas logo que possível.

INDONÉSIA 2021

Esta exposição e o Congresso das FIP foram cancelados em 2021. A Exposição Mundial e o Congresso passaram para 2022.

A Exposição realiza-se de 4 a 9 de Agosto de 2022 e o Congresso de FIP decorrerá no dia 9 de Agosto de 2022.

GALARDÃO DE FILATELISTA EMINENTE

No último Congresso da FPF, realizado por Skype, foram atribuídos pelos Clubes Federados dois Galardões de Filatelista Eminente.

A proposta foi apresentada pelo Clube Filatélico de Braga, sendo seu autor o seu ilustre Presidente Cruz Lopes.

Foram galardoados os filatelistas João Violante e João Soeiro.

Estes galardões serão entregues logo que possível, em face da situação pandémica porque passamos.

É com prazer que publicamos o currículo destes dois filatelistas para se aquilatar da justeza da atribuição da mais alta distinção da Filatelia de Portugal.

JOÃO VIOLANTE



João Violante começou a coleccionar selos desde os 8 anos de idade tendo-se iniciado como tantos outros, pela coleção "Mundial". Assim se manteve até por alturas de 1958, quando passou a coleccionar, exclusivamente, o já habitual "Portugal e Colónias"

Começando, como habitualmente se fazia nessa altura, por uma coleção de "catálogo" foi, gradualmente, desenvolvendo cada uma delas, enveredando depois pela especialização, o que o levou, em 1983 a voltar a limitar o seu campo de acção, por incapacidade de manter, com algum nível, todas as colecções que possuía, à data.

Hoje está limitado a Portugal e, na classe de Tradicional, possui 9 colecções e na classe de História Postal tem 1 colecção de Pré- Filatelia, que nunca expôs nem para a qual tem Passaporte Filatélico

Na classe de Tradicional são as seguintes as suas participações, classificações e prémios obtidos:

1 - Portugal Clássico - 1ª Emissões

20 participações, 8 FEPA/FIP, das quais se destacam:

"Portugal 98" - Lisboa - Europeia - Ouro (92 pts)

"Espanha 2000" - Madrid - Mundial - Ouro (92 pts)

"Lisboa 2000" - Lisboa - Nacional - Ouro Gr. (92 pts) + Pérmio. Tradicional

"Portug. 2010" - Lisboa - Mundial - Ouro Gr. (96 pts) + Gr. Prémio Nac. + P. Espec.

"Évora 2013" - Évora - Nacional - Ouro Gr. + Gr. Prémio Classe Grande Compet.

Resumo das medalhas: Vermeil - 2; Ouro - 10; Ouro Grande - 8

2 - Emissões de Selos Nativos da Índia Portuguesa

Seis (6) participações, das quais se destacam:

"Inter-Portugal 90" - Stuttgart - Rang 3 - Ouro + Prémio Especial

Resumo das medalhas: Prata - 1; P. Grande - 2; Verm - 1; V.Grande 1; Ouro - 1

3 - D. Luis I - Emissões de Relevo - Fita Curva e Fita Direita

Onze (11) participações, 1 FIP e 2 FEPA e das quais se destacam:

"Espamer 96" - Sevilha - FEPA / FIAP - Vermeil Gr. - 88 pts

"Efiro 2008" - Bucarest - Mundial - Vermeil Gr. - 85 pts

"Antuérpia 2010" - Antuérpia - Europeia - Vermeil Gr. - 88 pts

Resumo das medalhas: Prata Grande- 2; Vermeil Grande - 4; Ouro - 5

4 - D. Luis I - Emissões Estampadas e de "Provisório"

Dez (10) participações, 4 Internacionais e das quais se destacam

"Ilhavo 2012" - Ilhavo - Nacional - Ouro Grande 91 pts + Prémio Classe

"Croácia 2013" - Zagreb - Internacional - Ouro Grande - 94 pts + Pr.Internac.

Resumo das medalhas: Vermeil Grande - 1; Ouro - 5; Ouro Grande - 4

5 - Emissões "Sto António" (Classe 1 Quadro)

Cinco (5) participações, 1 FIP e das quais se destacam

"Portugal 2010" - Lisboa - Mundial - Vermeil - 86 pts

Resumo das medalhas: Vermeil - 1; Ouro - 4

6 - Emissões "D. Henrique" (Classe 1 Quadro)

Duas (2) participações, sendo 1 medalha Vermeil e outra de Ouro

7 - Provas e Ensaio - República 1910-1940

Quatro (4) participações, 1 das quais Internacional, que se destacam

“Hunfila 2019” - Budapeste – Internacional - Vermeil Grande 83 pts

Resumo das medalhas: Vermeil - 2; Vermeil Grande - 2

8 - D. Carlos I - Tipo Diogo Neto

Uma (1) participação

“Atlantic Alpen-Adria” - Viana Castelo - Internacional - Ouro Grande- 92 pts

9 - Emissões “Santo António” (Classe Três Quadros)

Uma (1) participação

“Atlantic Alpen-Adria”- Viana Castelo - Intern. - Ouro - 88 pts + Pr Classe

10 - Resumo das participações

Medalhas de Prata – 1 Medalhas de Prata Grande - 2 Medalhas de Vermeil - 8 Medalhas de Vermeil Grande - 9

Medalhas de Ouro - 27 Medalhas de Ouro Grande – 13 Prémios Especiais 11

Outros Prémios Especiais - 4 Prémios de Classe - 3 Grande Prémio da Exposição - 4 Grande Prémio de Grande Competição - 1

Antes mesmo de ter iniciado a sua actividade como coleccionador / expositor, teve ocasião de fazer parte dos Corpos Sociais do Clube Filatélico e Numismático de Moçambique, de 1968 a 1974, onde se estreou como dirigente filatélico.

No âmbito desta actividade, organizou-se uma Exposição Filatélica em 1972 onde participou a maioria dos associados e foi levada a cabo nas instalações da sede do clube, na cidade de Lourenço Marques.

Nessa exposição, para além de fazer parte da Comissão Organizadora da mesma, foi igualmente, integrante do Corpo de Jurados.

Anos depois, razões profissionais levaram-no para o Brasil, onde se instalou com toda a sua família interrompendo, por isso, toda a sua actividade filatélica, até que, em 1983, regressou definitivamente a Portugal.

Fez-se então sócio do Clube Filatélico de Portugal e teve o ensejo de retomar esta actividade.

Em 1991, por alturas da “Philaibéria 91” que se realizou em Vila Nova de Gaia, recebeu o honroso convite para integrar a lista que iria concorrer à Direcção da Federação Portuguesa de Filatelia.

Desde então, como membro da Direcção da F.P.F. e, no âmbito das suas atribuições, fez parte das Comissões Organizadoras de todas as Exposições à responsabilidade da Federação, das quais se destacam a “Lubrapex 84”, por ter sido a 1ª Exposição em que participou depois do seu regresso, a “Portugal 98” e, mais recentemente, a “Portugal 2010”, pela importância que ambas tiveram no panorama filatélico nacional e internacional.

Integra, igualmente, o Quadro de Jurados nacionais da Federação, na Classe Tradicional tendo também, quando necessário e oportuno, ajudado na classificação das participações da Classe de História Postal.

Foi Comissário Nacional à “Hafnia 2001”, realizada em Copenhague nesse mesmo ano, onde se apresentou, igualmente, como expositor.

É ainda sócio de diversas colectividades filatélicas e, ultimamente, tem dado uma pequena contribuição à “Filatelia Lusitana”, revista oficial da Federação, com a publicação de alguns artigos versando temas na área dos selos clássicos portugueses.

JOÃO SOEIRO



João Manuel Lopes Soeiro, nasceu a 8 de Março de 1963, na Freguesia do Campo – Reguengos de Monsaraz.

Vive em Évora, é empresário e dedica-se ao colecionismo filatélico desde miúdo, ainda no tempo da escola primária, como ajuntador de selos.

Começou a desenvolver esta atividade e a sua vida de filatelista na Secção Filatélica da Associação Fotográfica do Sul, onde desempenhou funções na Secção Juvenil e mais tarde em várias Direcções desta referida associação. Ainda hoje faz parte do conjunto associativo desta agremiação.

Fundou com outros filatelistas eborenses e não só, a Confraria Timbrológica Meridional – Armando Álvaro Boi de Azevedo, cuja escritura pública teve lugar em Évora no dia 27 de Outubro de 1989. Neste clube foi sempre Presidente da Direcção, cargo que ainda hoje ocupa, sendo também o atual Diretor da revista “O Timbre”.

É sócio de vários clubes filatélicos, e integrou os Corpos Sociais da Federação Portuguesa de Filatelia pela primeira vez há mais de vinte e cinco anos, tendo passado por várias Direcções e pela Assembleia Geral. Atualmente é Vice-Presidente da Direcção.

Entrou para o Quadro do Corpo de Jurados da Federação Portuguesa de Filatelia em 2000, tendo prestado provas na XVIII Exposição Filatélica Nacional “Lisboa 2000”, comemorativa dos 500 Anos da Descoberta do Brasil. É Juri da F.P.F. nas classes de Aerofilatelia, Juventude, História Postal e Filatelia Tradicional. É Juri FIF na classe de Aerofilatelia desde 2009 e é Juri FEPA na classe de Filatelia Tradicional desde 2015.

Escreve com regularidade para algumas revistas filatélicas, e publicou em Outubro de 1997 o livro “Notas Sobre o Correio Aéreo Português”.

Fez parte de inúmeras Comissões Organizadoras de encontros filatélicos, mostras, salões e Exposições Filatélicas de competição em Portugal, das quais destacam-se as XII Exposição Filatélica Évora 82, Epora, 92, XVI Exposição Filatélica Nacional – Epora 94, Iberphila 96 – Exposição Fila-

télica Luso-Espanhola de Filatelia Tradicional, História Postal e Inteiros e Eboras 96 – Exposição Inter-Regional, Estremoz 2001, Eboras 2001- VII Exposição Filatélica Luso-Alemã, XIX Exposição Filatélica Nacional – Eboras 2006, Lubrapex 2009, XXIII Exposição Filatélica Nacional Bilateral Portugal/Bulgária – Eboras 2013. Integrado na estrutura federativa, fez parte das Comissões Organizadoras da Portugal 98, Portugal 2010, Lubrapex 2016 e Atlantic Alpen Adfria de 2019.

Foi Comissário português às exposições Wipa 2008, Planète Timbres 2010, Zagreb 2013 e Plovdiv Phila 2019.

Participou como Júri em mais de 25 Exposições Filatélicas Nacionais e internacionais.

Atualmente das suas várias coleções em concurso, destacam-se “Correio Aéreo Português”, “Emissões Independência de Portugal – 1926, 1927 e 1928” e “Emissões Marquês de Pombal”.

Expôs a primeira vez em 1977, com uma coleção de selos de Portugal, Emissões Comemorativas, numa mostra filatélica do Dia do Selo realizada pela Secção Filatélica da Associação Fotográfica do Sul.

As participações em competição iniciaram-se em 1981, tendo obtido com as diversas participações a nível nacional e internacional 5 Bronzes, 9 Bronzes Prateados, 16 Pratas, 6

Pratas Grandes, 8 Vermeil’s, 15 Vermeil’s Grandes, 8 Ouros, 6 Prémios Especiais, 5 Prémios de Classe e 2 Felicitações de Juri.

Participou em várias Filapex’s de norte a sul do país integrando diversas equipas e em inúmeros eventos filatélicos.

Foi orador nas seguintes Conferências e encontros:

- Salão de Filatelia Açoriana, com “Correio Aéreo Transatlântico – Sua Relação com os Açores”, Angra do Heroísmo, Novembro de 2017;

- IX Jornadas Nacionais de História e Filatelia, com a conferência “A História da Aviação Naval – Gago Coutinho e Sacadura Cabral”, na Academia de Marinha em Lisboa em Outubro de 2018.

Ao longo da sua vida de filatelista recebeu as seguintes distinções:

- 2004 / Ordem de Mérito Filatélico do Congresso da Federação Portuguesa de Filatelia;

- 2005 / Prémio Armando Vieira da ANJEF para a melhor publicação de Filatelia Tradicional;

- 2010 / Trofeu AFA;

- 2011 / Carteiro Honorário da CTM.

Ilyushin Alexander Sergeevich 1943 – 2021

Chegou-nos a notícia, sem esperarmos.

Um dos mais ilustres filatelistas russos, conhecido e tratado pelos amigos por Sasha, acaba de nos deixar e deixá-nos igualmente uma grande saudade. Amável, amigo, leal, directo, mas sempre com uma palavra de amizade e simpatia. Era um Senhor na filatelia.

Era graduado pela Universidade de Moscovo em Física e Professor Doutor de Física e Matemática na Universidade de Moscovo.

Era ainda membro da Academia Natural de Ciências e Presidente do Departamento de Radioelectronico de Nano

Sistemas. Era ainda membro da Academia Internacional de Informatização e tinha desempenhado muitos outros importantes cargos, que o tornavam num académico de excelência.

Publicou mais de 250 artigos em publicações russas e internacionais. Era professor Honorário da Universidade de Moscovo, e “*Honorary Worker of Higher Professional Education of the Russian Federation*”. Foi-lhe outorgada a medalha “*In memory of the 850th anniversary of Moscow*”.

Desde muito novo que se interessou pela filatelia, tendo organizado a formação da Federação Russa de Filatelia, tendo sido o seu primeiro Presidente, mais tarde membro Honorário da Federação Russa, e da Sociedade Moscovita de Filatelistas, e membro vitalício da American Philatelic Society.

Foi jurado do quadros de Jurados da FIP na classe de Inteiros Postais, tendo participado em mais de 40 exposições internacionais, tendo sido diversas vezes vice-presidente do Júri de exposições FIP.

Como expositor ganhou diversos importantes prémios com os seus trabalhos, e em especial com a coleção “*Stamped envelopes of the Russian Empire 1845-1868*”.

Na Rússia foi nomeado para importantes cargos estatais, que tinham a seu cargo a filatelia do país, como a *Commission on state postage stamps of the Ministry of Communications of the Russian Federation*, foi desde 2008-membro do *Public Council at the ITC “Marka”*. Foi ainda um especialista em filatelia do Ministro da Cultura da Federação Russa.

Dedicou-se igualmente à Literatura, que ele muito apreciava, tendo editado catálogos de selos russos



Ilyushin Alexander entregando a Pedro Vaz Pereira, no Jantar de Palmarés da Exposição Mundial de St. Petersburg, em 2007, a medalha de ouro atribuída pelo Júri internacional, ao seu livro sobre os Correios Portugueses

como o “*Whole things of the Russian Empire 1845-1917*”, tendo publicado mais de 300 artigos em revistas nacionais e estrangeiras.

O seu currículo é de tal maneira extenso, que procurei fazer um resumo daquilo que mais importante fez este ilustre filatelista russo.

Morreu o nosso Amigo Sasha, fica-nos a saudade, o seu exemplo, a sua figura de grande filatelista e amigo.

Que descanse em paz.

A Direcção da Federação Portuguesa de Filatelia apresenta à Família e à Federação Russa sentidas condolências.

A atividade da Secção de Colecionismo da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de V. Real Sto. António 2020 – Um ano condicionado

Francisco Matoso Galveias

Num ano atípico para a Filatelia Nacional e porque não dizê-lo, também para a Filatelia Internacional, mesmo assim a Secção de Colecionismo dos Bombeiros de Vila Real de Santo António apresentou-se aos seus mais de meio milhar de associados e muitos outros amigos.

Para este ano tínhamos previsto duas atividades filatélicas integradas no plano exposicional da Federação Portuguesa de Filatelia, APD, além do já tradicional Encontro Internacional de Colecionismo de Vila Real de Santo António.

As habituais parcerias com as escolas ficaram para o ano, se tudo correr como esperamos a começar já no primeiro trimestre de 2021.

Por contingências diversas, mas por opção própria, organizámos ainda a ALGARPEX 2020 – XI Exposição Filatélica do Algarve, inicialmente atribuída a outro agrupamento do Algarve.

1. 130 ANOS DO CORPO DE BOMBEIROS DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



Os elementos do Comando, Nuno Pereira, Alexandre Vicente e Paulo Vilanova; o presidente da Associação, Francisco Galveias, o Responsável pela Secção de Colecionismo Albano Parra e Responsável do Posto de Correio, Paula Campos

Iniciámos com as comemorações com a Mostra Filatélica dos 130 anos da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António, incluída num vasto programa. Estas comemorações decorreram na nossa cidade com várias demonstrações ligadas à atividade dos bombeiros, dentro e fora do Quartel de Bombeiros.

Numa Mostra Filatélica, de 10 a 20 de Janeiro, incluiu sete coleções da temática “bombeiros”, todas elas pertencentes, ou ao espólio da Secção de Colecionismo ou a colecionadores ligados à Associação, ocupando um dos halls do quartel, a entrada do Bar. A par da filatelia, estiveram ainda expostas várias peças de material de combate a incêndios ou de socorros a naufragos antigos.

No dia 15 de janeiro, dia do aniversário, funcionou no local da exposição um Posto de Correio, das 14,30 às 17,00 horas, provido de um carimbo comemorativo dos 130 do Corpo de Bombeiros de Vila Real de Santo António, ilustrado com o logótipo dos 130 Anos da autoria do escultor Nuno Rufino, também ele um antigo bombeiro voluntário da Corporação.



Sobrescrito da Exposição do 130 da Associação Humanitárias dos Bombeiros de Vila Real de Santo António

À cerimónia de aposição do carimbo estiveram vários elementos dos Corpos Sociais da Associação, todos os elementos do Comando do Corpo de Bombeiros, os responsáveis pela Secção de Colecionismo e uma funcionária da Loja CTT de Vila Real de Santo António, que procederam à formalidades habituais palavras de ocasião alusivas ao ato, de incentivo ao colecionismo e à manutenção no seio dos Bombeiros da atividade de colecionismo, proferidas pelo Presidente da Direção e pelo Comandante do Corpo de Bombeiros.

Para a tarde do dia 18 ficou reservada a Sessão Solene do Aniversário, em que estiveram presentes várias personalidades ligadas as Autarquias de Vila Real de Santo António e Castro Marim, ao Comando Operacional Distrital da Proteção Civil e os elementos dos Corpos Sociais da Associação, antes da qual se procedeu a uma visita guiada pela exposição que decorreu num ambiente quase familiar, mas com elevado número de participantes.

2. O ENCONTRO INTERNACIONAL DE COLECIONISMO DA AHBVRS

Porque a pandemia do COVID-19 não o permitiu, fomos obrigados a anular o VIII Encontro Internacional de Colecionismo de Vila Real de Santo António que, neste ano de 2020, estava previsto para os dias 6 e 7 de junho no Centro Cultural António Aleixo, a sala de visitas da cidade, igualmente dedicado aos 130 Anos da Associação que suporta a Secção de Colecionismo.

3. OS 45 ANOS DA RESERVA NATURAL DO SAPAL DE CASTRO MARIM E VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Previsto inicialmente para os meses de março e abril, os 45 Anos da Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e Vila Real de Santo António, viu o seu início sucessivamente adiado, acabando por se realizar de 5 setembro a 6 de outubro de 2020.

A Reserva Natural, criada por decreto em 27 de março de 1975, a primeira reserva natural a ser constituída em Portugal, segunda em área protegida. Nos considerandos enunciados no decreto-lei constam, por exemplo, os múltiplos aspetos ecológico, botânico, ornitológico e ictiológico; o interesse biológico da zona; o valor arqueológico do aglomerado urbano de Castro Marim, onde persistem vestígios de ocupação pré-histórica, fenícia, romana, árabe e cristã, o que confere àquele local, além de um local aprazível para passeios turísticos, um excelente cenário para inesquecíveis fotografias e revir a história passada do local.

E foi esta efeméride que nos moveu para tema da exposição.

A Mostra de Filatelia e Fotografia que se prolongou por mais de um mês e que mereceu por parte de quem a visitou, vários comentários agradáveis, incentivando-nos a continuar com uma tarefa que em boa altura reiniciámos em 2008.

Para esta Mostra, convidámos o fotógrafo amador Agostinho Gomes, um vila-realense que conhece como ninguém o Sapal; quanto às coleções filatélicas, convidamos os filate-



A "foto de família" das entidades presentes

listas de Vila Real de Santo António; Albano Parra e Francisco Galveias e de Faro, Jorge Bomba e Luís Brás, intercalando as coleções filatélicas com as fotografias de Agostinho Gomes, que, de forma harmoniosa, cativaram a atenção de quem nos visitou.

Estávamos em tempo de pandemia, pelo que a inauguração decorreu de forma discreta, mas controlada, e assim decorreu durante todo o período da exposição.

O dia 28 de setembro acabou por ser diferente. Porque estávamos limitados por questões de segurança sanitária e de número de presenças, tivemos de limitar o número



Sobrescrito da Exposição dos 45 Anos do Sapal de Castro Marim e Vila Real de Santo António

de convites. Não foram esquecidas as condições impostas pela Direção Geral de Saúde, estando uma funcionária da Associação a controlar as entradas, a medir a temperatura e encaminhando os convidados para o local da exposição.

Estiveram presentes por parte da Direção Regional da Conservação da Natureza e Florestas do Algarve o Eng.º Joaquim Castelão Rodrigues, por parte da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António estiveram o Vice-Presidente Prof. Luís Romão e o Vereador do Pelouro da Proteção Civil, Rui Pires; por parte da Câmara Municipal de Castro Marim a Vice-Presidente, Dr.ª Filomena Sintra e a assessora da presi-

dência, Nélia Mateus. Por parte da Associação de Bombeiros esteve presente o Presidente da Direção, Francisco Galveias e o Comandante do Corpo de Bombeiros, Nuno Pereira; presentes ainda a Chede de Loja, Natércia Palma em representação da Diretora dos CTT para Sotavento Algarvio, Catarina Góis, além e um elemento da Secção de Colecionismo, Albano Parra.



Entrega da Bandeira Algarpex por António Borralho (Lions Clube de Portimão) a Francisco Galveias (Secção de Colecionismo dos Bombeiros)

Foi uma cerimónia curta, mas carregada de simbolismo.

O Presidente da Direção que começou por agradecer a presença de todos, lamentando que os condicionamentos impostos pela pandemia tivessem empurrado para o último trimestre um acontecimento que deveria ter acontecido em 27 de Março e que os Bombeiros estariam sempre presentes quando a sociedade civil assim o exigisse, seguiram-se sucessivamente o Comandante da Corporação de Bombeiros, os representantes das Câmaras Municipais encerrando o ciclo de intervenções o Diretor Regional da Conservação da Natureza e Florestas que agradeceu, em nome da Reserva Natural do Sapal, a colaboração dos Bombeiros, apresentando ainda alguns dados estatísticos sobre a Direção Regional e sobre o Sapal.

Por questões de sanidade, não houve a tradicional Posto de Correio com a obliteração das peças filatélicas a serem previamente preparadas na Loja CTT.

No final procedeu-se a uma visita guiada à exposição.

Esta exposição esteve previstas para ser montada, em fevereiro na Escola Secundária de Vila Real de Santo António e em março/abril na Sede do Sapal de Castro Marim e na Sede do Instituto de Conservação de Natureza em Olhão que, por imposição superior tiveram de ser transferidas para data a anunciar.

4. O ALGARPEX 2020 – XI EXPOSIÇÃO FILATÉLICA DO ALGARVE

A ALGARPEX 2020 – XI Exposição Filatélica do Algarve realizou-se em Vila Real de Santo António de 23 de outubro a 2 de novembro, depois prolongada até ao dia 5 por motivo

do impedimento de circulação entre concelhos durante os dias 31 de outubro e do dia 2 de novembro.

Esta exposição que esteve inicialmente programada para a cidade de Faro e anulada por razões a que fomos alheios, mas que acabou por ser organizada pela Secção de Colecionismo dos Bombeiros, que chamou a si a organização quando se teve conhecimento da sua anulação.

Dispusemos de pouco tempo para a organizar, mas o tempo suficiente para a concretizar.

As exposições ALGARPEX já atingiram uma dimensão que carecem de uma logística que em tudo se assemelha a uma exposição competitiva que, só não o é, porque a vontade da maioria assim o quer.

Têm normalmente, cerca de oito dezenas de expositores, limitando, contudo, neste ano, as participações ao número de quadros disponíveis e a um quadro por participante, dada a impossibilidade de, em tempo útil, trazer para Vila Real de Santo António mais quadros, mesmo assim conseguimos juntar 54 participantes que concorreram com outras tantas participações, distribuídas várias classes filatélicas. Na Classe Juventude, os quadros, foram partilhados por mais do que um concorrente.

A limitação de pessoas, em simultâneo a visitar a exposição e a redução do programa foram outras condicionantes.

A Inauguração foi limitada; o Posto de Correio não funcionou no local; os condicionamentos de circulação não permitiu que os participantes estivessem presentes; a sessão de encerramento foi restringida ao mínimo, não havendo a habitual distribuição



Sobrescrito da Exposição da Algarpex 2020

de diplomas e prendas e, finalmente, o almoço convívio foi anulado por imposição da Direção Geral de Saúde.

Foi uma ALAGRPEX diferente e, por ser diferente teve também um desafio acrescido. Gostamos de desafios.

Mesmo assim, estiveram presentes algumas coleções com qualidade, inclusive, com participações em exposições competitivas, que chamaram a atenção dos visitantes.

Para o ano estaremos novamente em Portimão, esperamos nós, mas com menos restrições.



Carlos Lobão

No dia nove de outubro – Dias Mundial dos Correios, o Clube de Filatelia O Ilhéu apresentou no Polivalente da freguesia de Pedro Miguel, a mostra intitulada “*Património Faialense - Pias do antigo Poço da Faia vulgo Pias de Pedro Miguel*”, com a emissão de carimbo, selo e postal-máximo (ambos da autoria de Paulo Brilhante). Paralelamente, foram apresentados quatro selos com os brasões das freguesias de Pedro Miguel, Praia do Almojarife, Salão e Cedros.

Esta mostra foi uma atividade conjunta do Clube de Filatelia O Ilhéu, Escola Secundária Manuel de Arriaga, Estação da horta dos CTT e Junta de Freguesia de Pedro Miguel.

Estiveram presentes 31 pessoas entre autoridades, representantes da Câmara Municipal e de várias juntas de freguesia do Faial, população da freguesia, professores, em particular a presidente do Conselho Executivo, e alunos da ESMA e a Comunicação Social (RTP-Açores).

Forma cumpridas todas as regras de segurança decorrentes da Pandemia Covid 19.

A coordenadora da página de *Facebook* da Escola, professora Maria Miguel, sobre a mesma escreveu;

“O Clube de Filatelia “O Ilhéu”, coordenado pelo Professor Carlos Lobão, lançou hoje mais um Selo comemorativo. / A atividade inseriu-se na

Mostra Filatélica do Património Faialense e coincidiu com a celebração do Dia Mundial dos Correios. Que feliz coincidência!! Este selo é uma forma simbólica de promover a defesa e a divulgação da memória histórica da nossa ilha, concretamente as pias do antigo Poço da Faia, mais conhecidas por “Pias de Pedro Miguel”. / As pias ficarão, assim, perpetuadas num selo (Filatelia), num postal máximo (Maximafilia) e num carimbo (Marcofilia). Uau!! Que bom seria que todos os elementos do nosso património imóvel tivessem a mesma sorte!! 😊 / É uma honra para a nossa escola, e para a nossa ilha, poder contar com um Clube de Filatelia. 😊 “O Ilhéu” tem sido fundamental na celebração e promoção da identidade cultural da sociedade faialense – e isso não tem preço. / O Selo, que ficou lindíssimo, foi desenhado por um amigo especial do Clube de Filatelia, o mui talentoso senhor Paulo Brilhante”.

A 10 de novembro, data do 27.º aniversário do Clube, este apresentou a mostra *O Voto Faialense – 1672*, com a emissão de carimbo, selo e postal – máximo. Estes dois, à semelhança da mostra anterior, também são da autoria de Paulo Brilhante.



Pias de Pedro Miguel, Paulo Brilhante.



Professor Carlos Lobão, responsável pelo O Ilhéu faz a apresentação da mostra.

Dando seguimento à apresentação dos brasões das freguesias do concelho da Horta, foram apresentados quatro selos, três com os brasões das freguesias do Capelo, Pedro Miguel e Praia do Norte e outro com o brasão concelhio, uma vez que o voto é da responsabilidade da Câmara Municipal da Horta, “enquanto o mundo durar” como se pode ler no respetivo auto. Foi entre as freguesias do Capelo e da Praia do Norte que rebentou o vulcão que originou o voto. Na freguesia da Matriz existe o império de Reconhecimento e Beneficência que realiza o dito voto no domingo de Pentecostes.

Por determinação da superior – Resolução do Governo de 7 de novembro, – estiveram apenas presentes o responsável do Clube, o chefe de Estação dos CTT, os três membros do Conselho Executivo, os responsáveis pela Biblioteca e Museu da Escola, o representante da Câmara Municipal da Horta, os presidentes das Juntas de freguesia do Capelo e da Matriz e dois jornalistas de delegação da Horta da RTP-Açores.



Império de Reconhecimento e Beneficência vulgo Império dos Nobres, de Paulo Brilhante.

Professor José Branquinho 1933 – 2021

O Professor Branquinho foi durante muitos anos Director do Departamento de Cultura e Recreio do Sporting Clube de Portugal.

O Sporting Clube de Portugal teve durante muitos anos uma Secção Filatélica, presidida por esse incansável e pres-



Professor José Branquinho junto a uma das suas paixões, o Coro Coral do Sporting Clube de Portugal, que actuou no Dia do Selo de 2008, tendo sido este realizado nas instalações do Sporting Clube de Portugal.

tigiado homem da Filatelia de Portugal, que foi Carlos Calheiros da Silva.

Contudo o Professor José Branquinho estava sempre por detrás de Carlos Calheiros, a apoia-lo em tudo, que fosse necessário para que nada faltasse à Secção Filatélica.

Dispensou uma sala no Estádio José de Alvalade, para que a Secção Filatélica do Sporting funcionasse condignamente. Uma das suas paixões era o Grupo Coral do Sporting Clube de Portugal, onde ele próprio actuava.

Diversos eventos filatélicos, foram realizadas no Sporting Clube de Portugal, como alguns congressos e um Dia do Selo, que ficou célebre.

Este último foi realizado em 2008, já sob a batuta de João Paulo Santos, que entretanto tinha substituído Carlos Calheiros da Silva na Secção Filatélica do Sporting Clube de Portugal, mas a quem o Professor Branquinho continuava a dar o seu total apoio.

Esteve igualmente ligado durante muitos anos aos “Leões de Portugal”.

Outra das suas paixões era a poesia.

Durante a sua vida esteve presente em mais de 40 sessões de Antologia de Poesia e Conto, todas publicadas pela Editora Minerva e pelo Círculo Nacional d’Arte e Poesia.

Organizou muitos encontros de canto e poesia no Sporting Clube de Portugal e foi membro de muitas Tertúlias Poéticas de Lisboa e Portalegre.

Nos Jogos Florais de E.M.P. de Évora ganhou o 1º Prémio de Poesia dedicado à criança.

Publicou um excelente livro de poesias, a que deu nome de *Canto do meu Canto*.

Actualmente era membro de *Os Confrades da Poesia*.

José Garção Ribeiro Branquinho era natural de Monte Carvalho, freguesia de Niza, Distrito de Portalegre, onde nasceu em 1933, tendo-se licenciado em Ciências Pedagógicas da Faculdade de Letras de Lisboa.

Morre em Fevereiro de 2021, vítima de Covid19.

A cultura de Portugal perdeu um ilustre, um iluminado. Vamos sentir a sua falta e recordar com prazer a pessoa afável, cordial e sempre pronta para ajudar o próximo.

À família a Direcção da Federação Portuguesa de Filatelia, apresenta sentidas condolências.

“BIOGRAFIA JOSÉ BRANQUINHO”

José Garção Ribeiro Branquinho – usa o nome literário de «**José Branquinho**», Natural de Monte Carvalho, freguesia de Ribeira de Nisa, Distrito de Portalegre; nascido a

8 de Julho de 1933. Professor jubilado (Ensino Básico). Tem o Curso de Ciências Pedagógicas da Faculdade de Letras de Lisboa e tem como hobby a Poesia a Música e o Canto. Já participou em cerca de 4 dezenas de Antologias de Poesia e Conto, publicadas pela Editorial Minerva e Círculo Nacional d’Arte e Poesia. É membro de Tertúlias Poéticas em Lisboa e Portalegre; organiza encontros de canto e poesia no seu Clube - «Sporting Clube de Portugal», onde dirige o Departamento de Cultura e Recreio. Obteve o 1º Prémio em Poesia dedicada à Criança - Jogos Florais da E.M.P. de Évora.

Actualmente é membro de “**Os Confrades da Poesia**” em Amora.

Bibliografia:

“Canto do meu canto”

REGULAMENTO PARA ATRIBUIÇÃO DE SUBSÍDIO E PUBLICIDADE À LITERATURA FILATÉLICA

As regras estabelecidas pela Federação Portuguesa de Filatelia, para a atribuição de apoios à Literatura Filatélica para as publicações periódicas são:

1. É obrigatório a publicação de pelo menos 1 número por ano. No caso dos jornais deverão estes ter o mínimo de 8 páginas formato A4.
2. O prazo para as publicações será de 1 de Janeiro até 31 de Dezembro, podendo a distribuição do último número do ano ser feita até 31 de Janeiro.
3. A impressão das revistas e jornais deverá ser de impressão tipográfica.
4. As revistas on-line serão subsidiadas em 100.euros.
5. O conteúdo das publicações tais como artigos e outras informações deverá ser sempre de interesse filatélico. Os contenciosos pessoais devem ser evitados nestas publicações.
6. As publicações filatélicas devem ser editadas em português. São permitidos artigos em língua estrangeira, desde que a sua tradução seja publicada em simultâneo.
7. Os montantes a atribuir serão da responsabilidade da Direcção da F.P.F. e serão pagos após a publicação de cada um dos números. Para tal deverão os Clubes Federados enviar à FPF dois números da publicação, que serão enviados posteriormente aos Correios de Portugal.
8. Caberá à FPF o pagamento de todos os subsídios de Literatura e propor os mesmos aos CTT-Correios de Portugal.
9. Estes subsídios destinam-se apenas a publicações de Agremiações Federadas, escritas em português.
10. Se qualquer das publicações não cumprir as normas atrás estabelecidas não terá direito a subsídio.
11. Os pedidos de subsídios de Literatura para o ano seguinte deverão ser enviados por escrito à Direcção da FPF até 30 de Abril do ano anterior a que se destinam.
12. Todos os casos não previstos nas presentes Normas serão resolvidos pela Direcção da F.P.F.

Lisboa, 1 de Maio de 2021

The Roll of Distinguished Philatelists

A Royal Philatelic Society London outorgou o seu mais alto galardão a dois amigos da filatelia de Portugal.

São eles José Ramon Moreno e Dénes Czirók.

A Direcção da Federação Portuguesa de Filatelia felicita vivamente José Ramon Moreno e Dénes Czirók pelo alto galardão com que agora foram distinguidos.



JOSÉ-RAMÓN MORENO, RDP – ESPANHA

José-Ramón Moreno trabalhou incansavelmente no nível organizacional da filatelia europeia e internacional durante mais de 20 anos. Até 2019, foi Presidente da FEPA, trabalhando com as federações europeias e a nível global no desenvolvimento da filatelia e organização de exposições. Em Novembro de 2019 foi eleito Presidente Honorário da FEPA. As suas contribuições foram reconhecidas em muitos países, com distinções incluindo a Medalha de Ouro do Mérito Filatélico do Governo Espanhol. É um júri internacional qualificado na filatelia temática e literatura filatélica, José-Ramón esteve profundamente envolvido na actualização dos regulamentos de julgamento de ambas as classes e também esteve entre os responsáveis para os regulamentos da nova classe de Filatelia Aberta. É autor do livro *Filatelia Temática: Análise e Pesquisa*, publicado pela Royal Hispanic Academy of Philately. Os seus artigos têm contribuído para o desenvolvimento e compreensão da filatelia temática, principalmente nos países de língua espanhola. As coleções temáticas de José-Ramón abrangem uma variedade de assuntos relacionados com o desporto, incluindo iatismo, esqui e golfe, e receberam grandes prémios, incluindo um Grande Prémio FIP.



DÉNES CZIRÁOK, RDP – HUNGRIA

Dénes Cziráok, também conhecido como “Denis”, combina um profundo conhecimento da filatelia húngara com a vontade de compartilhá-lo. Os seus inúmeros livros cobrem áreas da história postal da Hungria, cartões postais e obliteraões. Ele também é autor de um enorme conjunto de artigos em várias línguas, incluindo inglês e alemão, e foi editor do *The Postal History Journal* na Hungria durante muitos anos. Estes assuntos refletem-se nas suas coleções, tendo formado coleções de elevado nível da história postal relacionada com a Hungria, cobrindo os séculos XVIII e XIX, as quais receberam prémios nacionais e internacionais. Denis tem sido um líder dentro da filatelia organizada, incluindo a organização de uma série de simpósios na Hungria para a FEPA e também na Áustria e Sindelfingen. É um jurado de história postal da FIP qualificado, Denis foi comissário em várias exposições e é presidente da comissão de jurados da Hungria. A sua contribuição para o esforço filatélico na Hungria e na Europa continua a ser significativa.

A.P.O. (Army Post Office) – O Serviço Postal Militar Norte-americano no Brasil durante a II Guerra Mundial

Rubem Porto é um filatelista de corpo inteiro como eu gosto de dizer. Dedicou-se à filatelia em todas as suas vertentes. Como colecionador e investigador, como escritor, como expositor e como dirigente filatélico, tendo ocupado o maior cargo na filatelia brasileira, que foi o de Presidente da FEBRAF- Federação Brasileira de Filatelia.

Acaba-se de publicar um excelente trabalho, que hoje noticiamos nestas páginas da Filatelia Lusitana, revista sempre aberta a promover os grandes trabalhos de História Postal.

Parabéns ao Rubem Porto pelo excelente trabalho publicado e sinceros votos, para que continue com a mesma qualidade.

Pedro Marçal Vaz Pereira



atuais, tendo sido o serviço de correio colocado sob total controle militar ainda em 1940 quando o Congresso dos EUA criou oficialmente o Army Post Office - Serviço Postal do Exército. Esta nova organização, entretanto, continuou a trabalhar junto ao correio civil dos EUA a quem cabe, até os dias de hoje, a distribuição das correspondências para o pessoal civil.

Portanto, para atender aos militares norte-americanos funciona até os dias de hoje um sistema de correio específico e associado às forças militares norte-americanas em qualquer parte do mundo. Este serviço especial e oficial de correio atende pela sigla A.P.O. (Army Post Office). Apesar de o nome fazer referência ao Exército, ele atende, indiscriminadamente a todos os tipos de tropas, de qualquer arma norte-americana.



Rubem Porto

Rubem Porto Jr.
(rubempjr@gmail.com)

RESUMO DO TRABALHO

Vem de longe a preocupação dos norte-americanos com a atividade de correio durante suas participações em guerras. Durante a Guerra Civil Norte-americana, ainda no século XIX, o Serviço Postal Civil atribuía função de controlador de correio a uma pessoa específica, que atuava em cada um dos regimentos mobilizados, e sempre havia um posto de correio no campo de batalha.

Quando da Guerra Hispano-Americana, soldados norte-americanos passaram a lutar também fora do território dos Estados Unidos. Neste momento, o Serviço Postal Civil seguiu-os, mantendo assim o contato permanente entre os militares e suas famílias.

A partir da participação norte-americana na I Guerra Mundial, passa à operar um serviço de correio militar específico, montado com auxílio das tropas do exército, mas ainda operado e sob controle do correio civil. O primeiro APO (Army Post Office) surge neste momento, e a primeira estação postal, com as características que definem um APO, foi inaugurada em 10 de julho de 1917, na França.

Da II Guerra Mundial até os dias atuais, este serviço funciona em moldes padronizados que perduram até os dias

Introdução

Vem de longe a preocupação dos norte-americanos com a atividade de correio durante suas participações nas várias guerras em que estiveram envolvidos.

No século XIX, durante a Guerra Civil norte-americana, o Serviço Postal Civil atribuía função de controlador de correio, a uma pessoa específica, para cada um dos regimentos mobilizados e sempre havia um posto de correio no campo de batalha.

Na Guerra Hispano-Americana (1898), soldados norte-americanos lutaram, pela primeira vez, fora dos Estados Unidos. O Serviço Postal Civil seguiu-os, mantendo assim contato permanente entre os militares no front de batalha e os civis em terras norte-americanas (figuras 1 e 2).



Figura 1: Correspondência referente a Guerra Hispano-Americana, despachada do campo de batalha para o território norte-americano. Porte de 2 cents, datada de 30 de outubro de 1898. (National Postal History Museum)

Uma das características mais marcantes do que viria a ser, no futuro, um A.P.O é a utilização de números para assinalar o local de expedição da correspondência. Na figura 3 essa característica pode ser observada na marca circular datadora de cor roxa "Mil. P. Sta. N.º 26. Buena Vista, Cuba - 19/03/99".

O A.P.O. é um serviço que pretende atender às necessidades dos militares norte-americanos que podem estar lotados em qualquer parte do mundo, seja em bases fixas (terrestres), ou mesmo móveis (porta-aviões, por exemplo).

4. Serviço de Correio nos campos-bases norte-americanos em território brasileiro. (Todas os documentos apresentados a partir deste item fazem parte do acervo pessoal do autor, exceto as figuras 44a e 50 que pertencem ao acervo de Henrique Cruz)

É apropriado que aqui mostremos como funciona o serviço de correio militar norte-americano do ponto de vista de suas marcas. É importante salientar que até hoje a padronização do serviço é a mesma aqui aplicada. Relembremos também que o serviço de correio militar interage com o correio civil já que esse é o encarregado de realizar a distribuição das correspondências fora da área militar. As principais características destas correspondências, estão indicadas na figura 10.

Deve ser entendido que o sistema foi pensado de forma que toda a informação necessária ao manuseio e envio do documento estivesse presente na parte frontal do mesmo, facilitando e agilizando a sua manipulação.



Figura 10: Características a serem observadas em um envelope circulado pelo Army Post Office (APO)

O estudo aqui apresentado discute o funcionamento, apresenta as marcas e as franquias associadas a este serviço, utilizadas durante a existência de bases fixas e de patrulha norte-americanas no Brasil no período da II Guerra Mundial.

Durante o desenrolar do conflito, e a partir da entrada do Brasil no mesmo ao lado das forças aliadas contra as tropas do Eixo, foram construídas em território brasileiro 16 bases, entre navais, aéreas e de uso misto, pelos militares norte-americanos. As bases se localizavam ao longo do litoral brasileiro, desde aquela mais ao norte localizada na Cidade de Macapá, no então Território do Amapá (existindo ainda um pequeno campo de patrulhamento nas proximidades de Oiapoque), até a Cidade do Rio de Janeiro no litoral sudeste.

Local/ Número	Tipo	Início da construção	Data da Desativação
Amapá (Macapá) – 603	Apoio Aeronaval	01 / 07 / 1943	31 / 10 / 1946
Belém (Val de Cans) – 603	Aeronaval	22 / 05 / 1942	31 / 10 / 1946
Natal – 604	Aeronaval	13 / 05 / 1942	20 / 02 / 1946
Camocim – 604	Apoio Aeronaval	01 / 10 / 1942	Não ativada totalmente
Maceió – 604	Aérea (patrulhamento)	01 / 06 / 1942	20 / 11 / 1945
Fortaleza – Pici Field – 619	Aeronaval	26 / 06 / 1942	15 / 03 / 1946
São Luiz – Tiririca Field – 620	Naval	26 / 06 / 1942	15 / 03 / 1946
Igarapé-Assu – 620	Aérea (patrulhamento)	26 / 07 / 1943	20 / 04 / 1945
Parnamirim Field (Natal) – 643	Aeronaval	20 / 06 / 1942	31 / 10 / 1946
Recife – Ibura Field – 675 e 676	Naval	25 / 07 / 1942	14 / 03 / 1946
Bahia (Aratu) – 675	Aeronaval	13 / 12 / 1941	20 / 11 / 1945
Bahia (Ipitanga) – 675	Aérea (patrulhamento)	13 / 01 / 1942	10 / 06 / 1945
Bahia (Caravelas) – 675	Aérea (patrulhamento)	24 / 10 / 1943	01 / 08 / 1945
Fernando de Noronha – 675	Aeronaval	01 / 04 / 1943	10 / 06 / 1945
Rio de Janeiro (Santa Cruz Field) – 676 (*)	Aérea	08 / 12 / 1941	?
Vitoria – 676	Aérea (patrulhamento)	12 / 04 / 1944	21 / 10 / 1945

A maior parte das instalações atendiam a forças aeronavais e foram construídas pelos engenheiros do exército dos Estados Unidos, através de um contrato com a cooperativa “Pan-American Airport Corporation”. Entretanto, o projeto inicial recebeu recursos adicionais para que o atendimento das necessidades das forças norte-americanas e do governo brasileiro pudessem ser concretizadas.

As principais bases eram do tipo aeronavais, entretanto, bases para patrulhamento e bases para depósi-

5.2.2 - Documentos Postais

A separação entre as localidades atendidas por este APO só pode ser feita através da localização do remetente na data de envio da correspondência. A figura 18 mostra um envelope que pagou a franquia de 6c com selo aéreo e circulou desde entre a Base de Natal, A.P.O. 604 para a Pensilvânia (EUA). O porte de 6c foi pago com selo aéreo cancelado por datador duplex (marca do tipo 1), preta com datador central (JAN 12 1943) “U.S. ARMY POSTAL SERVICE - A.P.O.”. A marca de censura é do tipo 1, trilínear, sem moldura, na cor lilás “CENSORED by the Commanding Officer - Per _ A.C., U S” e marca, em vermelho, aplicada no espaço vazio referente à identificação/codificação do censor. Observar que o envelope utilizado assinala ser para uso “Via Air Mail” “Correio Aéreo”. Portanto, o militar que o envia deve trazer consigo esse envelope de outra base, onde o espanhol fosse a língua dominante.



Figura 18: Envelope circulado entre a Base de Natal e o Estado da Pensilvânia (12/01/1943).

A figura 19 é um inteiro postal pré-franqueado em 6c circulado entre a Base de Natal, A.P.O. 604 e Bagorn, New Jersey (EUA), por via aérea. A marca datadora

to e estocagem (combustível, peças e mantimentos) também foram construídas ao longo da costa. Portanto, variavam em tamanho e importância. Algumas delas, após a saída dos militares norte-americanos, se transformaram em aeroportos civis, ou mesmo bases militares brasileiras, que permanecem em funcionamento até os dias de hoje. As bases e/ou campos de patrulhamento até aqui identificadas foram:

CURRICULUM VITAE

Rubem Porto Jr.

Formação profissional:

➤ Bacharel em Geologia, Mestre em Ciências na área de Geoquímica, Doutor em Ciências na área de Petrologia Ígnea.

Formação Filatélica:

Colecionador de selos desde meados dos anos 1970. No final dos anos 1980, após se filiar ao Clube Filatélico do Brasil, seu interesse filatélico é direcionado para a Classe de Filatelia Temática, com a montagem das coleções “Geologia: a Ciência da Terra” e “Recursos Minerais da Terra”. Com elas inicia seu ciclo de colecionador-expositor em 1993 na exposição EXFILRIO. No final dos anos 1990 deriva seu interesse para as Classes Tradicional e História Postal e monta coleções sobre o “Padrão Bisneta” e “História Postal da província do Rio de Janeiro durante o Império”. Hoje estuda a História Postal Militar Brasileira, Censura Postal Brasileira e Emissões regulares da República do Brasil. Como expositor participou de inúmeras exposições Regionais, Nacionais e Internacionais, dentre elas, das LUBRAPEX da qual participa desde 1994. Atuou como Comissário Filatélico Regional, Nacional e Internacional, incluindo uma primeira experiência na função durante a realização da Lubrapex 2003 em Lisboa. Com a coleção de História Postal, conquistou cinco Medalhas de Ouro FIP, e um Grande Prêmio Nacional na exposição FIP BRASILIANA 2013. Como dirigente filatélico, atuou como Diretor Cultural, Diretor de Publicações e Vice-Presidência no Clube Filatélico do Brasil, tendo ainda exercido a Presidência desse Clube entre os anos de 2012 e 2014. Exerceu ainda, entre os anos de 2017-2021, a Presidência da Federação Brasileira de Filatelia (FEBRAF). É jurado nacional habilitado nas Classes História Postal e Tradicional e publicou dezenas de artigos filatélicos e participou de inúmeros seminários de filatelia nos últimos 25 anos.



ACADEMVS



A Revista da Real Academia Hispánica de Filatelia e História Postal, é publicada numa cooperação entre a Direcção de Filatelia do Correio de Espanha e a Real Academia.

Considero esta revista como uma das melhores do mundo de História Postal.

Este número 24, publicado em Julho de 2020, é de uma riqueza enorme de artigos de História Postal. As ilustrações dos artigos são soberbas e a qualidade gráfica de grande qualidade.

Esta publicação está aberta, a todos os académicos espanhóis e estrangeiros.

Para além dos artigos, publica outras informações sobre a vida da Real Academia e de interesse para os seus membros.

Estamos perante um trabalho de altíssimo nível, que enriquecerá qualquer biblioteca.

Qualquer informação sobre esta publicação pode ser solicitada para o e-mail info@ahf.es.

THE PHILATELIC JOURNALIST



Foram recebidos os números 163 e 164 da revista oficial da AIJP-Associação Internacional de Jornalistas Filaté-



licos, que continua a abordar um conjunto grande de assuntos, que dizem respeito à literatura filatélica.

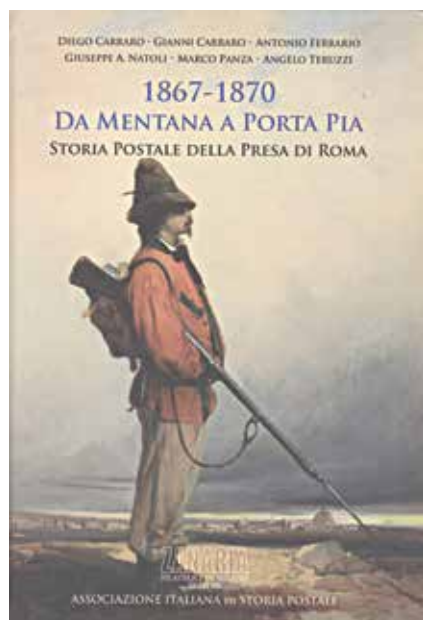
Para além disso, é largamente informativa da realização das exposições internacionais.

Vale a pena ser sócio desta nobre associação de jornalistas e receber esta revista, sempre útil para o desenvolvimento da literatura mundial.

Wolfgang Massen e a sua equipa continuam a manter uma revista de grande qualidade informativa.

1867-1870 Da Batalha de Mentana à Tomada de Roma ou Da Batalha de Mentana à Tomada da "Porta Pia" História Postal da Tomada de Roma

Pedro Marçal Vaz Pereira



A Associação Italiana de História Postal acaba de publicar um extraordinário trabalho de História Postal.

A batalha de Mentana faz parte do processo de unificação de Itália.

Desenrolou-se em 1867, entre as tropas francesas, que eram aliadas do papado e o exército de italianos, composto principalmente por voluntários e que integravam as tropas de Giuseppe Garibaldi, o unificador da Itália.

A batalha deu-se na vila de Mentana, que ficava entre Roma e Monterotondo, e encontra-se dentro do processo da história da unificação de Itália.

Garibaldi tinha um exército de mais de 8 mil homens muito superior ao francês, mas não dispunha de artilharia e cavalaria.

Garibaldi perderia esta batalha, tendo-se retirado.

A história deste livro começa em 1867 e termina em 1870 e descreve-nos todo o percurso político e todo o movimento postal, que foi criado com estas operações militares, como por exemplo a introdução dos selos postais em Roma, decorria o ano de 1870.

Começa pela "Questão Romana", prossegue pela "Campanha de 1867", "O Correio Militar durante a campanha

de Agro Romano", "O Correio Civil", tudo excelentemente descrito e ilustrado com um conjunto de excepcionais peças postais.

São autores desta obra Diego Carraro, Gianni Carraro, Antonio Ferrario, Giuseppa A. Natoli, Marco Panza e Angeli Teruzzi.

Amplamente ilustrado e excelentemente narrado, numa publicação de grande nível histórico.

Felicitos os autores e também Luca Lavagnino Presidente da Associação Italiana de História Postal pelo extraordinário trabalho que agora publicaram.

MODERNE ANGOLA-PHILATELIE



Pouco antes da viragem do ano receberá o número 15 da revista digital gratuita "Moderne Angola-Philatelie".

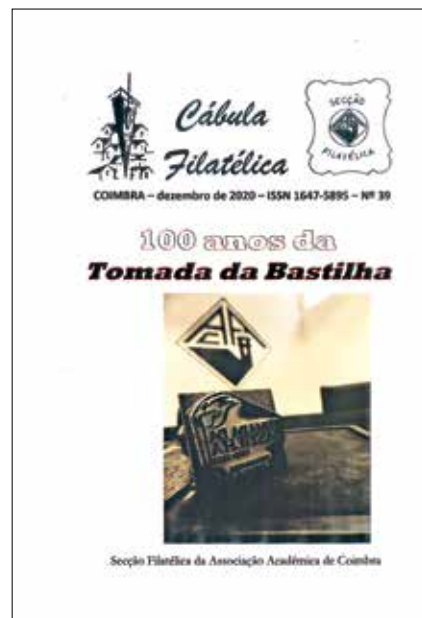
A próxima edição deve ser publicada em maio de 2021.

Como sempre, as edições anteriores podem ser solicitadas como arquivos PDF por e-mail a qualquer momento. Não há impressão.

CÁBULA FILATÉLICA

A Secção Filatélica da Associação Académica de Coimbra acaba de publicar o nº 39 da Cábula Filatélica.

Infelizmente o subsídio dado pela Federação a esta Secção Filatélica, não tem sido usado na sua totalidade,



para que seja publicada uma revista de nível como acontece com O TIMBRE, O VALE DO NEIVA e o SELOS E MOEDAS. Este subsídio de Literatura tem sido usado nesta Secção da AAC, para outros fins, que não a Literatura, **a como estavam obrigados**. O sr. Nuno Cardoso inclusive, quando a Direcção da FPF lhe reclamava por uma melhor revista e perguntava-lhe das razões porque tal não acontecia perante o subsídio recebido, respondeu-nos: "E então o que sobra para nós?" comprovando que faziam uma revista de baixa qualidade, para sobrar dinheiro do subsídio de Literatura, uma vez que o usavam para outros gastos da SFAAC, que não a Literatura. Só aí a Direcção da FPF ficou conhecedora do modo, como operava este agrupamento federado com o subsídio de Literatura. Fotocopiavam uma revista, quando a verba dada pela Federação dava perfeitamente para se fazer uma revista de qualidade e não a pobre revista, que têm apresentado. Inclusive a FPF já forneceu à SFAAC preços de impressão altamente vantajosos, cobertos pelo subsídio concedido pela Federação. Também já demos vastos conselhos ao Sr. Nuno Cardoso, para a regularização da distribuição, um pouco caótica, da revista, que devia ser feita aos sócios, **QUE PAGAM AS QUOTAS** e não a tudo e a todos, sem qualquer critério. Os tempos mudaram, os desígnios também. Esperamos então que o Sr. Nuno Cardoso e Sr. José Cura encontrem os meios necessários, para atingirem os fins desejáveis, com a verba dada pela Direcção da Federação Portuguesa de Filatelia, que se destina à Literatura e só a esta.

Aqui estaremos como sempre, para apoiarmos a Secção Filatélica da Associação Académica de Coimbra, dentro daquilo que consideramos desejável e possível.

CORREIO POR POMBOS - Uma Interessante Coleção, agora em livro



Trazemos a atenção de nossos amigos e associados o livro de número 57 da Edition D'Or, publicado pela Global Philatelic Network. O livro apresenta com ricos detalhes a coleção e peças de Lutz König sobre o Correio por Pombos (Pigeon Post).

Crítica do livro, por Wolfgang Maassen (AIJP)

Colecionadores temáticos às vezes têm a oportunidade de coletar itens que se relacionam com sua área de coleção escolhida não apenas em selos, mas também como originais - mesmo em formato de miniatura - sejam carros, trens ou navios, para citar apenas alguns exemplos. Os amantes dos animais frequentemente criam ou mantêm os animais que são objeto de seus interesses filatélicos. Foi exatamente o que aconteceu com Lutz König, filatelista nascido em Nordhausen, na região do Harz, em 1952.

König não só sabe muito sobre „Pigeon Post“ (o título de sua exposição, que recebeu muitas medalhas de Grand Prix e Ouro Grande desde 2006), mas também sobre os próprios pombos, que criou até 1990. Ele ganhou muitos prêmios com seus pombos em muitos shows na ex-RDA. Foi

apenas sua carga de trabalho que o levou a desistir desta busca demorada para avançar em sua carreira, e ele se concentrou neste encantador tema que é o pombo.

O livro poderá ser adquirido em:
Heinrich Köhler Auktionshaus
GMBH & CO. KG
Hasengartenstr. 25
65189 Wiesbaden
info@heinrich-koehler.de
69 €

H.R.Harmer
45 Rockefeller Plaza, Suite 2607
New York, NY 10111
info@hrharmer.com
79 US\$

HISTÓRIA DO BAILADO EM PORTUGAL



Sem contornos marcadamente académicos, esta edição é proposta como uma resenha histórica do bailado que, em certos períodos, se produziu em Portugal. Tem como objetivo aproximar a arte do bailado ao grande público, prestando também homenagem aos vários artistas e às instituições que possibilitaram que esta arte se desenvolvesse no país, abordando, essencialmente, a história do bailado no século XX. Da autoria de António Laginha, que foi bailarino das companhias mais importantes do nosso País, nomeadamente do saudoso Ballet Gulbenkian, é profusamente ilustrada com imagens da época, percorrendo também todo um dilatado período em que não havia registos fotográficos nem fílmicos dos espetáculos de bailado.

Limitada a 3500 exemplares numerados, esta edição bilingue contém a emissão filatélica «Pioneiros da Dan-

ça em Portugal», de 2015, composta por seis selos com o valor facial de €4,14.

Autoria: António Laginha
Tradução: Gabriela Pilkington
Design: Design&etc / Elizabete Fonseca
Impressão e acabamento: Norprint - A Casa do Livro
N.º de páginas: 224
PVP: €40,00

2020 O MEU ÁLBUM DE SELOS



Os Correios de Portugal continuam a publicar todos os anos, um interessante livro temático, dedicado aos mais jovens.

Através dos selos emitidos em 2020 contam a história relativa a esses mesmos selos.

Esta história por sua vez é excelentemente ilustrada com desenhos de Micky.

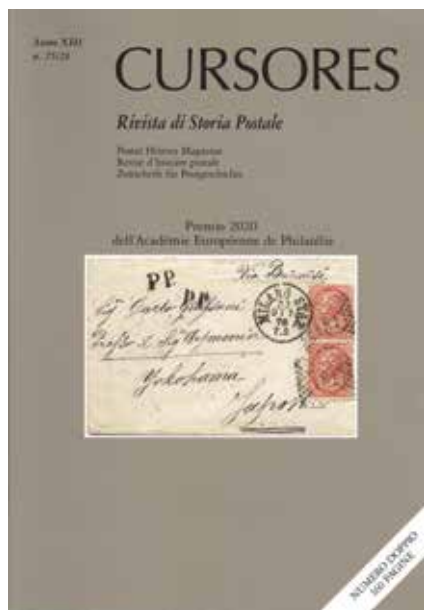
O texto por sua vez é de autoria de Maria Inês de Almeida, autora de muitas obras dedicadas à Juventude.

Dentro do livro encontra-se um sobrescrito onde estão as séries filatélicas, que ilustram a história do livro e que os jovens terão a oportunidade de colocar nos espaços que se encontram na obra ilustrando assim eles próprios o livro e fazendo a simbiose entre os selos e a história aí contada.

É na realidade uma excelente obra que os correios publicam dando a oportunidade de os jovens enriquecerem os seus conhecimentos através da filatelia.

Felicito os CTT-Correios de Portugal por mais esta excelente obra divulgadora da filatelia.

CURSORES



Foi publicado mais um excelente número de CURSORES, revista da Associação Italiana de História Postal.

Esta revista é na realidade de uma qualidade inultrapassável e é igualmente uma das melhores publicações mundiais de História Postal. São 158 páginas com artigos de altíssimo nível, escritos pela nata da filatelia italiana.

Todos os artigos estão magnificamente ilustrados e a qualidade gráfica da publicação é de grande nível.

Este tipo de publicações enriquecem qualquer biblioteca, com artigos de grande valor histórico.

Recomendo vivamente a consulta e se possível compra destas publicações da AISP-Associação Italiana de História Postal.

LE COLLETTORI POSTALI DELLA PROVINCIA DI BELLUNO

Considero a História Postal a classe rainha de toda a Filatelia.

Com as suas peças circuladas podemos fazer a história política e social de uma região de um país.

Nenhuma outra classe filatélica o consegue fazer com tanta realidade e verdade.

A Associação Italiana de História Postal acaba de publicar um trabalho do ilustre filatelista italiano Marco De Biasi, sobre a História Postal da região de Belluno.



Este estudo vai de 1867 a 1917, apresentando-nos uma narrativa clara. O trabalho encontra-se ricamente ilustrado, dando uma maior amplitude e compreensão do estudo que se apresenta.

Este livro é na realidade uma excelente obra de investigação postal e uma excelente mais valia para qualquer biblioteca.

O TIMBRE



Este número 15 da segunda série do Timbre, é talvez uma das melhores revistas alguma vez publicada pelo João Soeiro e pela sua Confraria Timbrológica.

Uma entrevista a José Manuel Pereira, Presidente da Associação de Filatelia e Coleccionismo do Vale do Neiva, que pelas respostas dadas de-

monstra um profundo conhecimento da orgânica filatélica e dos seus problemas e realidades.

Seguem um conjunto de artigos ligados à história de Portugal, onde destaque o excelente artigo de Vítor Gonçalves, Distribuição Postal feita por escuteiros em tempos de guerra.

De destacar ainda a rubrica de Cartas da Mocidade do João Pirolito, onde este continua de forma sarcástica a fazer a crítica mordaz a alguns, que ele entende merecedores da mesma. Agora percebe-se para quem é, e aqui começa o nosso sentido de investigação policial.

Excelente revista que vale a pena ler e guardar como uma das melhores.

Felicitemos o João Soeiro pela excelência da revista.

O TIMBRE



Foi publicado o número 16 da revista O TIMBRE da Confraria Timbrológica Meridional "Armando Álvaro Bóino de Azevedo".

Excelente revista com um conjunto de interessantes artigos.

De destacar uma importante entrevista feita ao Dr. Raul Moreira, Director do Departamento de Filatelia dos Correios de Portugal.

Este é o tipo de revista que deve ser publicada pelos clubes federados.

Excelentes artigos, informação para os sócios e uma paginação e qualidade gráfica irrepreensíveis.

Assim o meu Amigo João Soeiro merece os meus sinceros parabéns pelo número do Timbre agora publicado e que vem na sequência dos úl-

timos números todos de qualidade e nível superior.

Este foi o melhor de todos até hoje publicados.

"A REVOLUÇÃO LIBERAL DE 1820"

EDIÇÃO DOS CTT DISTINGUIDA COM O PRÉMIO GRÉMIO LITERÁRIO 2019



A edição dos CTT "A Revolução Liberal de 1820", recebeu o Prémio Grémio Literário de 2019, um livro que constitui um repositório rigoroso, acessível e pedagógico sobre a fundação do constitucionalismo em Portugal.

Este galardão foi criado em 1966, tendo sido posteriormente reinstituído em 2006. É atribuído, anualmente, a obras originais de criação literária especialmente relevantes, de autores portugueses, e cuja temática deve ser preferencialmente ligada ao século XIX em Portugal, dada a vocação cultural específica assumida pelo Grémio Literário.

Trata-se de um prémio de grande prestígio e que já distinguiu importantes figuras da historiografia e da criação literária no nosso país.

Desde 1983, e até ao final de 2020, os CTT já editaram 191 livros sobre diversos temas de interesse histórico ou científico, prosseguindo assim uma atividade editorial paralela à emissão de selos postais da República.

Com este galardão, os CTT contam já com oito prémios de edição,

entre os quais o de Melhor Livro do Mundo sobre o tema "Pão", atribuído em 2011, em Paris, para a obra "O Pão em Portugal", de Mœette Barboff.

SELOS & MOEDAS



Saiu o número 160 do Selos & Moedas.

Como sempre com muitos artigos interessantes onde destaco o excelente artigo de Luís Frazão, Marcas Negativas no Período Pré-adesivo, o artigo temático de Eduardo de Sousa relativo ao Grande Prémio de França- 1906 . Circuito de Sarthe, e ainda o artigo de Maximafilia de Américo Rebelo, sempre interessante, dedicado às Diversas Aves da Ordem dos Gallifomes, vistas através da Maximafilia.

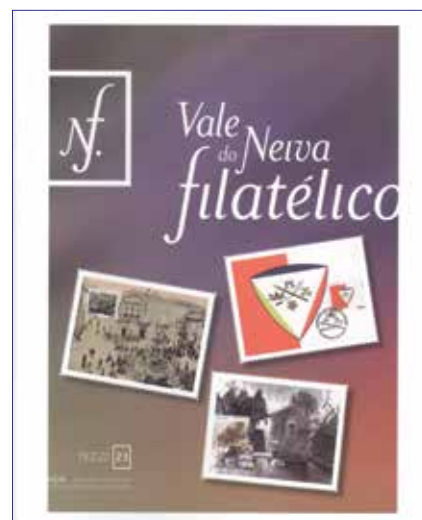
Muito bem ilustrado e com uma paginação irrepreensível.

Trazia dentro uma separata dedicada à marcofilia relativa a carimbos comemorativos.

Continua a ser uma revista que dá prazer ler e guardar.

Parabéns ao João Santos e à sua equipa.

VALE DO NEIVA FILATÉLICO



Saiu mais um número do Vale do Neiva Filatélico. Continua a dar prazer ler esta revista, diversificada, com muitos assuntos de interesse e uma excelente paginação.

Gostei do editorial, que espelha a realidade triste da nossa sina covítica.

OP Eng^o Miranda da Mota continua a sua saga na história postal de Viana do Castelo e continua o excelente artigo que tinha começado no número anterior.

Nesta revista é publicado um interessante artigo dedicado à LOTEROFILIA, a Arte de colecionar bilhetes de lotaria. Nunca me tinha passado pela cabeça que tal pudesse ser colecionável. É na realidade uma coleção excelente em termos temáticos como sociais.

Lembra-se o passado rico da Associação e presta-se homenagem aos Correios de Portugal nos seus 500 anos.

Contudo foi com pena que li a triste notícia do falecimento do Sr. Lima Torres, fundador da Associação de Filatelia e Coleccionismo do Vale. Era um dirigente que eu estimava e por quem tinha grande consideração pela sua acção em prol da filatelia portuguesa. Que descanse em paz.

Termino reconhecendo a excelência deste número e felicito o meu colega José Manuel Pereira e a sua equipa pela publicação agora dada à estampa.

收藏



Coleccione Selos de Macau

Collect Macao's Stamps



集郵商店 QRcode



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491

傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau





LEILÕES P. DIAS, LDA.

LEILOEIROS FILATÉLICOS ❖ PHILATELIC AUCTIONEERS
AVALIAÇÕES | DESDE 1992 SINCE | VALUATIONS

RUA ANTÓNIO PEDRO, 46 - 2.º - P-1000-039 LISBOA - PORTUGAL

PHONE: 00-351-213 223 460 | 466 ❖ FAX: 00-351-213 433 274

<http://www.leiloespdias.pt>

geral@leiloespdias.pt ❖ admin@leiloespdias.pt ❖ teresadias@leiloespdias.pt



TRADIÇÃO EM PORTUGAL E COLÓNIAS

JOHN D. C. SUSSEX - H. SANTOS VIEGAS - EMB. JORGE RITTO

JOÃO VIOLANTE - MIGUEL FÉLIX COSTA - JORGE FÉLIX COSTA

CASTANHEIRA DA SILVEIRA - DR. GONÇALVES NOVO - ANTÓNIO OLMOS

M. SOUSA LOUREIRO - CAP. LEMOS DA SILVEIRA - DR LUÍS FRAZÃO

ROBERT L. HUGGINS - STEVE S. WASHBURNE - ENG. GODINHO DE MIRANDA

TRADITION ON PORTUGAL AND COLONIES